

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

MARILIA COSTA REIS

**O oral/falado e o letrado/escrito:
um olhar para as grafias das vogais pretônicas**

São José do Rio Preto (SP)

2011

MARÍLIA COSTA REIS

**O oral/falado e o letrado/escrito:
um olhar para as grafias das vogais pretônicas**

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de Concentração: Análise Linguística)

Orientadora: Profa. Dra. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto (SP)

2011

COMISSÃO JULGADORA

Titulares

Profa. Dra. Luciani Ester Tenani – Orientadora (UNESP)

Prof. Dr. Manoel Luiz Gonçalves Corrêa (USP)

Profa. Dra. Raquel Salek Fiad (UNICAMP)

Suplentes

Prof^a. Dr^a. Cristiane Carneiro Capristano (UEM)

Prof^a. Dr^a. Fabiana Cristina Komesu (UNESP)

*Aos colegas professores, que militam todos os dias
contra a ignorância.*

A Luciani Ester Tenani,

pela orientação atenciosa, pelos conselhos dados, pela tolerância à minha ansiedade;

**A Cristiane Carneiro Capristano, Fabiana Cristina Komesu e
Manoel Luiz Gonçalves Corrêa,**

pelos comentários generosos, pelas críticas positivas, pelas sugestões solícitas;

A Raquel Salek Fiad

pela disposição imediata, pelo convite aceito;

**A Luana Passos, Márcia Cristina do Carmo e
Priscila Borduqui Campos,**

pelas aflições compartilhadas, pelos momentos agradáveis, pelos conselhos dados;

**A Eduardo Basílio dos Reis, Lucas Costa Reis e
Meire Cristina Ferreira Costa dos Reis,**

pela presença na minha ausência, pelo meu sustento imaterial, pelo colo confortante;

A Delcio Fernandes Domingos,

pelo companheirismo desmedido, pela paciência constante, pela cumplicidade viva, pelos telefonemas confortantes;

A Ana Paula Fabro de Oliveira,

pela amizade presente, pela aflição dividida, pela experiência compartilhada;

A Mara Regina Silveira,

pela disposição constante, pela tradução voluntária,

A Isaac de Faria Ruy e Susa Karen Lourenço,

pela recepção calorosa, pela hospedagem benevolente, pelos momentos divertidos, pela amizade duradoura;

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP),
pela bolsa concedida;

os meus mais sinceros agradecimentos.

Vocês foram fundamentais na elaboração desta dissertação.

Escrever é ter coisas para dizer.

Darcy Ribeiro

Sumário

Considerações iniciais 12

1 *Introdução* Por uma concepção heterogênea de escrita 17

1.1. A heterogeneidade da escrita 17

1.2. A heterogeneidade da ortografia 25

1.3. Resumo 31

2 *Importante* Escolhas e procedimentos teórico-metodológicos 32

2.1. Escrita no Ensino Fundamental: a constituição de um banco de dados 32

2.2. Constituição do *corpus* 35

2.3. As propostas de produção textual 36

2.4. Critérios de seleção dos dados 38

2.5. Procedimentos teórico-metodológicos 44

2.6. Resumo 45

3 *Disciplina* Tendências das grafias não-convencionais 47

3.1. As grafias não-convencionais e os dados de fala: *transcrição fonética e hipercorreção* 47

3.2. As grafias não-convencionais e os dados de fala: *as classes gramaticais* 57

3.3. As grafias não-convencionais e as tendências da convenção ortográfica 63

3.4. Resumo 68

4 *Pesquisa* As grafias não-convencionais como registros da representação do escrevente sobre a escrita 70

4.1. As grafias não-convencionais como registros da *gênese da escrita* 70

4.2. As grafias não-convencionais como registros do *código escrito institucionalizado* 92

4.3. Resumo 103

Considerações finais 105

Anexos 109

Anexo A- Transcrição das propostas de produção textual 109

Anexo B – Tabelas com os resultados de grafias convencionais 112

Anexo C – Quadros com as grafias não-convencionais encontradas 113

Referências Bibliográficas 116

Lista de ilustrações

Figura 1.	Fonte 5C_29_03 _____	21
Figura 2.	Fonte 5B_01_01 _____	23
Figura 3.	Relação não-biunívoca entre letras e sons _____	29
Figura 4.	Fonte 5B_21_02 _____	74
Figura 5.	Proposição da proposta 5 _____	76
Figura 6.	Fonte 5C_19_05 _____	77
Figura 7.	Fonte 5C_23_03 _____	80
Figura 8.	Fonte 5A_28_03 _____	84
Figura 9.	Fonte 5C_27_03 _____	86
Figura 10.	Fonte 5C_01_04 _____	87
Figura 11.	Fonte 5B_21_01 _____	89
Figura 12.	Fonte 5C_14_01 _____	90
Figura 13.	Fonte 5A_15_04 _____	91
Figura 14.	Fonte 5A_10_04 _____	95
Figura 15.	Fonte 5A_10_01 _____	98
Figura 16.	5A_24_01 _____	99
Figura 17.	Exórdio da Proposta 2 _____	100
Figura 18.	5C_35_02 _____	101
Figura 19.	5E_12_02 _____	102

Lista de tabelas

Tabela 1.	Distribuição dos dados nos diferentes contextos _____	49
Tabela 2.	Distribuição dos dados em contextos de acentuação praticamente categórico	50
Tabela 3.	Distribuição dos dados em contextos de acentuação variável _____	52
Tabela 4.	Distribuição dos dados de acentuação variável quanto ao processo envolvido	55
Tabela 5.	Distribuição dos dados quanto ao processo envolvido para os não-verbos __	57
Tabela 6.	Distribuição dos dados quanto ao processo envolvido para os verbos _____	58
Tabela 7.	Distribuição dos dados por tipo de grafia não-convencional, qualidade da vogal e classe gramatical _____	59
Tabela 8.	Distribuição dos dados de verbos por conjugação _____	61
Tabela 9.	Relação entre grafias convencionais e não-convencionais de <e> e <i> _____	64
Tabela 10.	Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (i)	65
Tabela 11.	Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (ii)	66
Tabela 12.	Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (iii)	67
Tabela 13.	Grafias convencionais em contexto de acentuação categórico _____	112
Tabela 14.	Grafias convencionais em contexto de acentuação variável _____	112

Lista de quadros

Quadro 1 -	<i>Temática, exórdio e proposição das seis propostas</i>	37
Quadro 2 -	<i>Possibilidades de registros gráficos das vogais nos verbos</i>	62
Quadro 3 -	<i>Grafias não-convencionais em contextos de alçamento categórico</i>	113
Quadro 4 -	<i>As grafias não-convencionais por transcrição fonética em contextos de alçamento variável</i>	114
Quadro 5 -	<i>As grafias não-convencionais por hipercorreção em contextos de alçamento variável</i>	115

Resumo

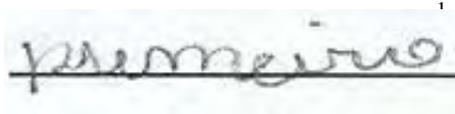
Disserta-se, neste trabalho, a respeito da relação entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, tomando como ponto de observação as grafias não-convencionais das vogais pretônicas, como “enfância” e “pidido”, em textos escritos de estudantes da quinta série (do Ensino Fundamental de oito anos). Na análise realizada, foram encontradas algumas tendências linguísticas das grafias não-convencionais, bem como algumas pistas, deixadas pelo sujeito, de sua representação da escrita. Tal análise partiu da noção da *heterogeneidade da escrita*, segundo a qual a escrita é considerada uma prática social, heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (CORRÊA, 2004). Essa consideração levou-nos, também, a assumir a heterogeneidade da ortografia, que se dá a partir das relações (não-biunívocas) que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala. Quanto às grafias não-convencionais, concluímos que são resultado da percepção, por parte dos escreventes, dessas relações que as letras estabelecem com os sons: as grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, como resultado da percepção da relação que o alfabeto mantém com o fonético-fonológico da língua; as grafias por *hipercorreção*, como resultado da percepção da não-biunivocidade entre letras e sons. No decorrer da análise, observou-se que, tanto as grafias por *transcrição fonética* quanto as por *hipercorreção* podem estabelecer relação com o fenômeno de *alçamento* na fala – que se refere à realização de /e, o/ semelhante à de /i, u/, como em “[i]ngenheiro” e “p[i]dido”. Da análise, conclui-se que as grafias não-convencionais são decorrentes da interpretação, por parte dos escreventes, de [i] e [u] de suas falas de dois modos: i) como vogal alta /i/ ou /u/, grafando <i> ou <u>, o que levou à *transcrição fonética*, como em “pidido” e “mueda”; ii) como vogal média /e/ ou /o/ alçada, grafando, respectivamente, com <e> ou <o>, o que levou à *hipercorreção*, como em “enfância” e “molher”. Tomando dois dos eixos de circulação do escrevente sobre a escrita, propostos por Corrêa (2004), apontamos como algumas características das grafias não-convencionais das vogais podem dar indícios da representação da *gênese da escrita* – nas *transcrições fonéticas*, por fazerem referência aos momentos em que “o escrevente tende a tomá-la [a escrita] como representação termo a termo da oralidade” (CORRÊA, 2004, p. 10) – e do *código escrito institucionalizado* – nas *hipercorreções*, por terem, “como ponto de partida, o que ele imagina ser um modo já autônomo de representar a oralidade” (p.11).

Palavras-chave: vogais; ortografia; oralidade; letramento; alçamento vocálico.

Abstract

The present work is about the relationship between the oral/spoken and literate/written social practices. Our observation focus is the unconventional writings of pretonic vowels such as “*infância*” (childhood) and “*pedido*” (request), in texts written by fifth graders (from the eight-year-Elementary School). In our analysis, some linguistic tendencies of unconventional writings and also some clues of the writing representations left by the subject were found. This analysis is based on the notion of writing heterogeneity by which the writing is considered a social practice built heterogeneously by the movement of the subject between oral/spoken and literate/written social practices (CORRÊA, 2004). This consideration also led us to assume the spelling heterogeneity that happens through the relations (non-biunivoc) that letters of alphabetic writing maintain with speech sounds. Considering the unconventional writing of pretonic vowels, we have concluded that they are results of the writers perceptions from the relations that letters have with sounds: the unconventional writing by phonetical transcription as a perception result that alphabet keeps with phonetic-phonological level of the language; the writing by hypercorrection, as a perception result to the non-biunivocality between letters and sounds. Through our analysis, we observed that not only the phonetic transcription writings but also the hypercorrection writings can establish relations with speech raising phenomenon, related to the use of /e, o/ similar to the use of /i, u/, such as “[i]ngenheiro” (engineer) and “[p[i]dido” (request). From this analysis we could conclude that the unconventional writings are due to the interpretation made by the writers of their speech of [i] and [u] of two ways: i) as a raising vowel /i/ or /u/, writing <i> or <u>, what led to the phonetic transcription, such as in “*pedido*” (request) and “*mueda*” (coin); ii) as a medium vowel /e/ or /o/ raised, writing, respectively, with <e> or <o>, what led to the hypercorrection, such as in “*infância*” (childhood) and “*molher*” (woman). Taking two of the circulation axis of the writer about the writing proposed by Corrêa (2004), we highlight how some writing characteristics of vowel unconventional writings can indicate the writing origin representation in the phonetic transcriptions because they refer to the moments when “the writer tends to take the writing as an oral based representation” (freely translated from CORRÊA, 2004, p. 10) – and the formal writing code – in the hypercorrections, because they were, “as a starting point, what the writer thinks as an autonomous way to represent the orality” (p.11).

Keywords: vowels; orthography; orality; literacy; vowel raising.



Considerações iniciais

Tratar de grafias não-convencionais não significa lidar com erros ortográficos. As escolhas de grafemas discordantes com a convenção ortográfica não se reduzem a simples escolhas erradas ou inadequadas, mas resultam do conhecimento de algumas características do sistema alfabético, bem como da convenção ortográfica da língua portuguesa. Nesta dissertação, são estudadas as grafias não-convencionais de vogais pretônicas, quando há trocas entre <e> e <i> e entre <o> e <u>. Para essas trocas entre grafemas de vogais, há, tradicionalmente, duas classificações: a) os chamados *erros por transcrição fonética* – definidos pela escrita de <i> e <u> onde a ortografia prevê, respectivamente, <e> e <o>, como na escrita de “piqueno” e “buneca”, que costumam ser tratados como resultado de influência da fala na escrita; e b) os chamados *erros por hipercorreção* – definidos pela escrita de <e> e de <o>, onde a ortografia prevê, respectivamente, <i> e <u>, como na escrita de “enfância” e “fogir”, que costumam ser tratados como generalização de uma regra ortográfica aprendida. Disserta-se, neste trabalho, contrariamente a esses posicionamentos, que levam a tratar as grafias não-convencionais como erros ortográficos – resultados de interferência da fala na escrita ou de generalização de regras.

¹ As grafias utilizadas nos títulos dos capítulos são parte dos dados analisados neste trabalho e foram, portanto, retiradas dos textos escritos que compõem o *corpus*.

Recusa-se um posicionamento que assuma a escrita como modalidade da língua que se opõe à modalidade falada. Nega-se, também, a consideração da escrita como um sistema puro, invariável, em oposição à fala, heterogênea e variável. Assume-se, assim, o *modo heterogêneo de constituição da escrita* (CORRÊA, 2004). Nessa perspectiva, a escrita é uma prática social, heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Por meio desse trânsito, o sujeito-escrevente constrói diferentes representações da escrita, que dão pistas das relações (cambiantes) que estabelece entre o oral/falado e o letrado/escrito. A assunção dessa concepção da heterogeneidade de escrita – na análise de grafias não-convencionais de vogais pretônicas – conduz à premissa de que algumas dessas relações podem ser observadas por meio da análise das grafias consideradas.

A concepção de escrita adotada (a ser tratada na seção 1) leva-nos a assumir, também, a heterogeneidade da ortografia. Essa heterogeneidade se dá a partir das possíveis relações que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala. Uma dessas relações se estabelece a partir do princípio acrofônico do alfabeto, em que cada nome de letra indicaria o som por ela representado, em uma dada língua. Segundo Cagliari (2009),

O alfabeto foi criado por um princípio acrofônico, uma espécie de transcrição fonética que não pode ser usada diretamente, porque escreveria de modos diferentes uma mesma palavra da língua, quando pronunciada de modos diferentes em diferentes dialetos. (p. 20)

Conforme aponta o autor, essa relação que as letras estabelecem com os sons se mantêm, embora a variação lingüística impeça que seja uma relação direta. Por exemplo, na modalidade do português falada no interior paulista – de onde provêm os escreventes estudados –, <e, i, o, u> podem representar, respectivamente, [e, i, o, u], em certos contextos. Nesses contextos, a relação letra-som seria biunívoca. No entanto, como apontado por Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a variação lingüística impossibilita uma relação biunívoca – para cada letra, um som – na medida em que cada palavra pode ter diferentes pronúncias, a

dependem da variedade da língua – ou ainda, variação na pronúncia de um mesmo segmento, em uma única variedade. Sendo assim, na variedade do interior paulista, “pedido” pode ter ou não a vogal da sílaba pretônica alçada, o que faz com que a grafia de <e>, tal como previsto pela ortografia, não mantenha relação biunívoca com o som, visto que a vogal /e/, da estrutura da palavra, pode, também, ser realizada como [i] – “p[e]dido” ~ “p[i]dido”. Essa relação não-biunívoca entre letras e sons não é decorrente apenas da variação linguística, pois há, ainda, outros critérios que definem a forma ortográfica das palavras. Um exemplo é o critério etimológico, por meio do qual são consideradas características da história da língua na determinação dos grafemas das palavras. Por exemplo, “descrição” e “discrição” têm grafias distintas em razão de terem origem em diferentes étimos latinos, mas podem ser homófonas, na variedade rio-pretense², dos sujeitos-escreventes dos textos analisados, por exemplo, que realizam ambas as palavras como “d[i]scrição”.

A concepção de escrita assumida também nos leva a tratar das grafias não-convencionais das vogais pretônicas como pontos de observação da relação do sujeito com a linguagem, a partir do modo como representa a relação entre oral/falado e letrado/escrito. A escolha das grafias de <e, i, o, u>, em sílabas pretônicas, como objeto de análise, é feita porque a ortografia da língua portuguesa estabelece uma relação não-biunívoca com o som das vogais /e, i, o, u/, visto que pode haver variação na realização das vogais /e/ e /o/, a saber: de [e ~ i] e [o ~ u], onde são previstos, respectivamente, <e> e <o> – como “m[e]dida”~”m[i]dida” e “c[o]zinhar”~c[u]zinhar”. Há ainda a possibilidade de /e/ e /o/ terem realizações categóricas de, respectivamente, [i] e [u] onde previstos, respectivamente, <e> e <o> – como “m[i]nino” e “m[u]eda”. O conhecimento dessa não-biunivocidade, que conduz os escreventes às grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, como “minino” e

² Embora o dicionário Houaiss aponte “rio-pretano” como relativo a São José do Rio Preto, optou-se por denominar o que é natural dessa cidade como “rio-pretense”, na medida em que esse é o adjetivo predominantemente usado por seus habitantes.

“mueda”, como uma das características da escrita, acaba por levar os escreventes às grafias não-convencionais em contextos fonológicos em que há certa biunivocidade, isto é, nas quais a ortografia é <i> e <u> e a realização fonética é, respectivamente, [i] e [u] – como “infância” e “fugir”, levando a grafias não-convencionais por *hipercorreção*, como “enfância” e “fogir”. Sendo assim, dadas essas possibilidades, podem gerar dúvidas nos escreventes não apenas os contextos de possível não-biunivocidade – sílabas pretônicas em que há, na ortografia, <e, o> –, mas também os contextos relativamente biunívocos – sílabas pretônicas em que há, na ortografia, <i, u>.

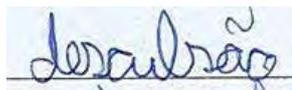
Estabelecidas as perspectivas teóricas acerca da escrita e da ortografia, cabe explicitar a decisão em nomear os dados que investigamos por *grafias não-convencionais* e não *erros ortográficos*. Essa é uma opção teórica baseada na consideração da heterogeneidade da escrita e da ortografia. A heterogeneidade da escrita nega a possibilidade de interferência da fala na escrita, visto que seu modo de constituição heterogêneo se dá a partir do encontro de práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. Dessa forma, as grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, longe de serem “erros” por influência da fala, são resultados da percepção, por parte do escrevente, da relação que o alfabeto mantém com o fonético e o fonológico da língua. As grafias por *hipercorreção*, por outro lado, também não podem ser reduzidas à aplicação “errada” de uma regra ortográfica, na medida em que representam os resultados da percepção da não-biunivocidade entre letras e sons envolvendo <e, o> que levaria os escreventes às grafias não-convencionais em contextos cuja ortografia é <i, u>. Essas percepções de aspectos da ortografia, muitas vezes, conduzem os escreventes a grafarem segundo a convenção ortográfica; e são essas mesmas percepções que podem levá-los a grafarem de modo não-convencional.

Uma vez expostos alguns posicionamentos tomados no presente trabalho, define-se como objetivo central analisar as grafias não-convencionais de vogais pretônicas, com base na

concepção da *heterogeneidade da escrita* (CORRÊA, 2004), buscando responder às seguintes perguntas:

- Há relação entre as grafias não-convencionais dos grafemas <e, i, o, u> e o fenômeno de alçamento das vogais pretônicas?
- O que essas grafias não-convencionais revelam da representação do escrevente sobre a escrita?

Para apresentar as respostas dessas perguntas, o texto foi organizado do seguinte modo: na seção 1, são apresentadas as concepções teóricas adotadas sobre heterogeneidade da escrita e sobre a heterogeneidade da ortografia; na seção 2, são definidas as escolhas teórico-metodológicas assumidas no tratamento dos dados; na seção 3, é analisada a relação entre as grafias não-convencionais de vogais e sua relação com os aspectos fonético-fonológicos; na seção 4, apresenta-se a análise de alguns textos do *corpus* que podem dar indícios da representação do escrevente sobre a escrita. E por fim, apresentam-se as considerações finais.



1. Por uma concepção heterogênea de escrita

Nesta seção, tratamos da concepção de escrita assumida, que se fundamenta na teoria da *heterogeneidade da escrita* (subseção 1.1), e das consequências para a concepção de ortografia, tendo em vista, principalmente, a variação linguística observada nos dados de fala e as grafias não-convencionais identificadas nos dados de escrita (subseção 1.2).

1.1. A heterogeneidade da escrita

Para a realização do trabalho proposto, o de debruçar sobre o estudo da escrita, faz-se necessário, desde o início, assumir uma concepção teórica diante de tal objeto. Entre as diferentes concepções de escrita presentes na literatura, optou-se pela consideração da heterogeneidade da escrita, conforme Corrêa (1997, 2004). Nos referidos trabalhos, o autor apresenta diferentes posturas diante da relação oral/falado e letrado/escrito para, ao posicionar-se diante do quadro apresentado, desenvolver a tese do *modo heterogêneo de constituição da escrita*. Às diferentes posturas a respeito da relação oral/escrito, Corrêa faz uma divisão em duas linhas. A primeira, seguida por Goody (1979 apud CORRÊA, 2004) e Olson (1977 apud CORRÊA, 2004), caracteriza-se pelo estabelecimento de uma dicotomia radical entre fala e escrita. A segunda linha, a partir da qual Corrêa desenvolve sua tese, trata-se dos trabalhos que utilizam a dicotomia entre fala e escrita apenas como um recurso metodológico, como Tannen (1982 apud CORRÊA, 2004), Chafe (1982, 1985 apud CORRÊA, 2004), Biber (1988 apud CORRÊA, 2004) e Marcuschi (2001). Apesar de se opor

a alguns posicionamentos tomados por esses autores – como a compartimentalização de gêneros³ em um *continuum*, sugerida por Biber e reformulada por Marcuschi – reconhece-se, nos trabalhos desses autores, que há traços comuns na fala e na escrita que tornariam impossível a efetiva dicotomização. Marcuschi (2002), por exemplo, comenta o fato de os gêneros que “emergiram no último século” – como *e-mails* e bate-papos virtuais – apresentarem “certo *hibridismo* que desafia as relações entre oralidade e escrita e inviabiliza de forma definitiva a velha visão dicotômica” (p. 21). À luz das reflexões propostas por essa segunda linha de abordagem da relação fala/escrita e das considerações acerca do caráter dialógico da linguagem formuladas por Bakhtin (2000, 2006), Corrêa constrói a tese da heterogeneidade da escrita que assumimos e que passamos a detalhar.

No que tange às considerações feitas pelos pesquisadores da segunda linha, tomadas como argumento para a constituição heterogênea da escrita, Corrêa destaca a especial importância das colocações a respeito da relação entre os fatos de linguagem e as práticas sociais, desenvolvidas em Marcuschi (1995 apud CORRÊA, 2004) e reformuladas em Marcuschi (2001). Nesses textos, o autor apresenta a fala e a escrita como fenômenos das práticas sociais de oralidade e de letramento. Considerando essa afirmação, Corrêa (2004) nota que

se os fenômenos de fala e escrita dados à observação podem ser vistos enquanto fatos linguísticos e enquanto práticas sociais, não se pode deixar de considerar a íntima relação entre um fato linguístico e uma prática social. [...] De minha parte, assumo que os fatos linguísticos do falado/escrito são práticas sociais e estão ligados, portanto, às práticas orais/letradas. (p. 2)

Justifica-se, então, a opção de Corrêa, no decorrer de seu texto, pela redação *oral/falado e letrado/escrito*, conjuntamente, – ao invés de *oral e letrado*, de um lado, e *falado e*

³ A compartimentalização de gêneros é feita em um *continuum*, de modo que os gêneros textuais estariam distribuídos gradativamente entre os polos da fala e da escrita. Segundo essa perspectiva, os gêneros escritos e falados podem estar próximos tanto do polo da fala, quanto do polo da escrita. Uma entrevista publicada em uma revista, por exemplo, embora se trate de gênero escrito, estaria mais próxima do polo da fala, enquanto uma notícia em um telejornal, embora seja um gênero falado, estaria próxima do polo da escrita.

escrito, de outro – para fazer referência aos fatos de linguagem e às práticas sociais simultaneamente, pois parte da consideração de que “todo fato linguístico vincula-se a uma prática social” (p.2). A consideração de que falado/escrito são práticas sociais ligadas às práticas orais/letradas, segundo o autor, é argumento que nega a possibilidade de opor fala e escrita apenas por seus aspectos materiais – respectivamente, fônico e gráfico.

Defendendo a heterogeneidade constitutiva da escrita, Corrêa (2004) aproxima-se de alguns autores⁴, particularmente de Chacon (1996, 1998), que trabalhou “as relações entre escrita e oralidade, buscando o modo pelo qual o ritmo da escrita se ‘congela’ através de marcas gráficas” (1996, p. 10). As reflexões desenvolvidas por Chacon e as considerações a respeito do gesto por parte de Luria (1988 apud CORRÊA, 2004) e de Vigotski (1988 apud CORRÊA, 2004), quando tratam da escrita infantil, levam Corrêa (2004) a constatar a heterogeneidade da escrita desde sua base semiótica, observando que

o papel do gesto como um dos elementos não-verbais co-atuantes na enunciação pela escrita está ligado a outros materiais significantes, como os sinais gráficos de pontuação e as marcas fônico-acústicas ligadas aos padrões rítmico-entonacionais. Constata-se, pois, que o feixe de materiais significantes está perfeitamente integrado no modo pelo qual a escrita se processa”. (p. 8)

Com base nas concepções teóricas tomadas e na consideração da escrita enquanto processo (e não enquanto produto, como fazem os adeptos da dicotomia radical entre fala e escrita), o autor conceitua o modo heterogêneo de constituição da escrita como “o encontro entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito, considerada a dialogia com o já falado/escrito e ouvido/lido” (p. 9).

⁴ Segundo Corrêa (2004), suas escolhas o aproximam de “Street (1984), que fala explicitamente de um misto entre o oral e o letrado; Tfouni (1994), que defende o letramento como ‘um processo, cuja natureza é sócio-histórica’ (*op. cit.*, p. 50); Abaurre (1989, 1990a, 1990b, 1994) e Abaurre et al., (s/d e 1995), especialmente em seus estudos de aquisição da escrita; Silva (1991), ao tratar da escrita espontânea de crianças; e Chacon (1998), que, desenvolvendo algumas hipóteses de Abaurre sobre aquisição da escrita, vê a organização do heterogêneo da linguagem por meio do ritmo da escrita” (p. 4 e 5).

Considerando que, no interior das mais diversas práticas sociais, é construído o imaginário social da escrita – “produto das imagens socialmente construídas sobre ela” (CORRÊA, 2004, p. XIX) –, o autor propõe a apreensão de sua constituição heterogênea a partir da representação da escrita assumida pelo escrevente. Os registros dessas representações da escrita dariam contribuições à heterogeneidade da escrita. Essas representações circulariam em torno de três eixos, cujas pistas linguísticas evidenciariam a relação que propõe o escrevente entre oral/falado e letrado/escrito, bem como o modo como representa a si e ao interlocutor.

O primeiro eixo de circulação por essas representações é o da *gênese da escrita*. Para Corrêa (2004), os registros escritos associados a esse eixo são identificados por um tipo de mixagem entre o oral/falado e o letrado/escrito, em que “o escrevente confere à escrita um poder quase ilimitado de representação e fidelidade representacional” (p. 82). Os registros deste primeiro eixo podem ser observados nas diferentes dimensões da linguagem, das quais nos interessa, particularmente, a dimensão fônica. Busca-se, com este trabalho, evidenciar que os registros deste eixo são passíveis de observação nas escolhas dos grafemas de vogais pretônicas, que indiciam tentativas de registro de certas características segmentais da fala. Conforme aponta Corrêa, nos registros dos três eixos verifica-se o modo como o escrevente se marca em sua escrita. Dentre os aspectos notados pelo autor com relação a esse primeiro eixo, destacamos: “o caráter de novidade de sua intervenção” (2004, p. 82), como marcas da sua individuação histórica; a “aproximação e envolvimento entre os interlocutores” (2004, p.82); e a aproximação entre (sua) escrita e seu mundo (2004, p.129).

Como exemplo da apreensão desse eixo nos dados analisados, trazemos, de modo pontual, um trecho de um dos textos do *corpus* (figura 1).

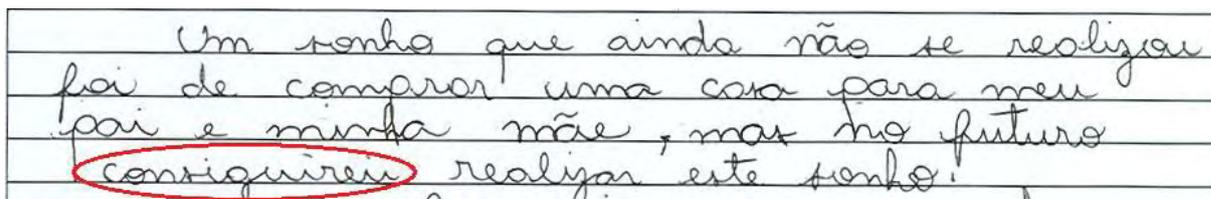


Figura 1. Fonte 5C_29_03⁵

Quanto à grafia não-convencional, observa-se uma tentativa de aproximação entre fônico e gráfico, quando, na grafia da palavra “consequirei”, o escrevente escolhe <i>, a fim de representar o som [i], possível pronúncia da palavra para o sujeito-escrevente desse texto⁶. Essa grafia dá indícios do reconhecimento do princípio acrofônico do alfabeto, em que o nome das letras indica o som que representam na escrita. Esse reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com aspectos fonético-fonológicos da língua revela indícios de uma suposição da escrita como “representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material significante (o fônico) no outro (o gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades” (CORRÊA, 2004, p. 83).

O segundo eixo é o que orienta a circulação do escrevente pelo imaginário da escrita como *código escrito institucionalizado*. Nos registros escritos desse eixo, observa-se um encontro do oral/falado e do letrado/escrito que “tem, pois, como pano de fundo, a visão do letrado/escrito como um modo autônomo de expressão, em cujo processamento – identificado, no caso estudado, à escrita culta formal – o escrevente se espelha”. (p. 166)

Para a pesquisa que empreendemos, o modo autônomo de expressão aparece identificado, também, à escrita culta formal, particularmente em seu aspecto ortográfico. O

⁵ As legendas das figuras são notações adotadas pelo banco de dados de onde foram retirados os textos do *corpus*, na sequência adotada – 5X_YY_Z – X indica turma, Y, o número do estudante e Z, o número da proposta. Sendo assim, a Figura 1 se refere a um trecho de um texto escrito durante a proposta 3, pelo estudante 29 da quinta série, turma C.

⁶ Cf. Carmo (2009).

escrevente, ao tomar a escrita como código institucionalizado, “reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (p. 165). Algumas escolhas de grafemas em contexto de vogal pretônica indiciam certa assimetria de valores entre os diferentes grafemas, cuja valorização se daria por um distanciamento, “como um modo autônomo de expressão” (CORRÊA, 2004, P. 165), do escrito em relação ao falado. Nessa representação, a escrita, bem como a ortografia, aparece como capaz de “representar inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto” (p. 166).

É verdade que, para o estabelecimento da ortografia, tiveram de ser adotados certos critérios e foram selecionados aspectos da oralidade (cf. seção 1.2 “A heterogeneidade da ortografia”). No entanto, é preciso considerar duas mediações nesse primeiro momento de criação de uma escrita para uma língua ágrafa: (a) a mediação produzida pela consideração da dimensão fônica, que, como outras dimensões da língua, é passível de variação; e (b) a mediação que, buscando suprir as deficiências da primeira, é produzida pelo estabelecimento da convenção ortográfica – que seleciona uma das variedades da língua e acrescenta ainda outros critérios. Essas duas primeiras mediações no estabelecimento da escrita de uma dada língua atuam, também, no desenvolvimento gradativo da escrita por parte dos escreventes.

Uma das tendências do segundo eixo de representação da escrita baseia-se no entendimento, por parte dos escreventes, de que as convenções ortográficas, apesar de se pautarem também pelo critério da fala, não dependem, sempre, dele. Esse fato e a crença – firmada na escola – de que tal relação levaria à “interferência da fala” na escrita, são dois fatores que conduziriam os escreventes a distanciarem a (sua) escrita da sua fala. Para o caso específico dos textos do *corpus* desta investigação – textos escritos, produzidos em contexto escolar com a finalidade de compor banco de dados de pesquisas da Universidade Estadual

Paulista (Unesp), *campus* de São José do Rio Preto –, a escola de ensino fundamental e a Unesp são os lugares institucionais para onde os escreventes dos textos analisados tentariam alçar, num movimento de distanciamento da sua fala, em direção a uma escrita pura.

Para exemplificar a emergência deste tipo de representação da escrita nos dados analisados, apresentamos um trecho de outro texto do *corpus* (figura 2).

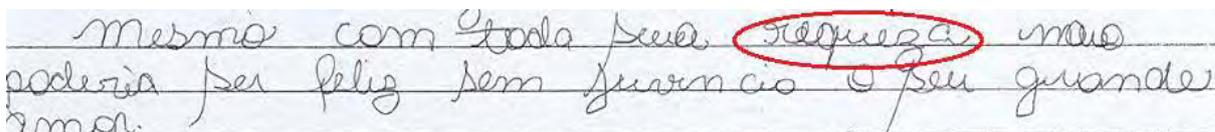


Figura 2. Fonte 5B_01_01

Diferentemente do mostrado na análise da figura 1, na figura 2, a escolha não-convencional do grafema <e>, em “riqueza”, indicia busca por apagamento do fonético no gráfico, por uma representação que se faz do *código escrito institucionalizado*, como uma escrita pura em relação à fala. Esse distanciamento entre grafemas e fonemas, reconhecido e almejado pelos escreventes, dão indícios de uma representação da escrita como capaz de representar “inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto” (CORRÊA, 2004, p. 166).

O terceiro eixo de circulação do imaginário sobre a escrita é o da dialogia com o já falado/escrito. Por meio dessa representação da escrita, “o escrevente põe-se em contato não só com tudo quanto teve de experiência oral, como também com a produção escrita em geral” (CORRÊA, 2004, p. 11). Na análise desse eixo, o autor focou o olhar nos trechos em que o escrevente faz remissões a espaços do oral/falado e do letrado/escrito, em que é possível evidenciar a necessária relação dialógica que a (sua) escrita mantém com outros discursos. Embora, também, os outros dois eixos evidenciem esse caráter dialógico, não só da escrita, mas da linguagem em geral, a observação deste eixo em particular permitiu ao autor explicitar

o “tipo de circulação dialógica que permite ao escrevente marcar *zonas de contato* com o que representa como sua exterioridade” (p. 237, grifos do autor). Embora não se descarte sua importância para a consideração da heterogeneidade da escrita, na análise aqui empreendida, o terceiro eixo não será considerado, por extrapolar a relação que se pretende observar entre práticas orais/faladas e letradas/escritas, notada na escolha do grafema de vogal pretônica. Sendo assim, as referências que o escrevente faz a experiências de (suas) práticas de oralidade e de (suas) práticas de letramento serão analisadas a partir dos outros dois eixos.

Embora reconheçamos que a circulação do escrevente por eixos de representação da escrita pode ser identificada nas várias dimensões da linguagem, para a análise da grafia das vogais pretônicas, examinaremos o registro desses eixos, partindo de três vieses: a) a escolha do grafema; b) a escolha lexical; c) a proposta de escrita em que aparece a ocorrência. Os vieses (a) e (b) possibilitam traçar relação entre as escolhas do escrevente, as convenções ortográficas e os dados de fala, e o viés (c), relação entre a proposta de produção textual e o escrito pelo escrevente.

O olhar para os dados de grafias não-convencionais de vogais pretônicas é direcionado a partir da concepção de escrita que acabamos de explicitar, enquanto a seleção dos dados partirá de certas características fonológicas das vogais médias pretônicas, particularmente aquelas relativas à variedade do português falada pelos sujeitos escreventes dos textos desta pesquisa. Na análise das grafias não-convencionais, a fonologia terá, neste trabalho, um papel instrumental no tratamento dos dados, possibilitando a descrição das regularidades linguísticas, por um lado, e a identificação de indícios da relação entre sujeito e linguagem, por outro.

1.2. A heterogeneidade da ortografia

Como se sabe, a ortografia da língua portuguesa é estabelecida em forma de lei. E, por isso, escrever ortograficamente significa seguir leis de amplitude nacional (ou até internacional, no caso do acordo entre os países lusófonos⁷). Ao ensinar ortografia, a escola – além de contribuir para a formação de leitores e escritores proficientes – desempenharia um papel na formação cidadã dos estudantes, no que diz respeito ao cumprimento com a lei de seu país. Ao lado das convenções ortográficas, as convenções gramaticais – concordâncias e regências verbal e nominal, por exemplo –, as convenções para as escolhas lexicais – restrição de uso de certas palavras em certos (con)textos – e as convenções para o uso da pontuação são regulamentados pelas gramáticas normativas, constituindo, assim, aspectos de uma escrita institucionalizada, estabelecida a partir de uma concepção de escrita como planificação, a fim de unificar a escrita de um grupo social. Corrêa (2004), a respeito da escrita institucionalizada, aponta que a concepção de escrita como planificação “implica, de fato, censura ao que supostamente deve ser excluído na regulamentação da atividade linguística” (p. 182).

Para o estabelecimento da ortografia como lei, vários critérios foram utilizados. Segundo Massini-Cagliari e Cagliari (1999), a ortografia, como a conhecemos, nasceu de uma espécie de escrita fonética, que “consiste em representar os sons da fala, exatamente como eles foram pronunciados” (p. 29). Como primeiros critérios da escrita, portanto, tomaram-se

⁷ Desde 1943, Brasil e Portugal intencionavam o estabelecimento de uma ortografia comum, a ser utilizada nas publicações e no ensino em ambos os países. No entanto, somente em 1990 a Academia de Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras chegaram a um consenso ortográfico, que contou com a adesão de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste (posteriormente à sua independência, em 2004). No Brasil, o acordo vigora desde o início de 2009 e, em Portugal, desde 13 de maio do mesmo ano. Nos demais países lusófonos, ainda se espera sua implementação.

algumas das características segmentais da fala⁸. É sabido que essas características não são homogêneas na língua. Pode haver variação na realização de um mesmo segmento entre diferentes variedades linguísticas, entre falantes de uma mesma variedade ou, até mesmo, entre diferentes situações de uso da língua vividas por um mesmo falante. Essas variações levariam a uma grande possibilidade de registros gráficos se o critério fonético fosse o único a ser levado em conta. Por esse motivo, tornou-se necessária a criação da ortografia, ou seja, uma forma regulamentar única de grafar as palavras de uma língua (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1999, p. 29-30). Para a determinação dessa forma única, o critério fonético se manteve, no entanto, a partir da seleção de uma das variedades da língua (a variedade de mais prestígio social). A ortografia, portanto, ao apagar e homogeneizar as diferenças existentes entre variedades linguísticas (a partir da seleção de características fonéticas de apenas uma das variedades da língua), acaba por servir como forma de contenção da variação⁹. Do modo como é concebida, apesar de a ortografia ter nascido do registro de sons da língua, realizados na fala, a soma de outros critérios no decorrer de sua história acaba por desfazer sua relação direta com a fala, ainda que se considerasse a variedade de prestígio, na qual foi baseada. Massini-Cagliari e Cagliari (1999, p. 123) comentam que a escolha da ortografia de uma palavra é “*arbitrária* – isto quer dizer que tal forma pode representar a pronúncia de parte da população (como no caso da palavra ‘*viver*’) ou de ninguém (como no caso da palavra ‘*muito*’)” (grifos dos autores).

⁸ Dentre as características fonéticas e fonológicas da fala, são representadas, na escrita, algumas características segmentais e não-segmentais. As características segmentais são representadas pelas letras do alfabeto, estabelecendo relação entre os grafemas da escrita e os fonemas da fala. As características não-segmentais são representadas, por exemplo, por alguns acentos – estabelecendo relação com a tonicidade da palavra e alguns sinais de pontuação que estabelecem relação com a prosódia da língua (a esse respeito, cf. TENANI; SONCIN, 2009).

⁹ A afirmação de que a ortografia serviria para conter a variação advém do fato de que “existe, na nossa sociedade, a crença de que a ortografia das palavras refletiria a pronúncia ‘correta’ das palavras” (MASSINI-CAGLIARI e CAGLIARI, 1999, p.31), de modo que, com o acesso à escolarização, o conhecimento da convenção ortográfica levaria a uma “correção” da própria fala.

Ainda com relação ao estabelecimento dos critérios da ortografia, de acordo com Scliar-Cabral (2003),

“uma ou mais letras (os grafemas) representam fonemas e alguns de seus alofones (variantes de um mesmo fonema), que resultam nas unidades que distinguem o significado na escrita (a segunda articulação). Deve-se notar, contudo, que um outro princípio diferente também ocorre: o etimológico” (p. 38, grifos nossos).

Esse distanciamento da escrita em relação às características fonéticas dos segmentos da língua abriu espaço para critérios de natureza fonológica, estabelecendo relação entre os fonemas – que distinguem significado na língua – e os grafemas – que distinguem significado na escrita. Ou seja, na relação grafema-fonema, não é possível haver biunivocidade entre letras e sons, visto que pode haver variação na realização fonética de determinados fonemas – como é o caso do grafema <d>, que teria relação com o fonema /d/, mas que, em certas variedades do português, pode realizar-se como [dʒ] diante de [i]. Além disso, com vistas a manter registradas certas características da história da língua, houve, também, a consideração de critérios etimológicos, que acabam por garantir a identificação, por meio da escrita, de palavras distintas, como é o caso, por exemplo, de “descrição” e “discrição”¹⁰: as vogais pretônicas têm a mesma realização fonética em vários dialetos da língua portuguesa, mas as palavras se distinguem entre si quanto ao significado, identificado, na escrita, pela grafia (determinada a partir de critérios etimológicos) de <e> ou <í>.

Considerando esses diferentes critérios somados na ortografia no decorrer de sua história e partindo da concepção da *heterogeneidade da escrita*, assumimos, com Corrêa (2004, p. XXIV), uma “heterogeneidade que, sendo constitutiva da própria língua, afeta também a noção de norma e, em particular, de norma escrita culta”. Considera-se, neste trabalho, a partir das características levantadas, a heterogeneidade da ortografia, desde a sua

¹⁰ De acordo com o dicionário Houaiss (2009), “descrição” deriva do latim “*descriptio, ónis*” e “discrição” de “*discrêto, ónis*”.

constituição. Como forma de apreender tal heterogeneidade da própria convenção, evidenciamos como os critérios observados na criação de uma ortografia para a língua portuguesa podem ser tomados como registros dos eixos da representação social da escrita. No caso dos critérios fonético e fonológico, que preveem alguma relação mais direta com a fala, identificamos registros da *gênese da escrita*: “ao projetar um material significante (o fônico) no outro (o gráfico)”, a ortografia “tende a identificar as duas modalidades” (CORRÊA, 2004, p. 83). No caso do critério etimológico, por se tratar de uma escolha (institucionalizada) que registra certas características da história da língua e não outras, identificamos uma representação do *código escrito institucionalizado*, que “reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (p. 165). Essas constatações mostram que as *representações da escrita* – como a *gênese da escrita* ou como um *código escrito institucionalizado* – podem ser observadas desde a seleção dos critérios por quem estabeleceu a ortografia.¹¹

Vários critérios de diferentes naturezas compõem a ortografia, ainda que os critérios fonéticos e fonológicos pareçam ser os mais proeminentes. Essa heterogeneidade constitutiva da convenção ortográfica torna as relações entre letras e sons não-biunívocas, tanto na escrita das consoantes, quanto na escrita das vogais. Tal não-biunivocidade se dá na medida em que a ortografia estabelece relação dos grafemas com os fonemas, conforme comenta Scliar-Cabral (2003, p. 38) e, na língua, alguns fonemas podem ter mais de uma realização possível, a depender, por exemplo, do contexto fonológico e da variedade da língua. No que toca à grafia das vogais, essa não-biunivocidade pode ser ilustrada na figura 3.

¹¹ Corrêa (2004), ao explorar a representação da escrita dos escreventes, no seu caso, os vestibulandos, faz a seguinte colocação: “ao valorizar a representação que o escrevente faz da (sua) escrita, do interlocutor e de si mesmo, pretendo chegar a uma especificidade da experiência linguística que não traduz apenas a imagem que ele, individualmente, faz da escrita, mas uma representação adquirida do grupo de que faz parte, da escola que frequenta, do vestibular que presta...” (p. XXIV, grifos nossos)

Letra	Som	EXEMPLOS
<e>	[e]	“desenho”
<i>	[i]	“engenheiro” “ficar”
<o>	[o]	“mostrar”
<u>	[u]	“coelho” “lugar”

Figura 3. Relação não-biunívoca entre letras e sons

Os grafemas <i> e <u> manteriam relação com os fonemas, respectivamente, /i/ e /u/, bem como os grafemas <e> e <o>, com os fonemas, respectivamente /e/ e /o/. A variação linguística desfaz, no entanto, a relação direta entre letra e som, na medida em que a ortografia estabelece uma única forma de grafar as palavras da língua, enquanto, na fala, esses fonemas podem ter diferentes possibilidades de realização fonética, como é o caso das vogais médias na posição pretônica. Na fala do interior paulista, região de São José do Rio Preto, à qual pertencem os sujeitos desta pesquisa, por exemplo, em alguns contextos de sílaba pretônica, há variação entre [e ~ i] – como em “m[e]dida” ~ “m[i]dida” – ou entre [o ~ u] – como em “c[o]mendo” ~ “c[u]mendo”. As pesquisas já realizadas para essa variedade de fala (CARMO, 2009; SILVEIRA, 2008) identificaram que essas realizações variáveis de [e ~ i], para /e/, e de [o ~ u], para /o/ são decorrentes do fenômeno de *alçamento*. Por meio desse fenômeno, as vogais médias /e, o/ se realizam, respectivamente, como [i, u]¹². Há contextos de sílaba pretônica, porém, em que não há variação de aplicação do alçamento e, embora

¹² As realizações fonéticas que, por hipótese, seriam das vogais médias-altas /e, o/, variam de acordo com a variedade de fala considerada. Quando ocorrer as vogais altas [i, u], caracteriza-se o fenômeno de *alçamento*, verificado em praticamente todas as regiões brasileiras (VIEGAS, 1987; SILVA, 1991; BISOL, 1981; SCHWINDT, 2001); quando ocorrer as vogais médias-baixas [E, O], caracteriza-se o fenômeno de *abaixamento*, verificado, principalmente, no Norte e no Nordeste (CELIA, 2004).

fonologicamente sejam previstas as vogais médias /e/ e /o/, a realização fonética é geralmente [i] e [u] – como em “[i]ngenheiro” e “c[u]elho”. Além desses contextos passíveis de sofrerem alçamento, interessa a este trabalho palavras que tem sílabas pretônicas com as vogais altas /i, u/, cujas realizações são, respectivamente, [i] e [u] – como em “[i]car” e “[u]gar”, em contextos semelhantes aos que pode ocorrer o alçamento. Na escrita, essas vogais pretônicas poderão ser grafadas com <e, i, o, u>, a depender da convenção ortográfica da palavra. Sendo assim, por um lado, o fone [i] poderá ser grafado tanto com <e> (“engenheiro”), quanto com <i> (“ficar”); do mesmo modo, o fone [u] poderá ser grafado tanto com <o> (“coelho”), quanto com <u> (“lugar”). Por outro lado, na escrita, o grafema <e> poderá representar tanto o fone [e] (“desenho”), quanto o fone [i] (“engenheiro”); do mesmo modo, o grafema <o> poderá representar tanto o fone [o] (“mostrar”), quanto o fone [u] (“coelho”)¹³.

Essa correspondência não-biunívoca entre letras e sons, na ortografia das vogais, somada à constituição heterogênea da ortografia, leva os escreventes a dúvidas quanto à grafia de palavras que envolvem escolhas entre os grafemas <e, i> e <o, u>. Muitas dessas escolhas acabam por conduzir aos chamados *erros ortográficos*, que são tradicionalmente reduzidos a enganos ou falta de domínio das regras por parte do escrevente. Contrariamente a essa postura, como anunciado nas considerações iniciais, essas grafias que fogem da convenção ortográfica serão tratadas como “preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem” (ABAURRE; FIAD; MAYRINK-SABINSON, 1997, p.16). Sob este ponto de vista, essas grafias não-convencionais terão um especial destaque neste trabalho, por serem entendidas como lugares privilegiados de observação da relação do sujeito com a linguagem, a partir do encontro que estabelece entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito.

¹³ Baseamo-nos, para a escolha dos exemplos, em resultados apresentados por Silveira (2008) e Carmo (2009).

1.3. Resumo

Na seção 1, foi apresentada a concepção de escrita que fundamenta as escolhas metodológicas (tratadas na seção 2) e a análise dos dados (seções 3 e 4), a saber: a *heterogeneidade da escrita*, evidenciada pelos registros escritos dos três eixos de representação da escrita. Em seguida, discutiu-se a constituição da ortografia, dados os pressupostos assumidos. Das discussões feitas sobre a heterogeneidade da ortografia, convém reter que: a) a convenção ortográfica é heterogênea quanto aos critérios em que se baseia, critérios de natureza fonética, fonológica e etimológica; b) ao estabelecer esses critérios, a relação letra-som torna-se não-biunívoca, o que pode levar os escreventes às grafias não-convencionais de vogais pretônicas.

importante

2. Escolhas e procedimentos teórico-metodológicos

Nesta seção, tratamos das escolhas teórico-metodológicas, quanto às características do banco de dados (subseção 2.1), quanto aos critérios de seleção dos textos do *corpus* (subseção 2.2) e quanto à delimitação dos dados (subseção 2.3). Apresentam-se, também nesta seção, os procedimentos quantitativos e qualitativos que viabilizam a análise dos dados (subseção 2.4). E, por fim, apresentamos um resumo das questões tratadas nesta seção (subseção 2.5).

2.1. Escrita no Ensino Fundamental: a constituição de um banco de dados

O conjunto do material é parte de um banco de dados de textos escritos por estudantes do Ensino Fundamental, constituído no âmbito do projeto de extensão universitária “Desenvolvimento de Oficinas Pedagógicas de Leitura, Interpretação e Produção Textual”, coordenado pelas Profas. Dras. Luciani Ester Tenani e Sanderléia Longhin-Thomazi, com financiamento da PROEX-Unesp. Tal projeto de extensão conta com a participação de estudantes do curso de Letras e do programa de pós-graduação em Estudos Linguísticos, ambos da Unesp, *campus* de São José do Rio Preto, que elaboram e desenvolvem atividades previstas pelo projeto em uma escola estadual nessa mesma cidade. O projeto (desenvolvido de 2008 a 2011) atendeu, na época da coleta dos textos que selecionamos para esta pesquisa, estudantes de quinta a oitava séries do Ensino Fundamental (de oito anos).

O projeto de extensão se caracteriza por dois tipos de atividades. Uma consiste no oferecimento de minicursos, de participação não-obrigatória dos estudantes, em que se discute temas voltados para o ensino de língua portuguesa – como as características das convenções ortográficas e dos usos da pontuação, por exemplo. Outro tipo de atividade consiste na realização de oficinas de produção escrita, em aulas de Língua Portuguesa, durante as quais são coletados os textos escritos pelos estudantes. De modo geral, o tempo disponibilizado pela escola para a realização dessas oficinas é de, no máximo, uma aula de cinquenta minutos por mês. Foi, pois, neste curto tempo, que os estudantes, escreventes dos textos analisados, conheceram a proposta, discutiram-na e redigiram seus textos.

A partir dos textos escritos durante as seis oficinas coordenadas pelos estudantes de Letras, de abril a novembro de 2008, foi constituído um banco de dados transversal, com 2756 textos de estudantes das quatro séries do Ensino Fundamental que são oferecidas pela escola. Além desse banco transversal, está em constituição um banco de dados longitudinal das quatro últimas séries do Ensino Fundamental. Em 2008, foram coletados os textos de todos os estudantes então matriculados na quinta série; em 2009, dos matriculados na sexta série; em 2010, dos matriculados na sétima série; e, em 2011, estão sendo coletados os dos estudantes matriculados na oitava série. Desse modo, ao final do projeto, será possível identificar um conjunto de textos produzidos pelos mesmos estudantes ao longo dos quatro anos cursados nessa escola pública. Este trabalho versa sobre os textos produzidos, em 2008, pelos estudantes que cursavam a quinta série.

No evento discursivo em que foram produzidos os textos do *corpus*, não esteve encoberta a função que permeava a elaboração das propostas e que, portanto, atravessa, também, as produções textuais. Lembramos que os textos do *corpus* foram produzidos com a finalidade de constituir um *banco de dados* (fato que não era ignorado pelos escreventes) e,

portanto, as propostas elaboradas tinham como horizonte a coleta de um grande contingente de material escrito para análises posteriores. Por este motivo, conforme se apresenta na subseção 2.3, as propostas de produção textual visavam o estímulo à produção escrita dos escreventes, a partir da seleção de temáticas interessantes aos adolescentes.

Outra característica dos textos pertencentes ao banco de dados se refere ao destinatário dos escreventes, posição que, nesse caso particular, pode ser ocupada não apenas pela escola, representada pelo professor de português, mas também pela Unesp, representada pelos seus pesquisadores ou pelo estudante de Letras que coordenava as oficinas. Lembramos, no entanto, que algumas das propostas determinavam um destinatário – a carta, por exemplo, a ser escrita a um parente –, embora os leitores reais dos textos, fato conhecido pelos escreventes, fossem os pesquisadores da Unesp. Não negamos, no entanto, que, neste caso, a imagem do familiar como destinatário fictício do texto possa conduzir o escrevente a determinadas escolhas, mas enfatizamos o fato de estarem, irremediavelmente, mediadas pelos reais interlocutores.

Nesse sentido, entendemos que as características pré-determinadas dos textos – como a extensão, com número mínimo e máximo de linhas, a serem redigidos em espaço específico da folha, bem como por outras características formais, como um título, na maioria das propostas, e o cabeçalho, na proposta da carta, por exemplo e o fato de haver, nos textos, um diálogo estabelecido com a instituição coletora de seus textos, a Unesp, e a instituição que media essa relação, a escola – são características específicas dos textos do *corpus* e, portanto, não devem ser negligenciadas na análise.

2.2. Constituição do *corpus*

Expostas as características do banco de dados, passamos à descrição dos critérios de seleção dos textos que compõem o *corpus*.

Conforme mencionado, foram selecionados, para análise, os textos escritos pelos estudantes que cursavam a quinta série em 2008. A escolha por esses textos foi motivada por dois principais fatores. O primeiro surgiu a partir das características do próprio banco de dados escolhido. Como mencionado, o banco de dados é constituído por uma amostra transversal – textos de estudantes de quinta a oitava série, coletados em 2008 – e por outra amostra longitudinal – textos dos mesmos estudantes da quinta à oitava série, a ser concluída em 2011. Sendo assim, os textos do *corpus* compõem as duas amostras do banco de dados, de modo que os resultados desta pesquisa poderão contribuir com estudos, quer de interesse transversal, quer de interesse longitudinal. O segundo fator que motivou tal escolha partiu da consideração de que, por estarem na quinta série, esses estudantes, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de Língua Portuguesa, deveriam, ao concluir a quarta série: “escrever textos com domínio da separação em palavras, estabilidade de palavras de ortografia regular e de irregulares mais frequentes na escrita e utilização de recursos do sistema de pontuação para dividir o texto em frases;” (PCN, 1997, p. 80, grifo nosso). A escolha por dados de quinta série partiu, pois, da leitura dos textos desses escreventes, nos quais há palavras com as características descritas, mas em desacordo com a ortografia. Assim, esta pesquisa contribui, também, por investigar quais as hipóteses motivadoras das grafias não-convencionais que se sobreporiam às metodologias de ensino utilizadas na escola, cujo objetivo é atingir essas expectativas dos PCNs.

A partir do contingente de textos escritos pelos estudantes mencionados, selecionamos para compor o *corpus* apenas as produções daqueles que tivessem participado de, ao menos cinco, das seis oficinas de produção textual realizadas em 2008, como forma de garantir que os escreventes selecionados fossem frequentadores assíduos das aulas de língua portuguesa. O *corpus* desta pesquisa conta, portanto, com 682 textos, totalizando, aproximadamente, 76% dos 898 textos do banco de dados, escritos por estudantes da quinta série.

2.3. As propostas de produção textual

Conforme pontuamos, os textos analisados resultaram de seis propostas de produção textual¹⁴, apresentadas e discutidas com os estudantes, que, posteriormente, produziram os textos que são o *corpus* deste trabalho. Dos vários elementos que compõem as seis propostas, importam para este trabalho, especialmente, aqueles a que chamamos de *temática*, *exórdio* e *proposição*. A temática teria como objetivo envolver o interlocutor e estimulá-lo à produção escrita e parece, pois, estar determinada a partir de uma imagem do interlocutor adolescente. O exórdio teria como objetivo chamar a atenção do interlocutor e conduzi-lo a realizar o proposto. A proposição, por fim, teria papel central na proposta, pois guiaria a produção escrita dos escreventes, determinando algumas de suas escolhas. Segue, portanto, um quadro sinóptico das características desses três elementos, em cada uma das seis propostas:

Proposta	Temática	Exórdio	Proposição
1	Relacionamento amoroso, sob uma perspectiva humorística.	Tirinha narrando a história de um casal que é perseguido durante uma fuga.	“escreva um texto em que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho”
2	Autobiografia.	Trecho de um cordel que narra a história de um	“escreva também um cordel que conte um

¹⁴ No anexo A, na íntegra.

Proposta	Temática	Exórdio	Proposição
		capoeirista.	pouco de sua história”
3	Pedidos individuais a um poço dos desejos.	Tirinha em que há um poço dos desejos.	“produza um texto contando os seus maiores sonhos:, quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc”
4	Utilização do MSN como meio de comunicação.	Tirinha que mostra a diferença entre as atividades de uma criança do campo e outra da cidade.	“Escreva uma carta ao seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagem por meio do MSN”.
5	Olhar de um terrestre para outro planeta.	Descrição do planeta Terra, por um extraterrestre.	“escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como era o planeta e seus habitantes”.
6	Viagem para a Disneylândia.	Fotografia da Disneylândia.	“conte como espera que sejam esses oito dias da viagem”

Quadro 1 - Temática, exórdio e proposição das seis propostas

Nota-se, portanto, que, quanto à temática, todas parecem tratar de assuntos que seriam interessantes aos adolescentes, circundando espaços como os do amor, dos sonhos e das fantasias. Quanto ao exórdio, há uma predominância pela conjugação de enunciados verbais e visuais, embora nas propostas 2 e 5 o exórdio seja formado somente por enunciados verbais. Já a proposição aparece bem diversificada em cada uma das propostas, conforme se nota no quadro 1, de modo que se observa certa semelhança entre as propostas 1, 5 e 6 – todas referentes à produção de textos narrativos –, as propostas 2 e 4 – embora a proposta 2 também se trate de um texto narrativo, nessas duas propostas, apresenta-se um formato, baseado, respectivamente, nos gêneros cordel e carta pessoal – e, em menor semelhança com as demais, a proposta 3 – cuja proposição não deixa claro o formato do texto, levando à escrita de uma espécie de lista de pedidos. São, portanto, essas características das propostas de

produção textual apresentadas aos escreventes dos textos analisados que consideramos na análise apresentada na seção 4.

2.4. Critérios de seleção dos dados

Como o objetivo desta pesquisa é analisar grafias de <e, i, o, u> em posição pretônica, apresentam-se, nesta subseção, os critérios que conduzem a seleção dos dados. Lembramos que, quanto às grafias não-convencionais, são consideradas apenas as decorrentes da troca de <e> e <o>, respectivamente, por <i> e <u> como em “filizes” (“felizes”) e “descubriu” (“descobriu”) e, semelhantemente, de <i> e <u> por <e> e <o>, como em “enfanceia” (“infância”) e “logar” (“lugar”). Desse modo, não são consideradas as ocorrências “preucurou” (“procurou”), “inagualável” (“inigualável”), “paracendo” (“parecendo”) e “pudir” (“pedir”), em que a grafia não-convencional se daria pela substituição por outras vogais ou por ditongo, que não teriam relação com a variação na realização das vogais médias na fala, que é o foco deste trabalho.

Quanto à seleção dos dados, compreendidos pelas grafias convencionais e não-convencionais, dentre as palavras que continham os grafemas <e, i, o, u>, são excluídos da análise:

- a) nomes próprios que, por não serem determinados por uma ortografia, não permitem observar a relação entre as grafias dos escreventes e a convenção ortográfica institucionalizada;
- b) nomes de países que, por existirem ortografias diferentes nas línguas estrangeiras que deveriam ser consideradas na análise, extrapolam os objetivos desta pesquisa, restrita à ortografia da língua portuguesa;

- c) palavras de classes gramaticais como conjunções, preposições etc. que, por terem comportamento diferenciado quanto às características fonológicas, dificultam a análise do comportamento da vogais pretônicas, como se faz com nomes e verbos;
- d) palavras não dicionarizadas ou em uso não institucionalizado, como “tremilhonário” e “zuar”: por impossibilitarem uma relação semelhante à que se estabeleceria com as demais palavras consideradas;
- e) palavras que, devido a rasuras ou dificuldades de interpretação do manuscrito, não favoreciam a identificação da vogal como sendo <e> ou <i>, por exemplo, por não possibilitarem identificar a escolha feita pelo escrevente;
- f) palavras cujas grafias não-convencionais requeriam a análise de questões que fogem aos objetivos desta pesquisa, como “mode” (moeda) e “derrepente”, “com binação”, que inviabilizam uma análise semelhante à das demais palavras, por envolverem, respectivamente, a grafia de ditongo e a segmentação de palavras.

As palavras desses tipos foram excluídas do levantamento quantitativo por possuírem, em comum, características que inviabilizam a comparação com os demais dados. Além dessas palavras, alguns contextos linguísticos são excluídos da análise, por também apresentarem traços que os particularizam em relação aos demais contextos considerados, impossibilitando, assim, a comparação. Para a delimitação desses contextos, baseamo-nos na descrição do fenômeno de *alçamento*, na variedade de São José do Rio Preto, conforme Silveira (2008), para os nomes, e Carmo (2009), para os verbos.

Conforme comentado, o foco deste trabalho é a relação entre as possibilidades de realização fonética das vogais pretônicas como [e, i] e [o, u] e as possibilidades de registro gráfico dessas vogais como, respectivamente, <e, i> e <o, u>, considerando-se a convenção ortográfica. Em outras palavras, neste trabalho, observa-se: a) as grafias de palavras com

ortografia em <e, o>, quando há possibilidade de a realização fonética não coincidir com a convenção ortográfica, como em “pedido”, que, devido ao *alçamento* da vogal /e/, realiza-se como “p[i]dido”; b) as grafias de palavras com ortografia em <i, u>, cuja realização fonética coincide com a ortografia, como “infância” e “fugir”, mas que, apesar dessa coincidência, podem gerar dúvidas nos escreventes, pela semelhança com contextos em que há variação, evidenciadas pelas chamadas *hipercorreções*, como em “enfância” e “fogir”. Em concordância com esses objetivos, são excluídos os contextos em que, na fala, não se espera a ocorrência do fenômeno *alçamento* e, assim, há pouca possibilidade de não coincidirem a letra e o som, como em:

- i) vogal inicial <e, i, o, u>, como em “irmão” e “orelha” (exceto quando <e, i> é seguido de <s, x, n, m> na mesma sílaba, como será explicitado a seguir);
- ii) certos prefixos, que podem apresentar uma fronteira de palavra em relação ao vocábulo a que está afixado, impossibilitando a harmonização vocálica¹⁵ e, portanto, diminuindo a possibilidade de variação, como em “previsão” (exceto o prefixo “des-”, como será explicitado a seguir);
- iii) vogais pretônicas em ditongos, que, por estarem seguidas de uma semivogal, apresentam um comportamento fonológico particular, que impossibilita a ocorrência de *alçamento*¹⁶, como <e> em “preocupado”.

Cabe esclarecer a aparente contradição que pode sugerir a exclusão dos dados que apresentam os contextos fonológicos ora descritos por não se esperar variação fonética na realização das vogais /e, o/ pretônicas – como “hospital” e “emergência” – e a inclusão de dados cujos contextos fonológicos também não têm variação na realização das vogais /i, u/ pretônicas – como “infância” e “discussão”. Tais exclusões e inclusões se justificam a partir

¹⁵ A esse respeito, cf. Collischonn (1999).

¹⁶ Um breve comentário a esse respeito pode ser encontrado em Carmo (2009).

do objeto desta pesquisa, que é a grafia não-convencional das vogais pretônicas pela troca não-convencional de <e, o> por, respectivamente, <i, u> – como “pidido” e “bunitinho” – ou de <i, u> por, respectivamente, <e, o> – como “infância” e “fogir”. Nos contextos de /e, o/ onde não é possível a realização de [i] e [u], em que a ortografia é <e> e <o>, não são esperadas grafias não-convencionais pela escolha, respectivamente, por <i> ou por <u>, que se justifiquem a partir de uma relação entre fala e escrita. No entanto, para os contextos de /i, u/, que também não têm realização variável, onde a ortografia prevê <i> e <u>, são esperadas, e ocorrem com frequência, grafias de <e> e de <o>, devido à semelhança entre esses contextos e os contextos em que há variação na realização de /e, o/. Por esse motivo, excluímos os contextos em que /e, o/ não terão realizações variáveis em [e ~ i], [o ~ u] e incluímos os contextos de /i, u/ que, apesar de não terem realizações fonéticas variáveis, apresentam grafias flutuantes na escrita.

Ressalta-se, também, o fato de que se trata sempre de “contextos” – e não de “palavras” – em que se espera ou não o fenômeno de *alçamento*. Algumas palavras em que há contexto propício à realização de alçamento podem não sofrê-lo, bem como outras em que se espera variação quanto a sua aplicação, sofrem-no categoricamente. Consideramos como pertencentes ao contexto *alçamento variável*, o verbo “atendia” – que não teve alçamento nos dados analisados por Carmo (2009) – e o nome “preguiçosa” – que teve alçamento categórico em Silveira (2008) –, por terem vogais pretônicas em contextos passíveis de realização de alçamento.

Ainda outro destaque a ser feito é quanto à denominação dos contextos de <i, u> também como contextos de *alçamento*, ainda que se trate de contextos de vogais altas /i, u/. O alçamento de que tratamos se refere à elevação das vogais médias /e, o/, que passam a se realizar semelhantemente às vogais altas /i, u/. Neste caso, quando a ortografia é <i, u> em

posição pretônica, não há contexto de alçamento, pois as vogais a que fazem referência são, respectivamente, as vogais altas /i, u/. No entanto, diferentemente da fala, na escrita, palavras em que há vogais pretônicas médias e altas podem apresentar comportamento semelhante (Cf. seção 3). Por esse motivo, baseamo-nos em contextos em que há o alçamento, como “enfermeira” – vogal <e> seguida de consoante <n> –, mas consideramos, também, contextos semelhantes em que há vogal alta, como “infância”. Deste modo, embora a grafia de <e>, em “ênfância”, não mantenha relação direta com o alçamento da vogal pretônica na fala – o que poderia se considerar em “infermeira” –, tratamos ambos os casos como contextos de *alçamento*, por considerar que ambas as trocas de grafemas podem manter relação com este fenômeno da fala.

Além das exclusões e escolhas feitas neste trabalho, para o estabelecimento de relação coerente entre os dados de fala e os dados de escrita, foi necessária uma classificação dos dados em dois grupos, a partir das características apontadas pelos trabalhos que tratam de vogais pretônicas na fala. Chamamos esses grupos de (1) *contextos de alçamento praticamente categórico* e (2) *contextos de alçamento variável*, lembrando que, em todos os contextos, há as possibilidades de ortografia em <e, i> e <o, u>. De modo geral, os trabalhos de cunho fonético-fonológico ou variacionista realizados a respeito das vogais pretônicas consideram que, quando há variação entre [e ~ i] ou entre [o ~ u], trata-se de diferentes realizações fonéticas para as vogais, respectivamente, /e/ ou /o/. Para esses trabalhos, a realização de /e/ como [i] e de /o/ como [u] é decorrente do fenômeno de *alçamento*. Os trabalhos realizados a respeito desse fenômeno, em especial Silveira (2008), sobre os nomes, e Carmo (2009), sobre os verbos, na variedade rio-pretense focalizaram essa variação e

excluíram de suas análises os contextos¹⁷ em que essas vogais sofrem aplicação de *alçamento* praticamente categórica, como em:

(a) vogal /e/ seguida de /N/ ou /S/ – contextos analisados, inicialmente, por Naro (1973), para a variedade carioca, e, também, por Borduqui (2011), para a variedade rio-pretense, são altamente favorecedores do alçamento;

(b) vogal /e/ ou /o/ em contexto de hiato – segundo Bisol (1981), foi observado o alçamento nesses contextos desde o século XVI, por Fernão de Oliveira (1536 apud BISOL, 1981), e

(c) prefixo “des-” (ou palavras com a mesma estrutura) – estrutura estudada, por exemplo, por Schwindt (2001), para a variedade gaúcha, e Marcato (2010), para a variedade rio-pretense, apresenta comportamento particular em função de informação morfológica que carrega.

Neste trabalho, esses contextos não serão excluídos, pois apresentam comportamento particular em relação aos demais contextos estudados, propiciando, também, a análise da relação que os escreventes estabelecem entre fala e escrita.

As considerações sobre o alçamento das vogais pretônicas justificam, portanto, a divisão das palavras extraídas do *corpus* da pesquisa em dois grupos. Dos contextos selecionados para análise, fazem parte do grupo (1) *contextos de alçamento praticamente categórico*, apenas os seguintes: (i) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como em “inteiro”, “empolgada”, “estrada”, “exposição”; (ii) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis”, como em “desligado” e “distante”; e (iii) <e, i, o, u> em contexto de hiato, como em “cadeado” e

¹⁷ Não tratamos aqui da caracterização de cada um dos contextos excluídos, sob pena de desvio do foco desta pesquisa, e remetemos o leitor aos trabalhos referenciados.

“ritual”. Todos os demais contextos de vogal pretônica considerados que não se encaixam nesses critérios fazem parte do grupo (2) *contextos de alçamento variável*.

2.5. Procedimentos teórico-metodológicos

Seguindo os objetivos delineados, a partir das abordagens teóricas adotadas, trilhou-se, na análise, dois percursos teórico-metodológicos. O primeiro percurso consistiu em um levantamento quantitativo de todas as grafias convencionais e não-convencionais do *corpus*, que apresentassem os contextos linguísticos selecionados. E, como segunda abordagem teórico-metodológica, adotou-se o *Paradigma Indiciário* de Ginzburg (1991), que conduziu a busca por indícios deixados pelo escrevente da sua relação com a linguagem, bem como da relação que estabelece entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, a partir das grafias das vogais pretônicas.

Para fazer o levantamento quantitativo dos dados, foram identificadas, em todos os textos do *corpus*, todas as grafias convencionais e não-convencionais de <e, i, o, u> na posição pretônica. Feita a catalogação, foram, então, organizadas as grafias encontradas por grafema e por contexto fonológico. Quando a palavra tinha mais de uma sílaba pretônica com os grafemas considerados, foi repetida a palavra de acordo com o número de sílabas pretônicas que apresentava – a palavra “continuar”, por exemplo, foi copiada três vezes (continuar¹, contínuar², continuuar³). Esse procedimento foi necessário, a fim de que a contagem pudesse ser realizada a partir da ferramenta “contar palavras” do Microsoft Office Word 2007, que levou-nos aos resultados que apresentamos na análise.

Concluída essa etapa de levantamento quantitativo das ocorrências, partimos a uma análise de cada texto do *corpus* em que foram encontradas grafias não-convencionais. Sobre

esses textos, conduziu-se uma análise de cunho qualitativo, a partir de metodologia fundamentada no *Paradigma Indiciário* (GINZBURG,1991). Trata-se de uma metodologia baseada nas observações e percepções do pesquisador, que deve estar atento aos detalhes, às singularidades. Vários autores como Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997), Corrêa (1997; 2004), Capristano (2003), e Paula (2007), utilizaram dessa metodologia na análise de dados de escrita. As primeiras autoras, além de usarem essa metodologia baseada na análise de indícios em sua pesquisa, defendem tal paradigma como relevante na análise de grafias não-convencionais, uma vez que os dados singulares se tornam altamente reveladores em pesquisas sobre a aquisição da escrita¹⁸.

A leitura de todos os textos em que ocorreram grafias não-convencionais levou-nos à identificação de alguns indícios da relação do sujeito com a linguagem que pretendemos desvendar. Por esse motivo, dispensa-se uma análise exaustiva de cada um dos textos, neste momento, dedicando o espaço à análise dos dados singulares que se mostraram representativos da relação do sujeito com a linguagem, a partir do encontro que propõe entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, notado a partir da representação da *gênese da escrita* e do *código escrito institucionalizado*, a serem abordados na seção 4.

2.6. Resumo

Nesta seção, apresentamos as escolhas teórico-metodológicas que viabilizam a observação das relações entre a convenção ortográfica, a escolha do grafema pelos escreventes e a realização dessas vogais na fala. No que diz respeito ao *corpus*, foram

¹⁸ No mesmo artigo, as autoras comentam a respeito do modo como esses “erros” cometidos por escreventes em fase de aquisição, durante algum tempo, não foram vistos como indiciadores de um processo: “Durante um longo período, os estudos e práticas pedagógicas ignoraram o fato de que os “erros” cometidos pelos aprendizes de escrita/leitura eram, na verdade, preciosos indícios de um processo em curso de aquisição da representação escrita da linguagem, registros dos momentos em que a criança torna evidente a manipulação que faz da própria linguagem, história da relação que com ela (re)constrói ao começar a escrever/ler” (Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson, 1997, p. 17).

selecionados textos escritos por estudantes de quinta série, que já passaram por período médio de cinco anos de escolarização e já utilizam grande parte das convenções ortográficas, particularmente, em seus textos. A seleção dos dados foi feita a partir de critérios, em sua maioria, de base fonológica, que guiaram a seleção e a análise dos dados. Por fim, foram descritas as metodologias de análise quantitativa e de análise qualitativa, baseada no *Paradigma Indiciário* de Ginzburg (1991), que conduzem aos resultados apresentados nas seções 3 e 4.

disciplina

3. Tendências das grafias não-convencionais

Nesta seção, apresentamos a análise e os resultados do levantamento quantitativo das grafias não-convencionais das vogais pretônicas encontradas em textos de estudantes de quinta série. Apresenta-se, pois, a relação observada entre essas grafias não-convencionais e as possibilidades de realização das vogais em sílaba pretônica, tomando como objeto de análise as grafias não-convencionais por *transcrição fonética* e por *hipercorreção*, de modo geral (subseção 3.1), e de acordo com as duas classes gramaticais *verbo* e *não-verbo* (subseção 3.2). Além disso, apontamos a relação entre algumas tendências da ortografia, depreendidas a partir dos dados do *corpus*, e as grafias não-convencionais analisadas (subseção 3.3). Ao fim, apresentamos um resumo do que foi discutido nesta seção (subseção 3.4)

3.1. As grafias não-convencionais e os dados de fala: transcrição fonética e hipercorreção

Nesta subseção, buscamos, a partir do levantamento das grafias convencionais e não-convencionais de vogais pretônicas que apresentam os contextos linguísticos selecionados, resultados que possam ser reveladores da relação que os dados de grafias não-convencionais de <e, i, o, u> quer do tipo *transcrição fonética*, quer do tipo *hipercorreção* podem manter com os dados de fala, relativos ao alicamento das vogais pretônicas na variedade de São José do Rio Preto (SILVEIRA, 2008; CARMO, 2009).

Quanto ao resultado geral, identificamos 16.303¹⁹ ocorrências de grafias convencionais e não-convencionais de <e, i, o, u>, em palavras com sílabas pretônicas no *corpus*. As não-convencionais contabilizaram apenas 263 ocorrências ou 1,6% do total de ocorrências, resultado compatível com o esperado de estudantes de quinta série, uma vez que tiveram já um longo período de contato com textos escritos e com a convenção ortográfica, ao menos no que proporcionaram os cinco anos de escolarização no Ensino Fundamental.

Quanto às grafias não-convencionais encontradas, foram classificadas de acordo com a proposta de Cagliari (1998), quanto aos tipos de *erros ortográficos* encontrados em textos de escreventes na chamada *aquisição da escrita*. Dentre as classificações propostas pelo autor, relacionam-se com nosso trabalho os chamados *erros por transcrição fonética* e por *hipercorreção*. O *erro por transcrição fonética* é tradicionalmente tratado como interferência da fala na escrita, como na grafia de “engenheiro” (para “engenheiro”), em que a grafia prevista é <e>, mas a realização da vogal /e/ da sílaba pretônica costuma ser [i], semelhante ao nome do grafema <i>. Neste trabalho, porém, as entendemos como indícios do reconhecimento, por parte do escrevente, do princípio acrofônico do alfabeto, ou seja, da relação que as letras do alfabeto estabelecem com os sons da fala. O *erro por hipercorreção*, no entanto, costuma ser tratado como generalização de uma regra de um contexto a outros semelhantes, como na primeira sílaba de “enfancia” (para “infância”), em que o reconhecimento de que <e> na escrita, muitas vezes, representa [i] na fala, como na palavra “engenheiro”, levaria à escolha de tal grafema no lugar de <i>, resultando em *erro ortográfico*. Contrariamente a esta postura, reconhecemos, nessas grafias não-convencionais, preciosos indícios da percepção, por parte do escrevente, de que, embora haja, no alfabeto,

¹⁹ No anexo B, constam as tabelas com o total de grafias de vogal pretônica encontrado no *corpus*, por grafema e por proposta.

certa relação entre letras e sons, esta se dá de modo não-biunívoco, sobretudo quando se trata de vogais em posição pretônica.

O resultado do levantamento quantitativo dos tipos de grafias não-convencionais encontrados no *corpus* mostrou que, de modo geral, há uma distribuição uniforme entre os dois tipos considerados, apresentando uma pequena tendência à *transcrição fonética* – com 135 ocorrências (51,3%) – em relação à *hipercorreção* – com 128 ocorrências (48,7%). Considerados esses dois tipos de grafias não-convencionais de vogais pretônicas em relação aos dois contextos fonológicos em que pode ocorrer alçamento vocálico, apresentamos a Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos dados nos diferentes contextos²⁰

Tipos de grafias não-convencionais	Alçamento praticamente categórico	Alçamento variável
<i>Transcrição fonética</i>	1,50% (56/3.724)	0,63% (80/12.579)
<i>Hipercorreção</i>	1,13% (42/3.724)	0,67% (85/12.579)
Total	2,63% (98/3.724)	1,31% (165/12.579)

Os percentuais de grafias não-convencionais, dentre o total de ocorrências de palavras com vogais <e, i, o, u>, em cada contexto de sílaba pretônica, são, em maior proporção, em contextos de alçamento praticamente categórico (total de 2,63%) – sendo 1,50% de ocorrências por *transcrição fonética* e 1,13% de ocorrências por *hipercorreção* – do que em contextos de alçamento variável (total de 1,31%) –, sendo 0,63% de ocorrências por *transcrição fonética* e 0,67% de ocorrências por *hipercorreção*. Esses dados percentuais, de modo geral, não nos permitem sugerir uma tendência dos escreventes quanto a grafarem a partir do reconhecimento do princípio acrofônico do alfabeto – *transcrição fonética* – ou a partir do reconhecimento da não-biunivocidade entre grafemas e fonemas – *hipercorreção*.

²⁰ Os percentuais são obtidos a partir da proporção de grafias não-convencionais dentre o total de grafias de <e, i, o, u> nos contextos considerados.

Como apresentado na descrição dos dados selecionados para análise, são três os contextos de acento praticamente categórico, a saber: (i) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como em “esperto” e “infância”; (ii) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis”, sendo essa sílaba prefixo, como em “desempregado”, ou não, como em “desmaiar” e “disparado”; e (iii) <e, i, o, u> em contexto de hiato, como em “cadeado” e “moeda”. Observamos, a partir da tabela 2, a seguir, que, dentre esses três contextos, são mais frequentes, percentualmente, em relação aos acertos para cada contexto, as grafias não-convencionais no contexto (ii), com 18% de ocorrências (sendo 12% por *transcrição fonética* e 6% por *hipercorreção*). Contudo, esse é o contexto com menor número de ocorrências (com 18 grafias não-convencionais em 100 ocorrências do contexto), em relação ao total de 2.322 ocorrências do contexto (i) e a 1.302 ocorrências do contexto (iii). A pouca recorrência de palavras no contexto (ii) não é exclusividade da amostra trabalhada, na medida em que, na língua portuguesa, o prefixo “des-” – somado às palavras que se iniciam por “des” é menos recorrente em relação aos demais contextos analisados. Essa característica do contexto (ii) pode, portanto, ter levado à diferença de porcentagem observada entre os resultados.

Tabela 2. Distribuição dos dados em contextos de acento praticamente categórico

Tipos de grafias não-convencionais	Contextos de acento praticamente categórico		
	(i)	(ii)	(iii)
<i>Transcrição fonética</i>	0,99% (23/2.322)	12% (12/100)	1,61% (21/1.302)
<i>Hipercorreção</i>	1,12% (26/2.322)	6% (6/100)	0,77% (10/1.302)
Total	2,11% (49/2.322)	18% (18/100)	2,38% (31/1.302)

Buscando investigar as características das vogais pretônicas na fala, relevantes para este estudo, fez-se uma inspeção acústica de dados de fala de sujeitos da variedade rio-

pretense. A inspeção foi feita a partir de gravações de leitura de diferentes frases, em que havia palavras com os três contextos de alçamento praticamente categórico²¹. Nos contextos (i) e (iii), a vogal alçada aproximava-se, acusticamente, mais da vogal alta /i/ que da vogal média /e/, com frequências de F1 279,1 Hz e F2 2895,2 Hz²². No contexto (ii), especificamente, os resultados encontrados no espectrograma não evidenciaram presença de vogal, de modo que apareciam apenas as consoantes [dz] ou [ds]. Essa característica fonética desse contexto (ii), isto é, o fato de, na realização dessa sílaba pretônica, não haver, necessariamente, a realização de vogal, somada à pouca recorrência desse contexto na língua e conseqüentemente na escrita, podem também ter levado os escreventes a uma maior dúvida na grafia desse contexto.

Os dados de grafias não-convencionais em contextos de alçamento variável foram, primeiramente, divididos a partir da qualidade da vogal em coronal <e, i> ou dorsal <o, u>, em função da relação que pode ser estabelecida entre as vogais médias-altas na escrita e na fala, pois /e/ e /o/ têm, na fala, comportamento distinto com relação ao alçamento.²³ Os resultados obtidos para esses contextos podem ser observados na tabela 3, a seguir:

²¹ A análise acústica foi feita por ocasião da disciplina “Fonética Acústica”, no primeiro semestre do ano de 2009, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. Agradecemos os comentários e as sugestões da Profa. Dra. Larissa Berti na execução do trabalho.

²² Analisamos as frequências relativas de vogais, em frases lidas e gravadas, em três repetições, por três informantes do sexo feminino. Na realização das vogais médias-altas, as médias das frequências encontradas foram, para [e], F1 445.4 Hz e F2 2498.5 Hz e, para [o], F1 445.1 Hz e F2 774.1 Hz. Nas vogais altas, as médias das frequências medidas foram, para [i], F1 256.1 Hz e F2 2373 Hz e, para [u], F1 273.5 Hz e F2 905.6 Hz. Nas vogais alçadas, os resultados das médias das frequências medidas foram, para /e/ alçado, F1 279.1 Hz e F2 2895.2 Hz e, para /o/ alçado, F1 302.9 Hz e F2 864,1 Hz. Assim, verificou-se que as frequências de F1 e F2 das vogais médias alçadas aproximam-se mais das vogais altas do que das vogais médias.

²³ Em Bisol (1981), podem ser encontradas informações a respeito da diferença com relação ao alçamento para as coronais e as dorsais, bem como nos trabalhos de Silveira (2008) e Carmo (2009) para a variedade dos sujeitos falantes-escreventes analisados neste trabalho.

Tabela 3. Distribuição dos dados em contextos de alçamento variável

Tipos de grafias não-convencionais	Contextos de alçamento variável	
	Coronais	Dorsais
<i>Transcrição fonética</i>	0,50% (39/7.797)	0,84% (40/4.782)
<i>Hipercorreção</i>	0,89% (70/7.797)	0,33% (16/4.782)
Total	1,38% (109/7.797)	1,17% (57/4.782)

As grafias não-convencionais do tipo *transcrição fonética* se distribuem de modo mais próximo em número e em porcentagem entre os contextos de coronais – com 39 ocorrências (0,50%) – e os de dorsais – com 40 ocorrências (0,84%). Ou seja, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção do princípio acrofônico do alfabeto – <i> pode representar [i] e <u> pode representar [u] –, não se observa diferença percentual relevante entre os dados relativos à substituição de <e> por <i> e de <o> por <u>. No entanto, levando-se em conta as ocorrências por *hipercorreção*, há número e porcentagem maior de grafias não-convencionais em contexto de coronais – 70 ocorrências (0,89%) – do que em contexto de dorsais – 16 ocorrências (0,33%). Sendo assim, quando o escrevente coloca em relevo sua percepção da não-biunivocidade entre fonemas e grafemas da escrita – de que [i] também pode ser representado por <e> e [u], por <o> –, há uma predominância pela substituição de <i> por <e> (como “premeiro”), em relação à substituição de <u> por <o> (como “fogir”). Uma possível explicação para essa porcentagem maior de grafias não-convencionais por *hipercorreção*, em contexto de vogal coronal, será dada a seguir.

O fenômeno de *alçamento* das vogais pretônicas, na variedade rio-pretense, bem como a comparação dessa variedade em relação a outras variedades das regiões Sul e Sudeste, foi

estudado por Silveira (2008), para os não-verbos (substantivos e adjetivos), e por Carmo (2009), para os verbos. Essas autoras constataram que o fenômeno é mais recorrente para as coronais do que para as dorsais. Ou seja, a realização da vogal coronal /e/ como [i] – como em “p[i]queno” – é mais recorrente que a realização da vogal dorsal /o/ como [u] – como em “p[u]dia”. Diferentemente do que poderia ser esperado para os dados de escrita, com relação ao tipo de grafia não-convencional para as coronais, como dissemos, foi encontrado no *corpus* mais ocorrências do tipo *hipercorreção* que do tipo *transcrição fonética*. Ou seja, se os escreventes se baseassem apenas em sua fala, seriam esperadas mais substituições de <e> por <i> – *transcrição fonética* – do que de <i> por <e> – *hipercorreção* –, contrariamente ao que foi encontrado nos dados. Esse resultado demonstra a capacidade de perceber a realização variável das vogais na fala, bem como da heterogeneidade da ortografia quanto aos critérios que são utilizados ao serem fixadas as formas únicas para as palavras. As características das coronais na fala permitem, pois, afirmar que frequentemente, o grafema <e>, na sílaba pretônica, não coincide com o som da fala, uma vez que, devido à grande recorrência do fenômeno de alçamento para as coronais, sua realização fonética é, muitas vezes, [i]. Por ser recorrente essa não-coincidência entre letra e som, para as coronais, pode ter levado os escreventes a optarem preferencialmente por <e>, nos momentos de dúvidas, em que, na fala, poderia ser [i]. Na ortografia, no entanto, os contextos em que na fala é [i] podem ser grafados tanto com <e>, quanto com <i>, de modo que, quando a escolha do escrevente por <e> não resultou na grafia estabelecida pela convenção ortográfica, ocorreu uma grafia não-convencional por *hipercorreção*.

Embora tenhamos considerado inicialmente as grafias não-convencionais por *transcrição fonética* como evidência do reconhecimento da relação que as letras do alfabeto estabelecem com os sons da fala, e as grafias não-convencionais por *hipercorreção* como evidência da percepção da não-biunivocidade entre as letras e os sons, não significa que o

escrevente, ao grafá-las, não tenha percebido outras relações. Isto é, dizer que as grafias foram motivadas por uma espécie de transcrição da fala não significa dizer que o escrevente desconheça a heterogeneidade da ortografia ao formular sua hipótese sobre a grafia da palavra. Semelhantemente, seria um equívoco dizer que as grafias não-convencionais por *hipercorreção* não evidenciam o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético e o fonológico da língua.

Por notar que todas as grafias não-convencionais podem evidenciar o reconhecimento da relação que a ortografia estabelece com o fonético-fonológico da língua, optou-se por analisar os dois tipos de grafias não-convencionais conjuntamente, a partir dos contextos em que ocorreram. Essa análise será realizada, a seguir, com relação aos dados em contexto de alçamento variável.

É importante retomar, com relação à ocorrência do fenômeno de *alçamento* na fala, que há, na literatura em fonologia, basicamente, duas explicações para a realização fonética das vogais médias ser semelhante à das vogais altas. Lemle (1974), Camara (1969) e Bisol (1981), por exemplo, explicam a partir da *harmonização vocálica*, que se dá quando a vogal média se realiza como uma vogal alta por influência de uma vogal alta da sílaba seguinte, como em “ac[**u**]stumado”²⁴. Abaurre-Gnerre (1981) propõe, também, uma explicação por meio da *redução vocálica*, que se caracteriza por haver o levantamento de altura da vogal média por influência das consoantes adjacentes – as consoantes sibilantes /s/ e /z/ influenciariam /e/, as consoantes labiais influenciariam /o/ e as consoantes dorsais, devido à sua articulação alta, influenciariam ambas as vogais, como em “f[**u**]guete”²⁵. Neste trabalho, consideramos essas duas explicações para o fenômeno de alçamento, observando os contextos apontados por esses autores, a fim de que possamos estabelecer uma relação coerente entre os

²⁴ O traço de altura da vogal /u/ influenciaria o alçamento de /o/, que se realizaria como [u].

²⁵ O traço labial de /f/ e o traço de altura de /g/ levaria ao alçamento de /o/, que se realizaria como [u].

dados de escrita e os de fala. Essa relação não deve ser direta, como explicitado, pois não se trata apenas da substituição do grafema <e>, referente à vogal média, pelo grafema <i>, referente à vogal alta, troca que resultaria nas grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, mas também na substituição do grafema <i>, referente à vogal alta, pelo grafema <e>, referente à vogal média, resultando nos casos de grafias não-convencionais por *hipercorreção*.

Foram analisadas todas as grafias não-convencionais encontradas em contextos de alçamento variável, observando-se os contextos em que o grafema empregado não está de acordo com a convenção. Como pode ser constatado²⁶ na tabela 4, o resultado da análise mostrou que todos os grafemas de vogais utilizados em desacordo com a convenção estão em contextos propícios para a realização de vogal alta, ou seja, contextos em que a vogal média tende a se realizar como uma vogal alta.

Tabela 4. Distribuição dos dados de alçamento variável quanto ao processo envolvido

	Harmonização	Redução	Total
<i>Transcrição fonética</i> <i, u>	58	77	77
<i>Hipercorreção</i> <e, o>	29	86	86

Verifica-se que onde a grafia de <e, i, o, u> não coincidiu com a ortografia estabelecida, havia ou uma vogal alta nas sílabas subsequentes, levando, na fala, ao alçamento por *harmonização vocálica*, ou uma consoante adjacente anterior ou seguinte, com traços que influenciariam a elevação de altura, caracterizando, na fala, o alçamento por *redução vocálica*. Portanto, independentemente de ser grafia não-convencional por *transcrição fonética* ou por *hipercorreção*, constata-se haver informação na estrutura da palavra que poderia levar à realização fonética de vogal alta – [i] ou [u]. A partir da tabela 4 e dos quadros

²⁶ Cf. nos quadros 4 e 5 (anexo C) a lista de palavras identificadas.

4 e 5 (anexo C), nota-se, também, que muitos dos dados podem ser explicados por *harmonização vocálica*, ou seja, em muitos dos dados, quer de *transcrição fonética*, quer de *hipercorreção*, há uma vogal com traço de altura que poderia levar à elevação da vogal protônica. Observa-se, ainda, que todos podem ser explicados pela redução vocálica, ou seja, em todos os dados há uma consoante anterior ou posterior que poderia elevar a altura da vogal.

Dessas características das grafias não-convencionais em contexto de alçamento variável, podemos concluir que, nos contextos em que se dão tais grafias, há informação na estrutura da palavra que poderia levar à realização de [i] ou [u], fato que pode ter levado às grafias não-convencionais por *transcrição fonética* – quando o escrevente interpreta [i] e [u] como, respectivamente, /i/ e /u/, grafando com <i> e <u>– e por *hipercorreção* – quando o escrevente interpreta [i] e [u] como, respectivamente, /e/ e /o/ alçados, grafando com <e> e <o>.

Com relação aos contextos de alçamento praticamente categórico, ou seja, contextos em que praticamente não há variação e as vogais médias sempre estão em contextos de elevação de altura – e de fato costumam ser realizadas como as altas –, podemos chegar a conclusão semelhante à dos dados de alçamento variável. As grafias não-convencionais por *transcrição fonética* e por *hipercorreção*, nesses contextos, podem ter tido motivação advinda da realização fonética dessas vogais, levando o escrevente a interpretar [i] e [u] de dois modos: i) como vogal alta /i, u/, grafando <i, u>, respectivamente; ii) como vogal média /e, o/ alçada, grafando com <e, o>, respectivamente.

3.2. As grafias não-convencionais e os dados de fala: *as classes gramaticais*

Ampliando a investigação da relação entre os dados de fala e os dados de escrita, consideramos relevante observar a relação entre os dados em contexto de alçamento variável e a classe gramatical (verbos e não-verbos) das palavras que apresentam esse contexto.

Partimos, em um estudo preliminar (TENANI; REIS, 2009), do fato de que as pesquisas realizadas a respeito do dialeto falado em São José do Rio Preto (SILVEIRA, 2008; CARMO, 2009) mostraram que as vogais pretônicas coronais e dorsais apresentavam comportamento diverso a depender da classe gramatical. Verificou-se, por exemplo, que na variedade rio-pretense a *harmonização vocálica* é o processo que motiva o alçamento vocálico das vogais pretônicas nos verbos (CARMO, 2009), enquanto que a *redução vocálica* parece atuar nos não-verbos – substantivos e adjetivos (SILVEIRA, 2008). Com base nos números apresentados nas tabelas 5 e 6, pode-se observar que a redução vocálica explica todos os dados de grafias não-convencionais do *corpus*, na medida em que o número de dados que podem ser explicados pela redução vocálica é igual ao total de dados, quer para verbos, quer para não-verbos (Cf. quadros 4 e 5, anexo C). A harmonização vocálica, no entanto, explica um pouco mais da metade dos dados. Tratando especificamente dos dados de grafias não-convencionais em não-verbos, encontramos os seguintes resultados:

Tabela 5. Distribuição dos dados de acordo com o processo envolvido para os não-verbos

	Harmonização	Redução	Total
<i>Transcrição fonética</i> <i, u>	23	50	50
<i>Hipercorreção</i> <e, o>	19	54	54

Silveira (2008, p.122) aponta que “apesar dos casos relacionados à harmonia entre vogais, o fenômeno que parece melhor explicar o alteamento das vogais é o de redução vocálica, a partir do que pontua Abaurre-Gnerre (1981)”. Desse modo, nota-se na tabela 5 que, para os não-verbos, o processo de redução vocálica pode ser considerado como o principal motivo do alçamento tanto nos dados de fala, quanto nos dados de escrita – seja de grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, seja por *hipercorreção* –, visto que pode explicar todos os dados. Quanto aos dados de grafias não-convencionais de verbos, na tabela 6, é possível observar sua distribuição de acordo com o processo fonológico envolvido.

Tabela 6. Distribuição dos dados de acordo com o processo envolvido para os verbos

	Harmonização	Redução	Total
<i>Transcrição fonética</i> <i, u>	35	37	37
<i>Hipercorreção</i> <e, o>	10	32	32

Com relação aos verbos, Carmo (2009, p. 97-98) aponta que a principal motivação para o alçamento na fala é a harmonização vocálica, fato especialmente motivado pelos verbos de terceira conjugação, que carregam a vogal alta /i/ em suas desinências. Com relação aos dados de escrita, notam-se diferentes explicações, a depender do tipo de grafia não-convencional. Quanto aos dados de *transcrição fonética*, há apenas dois dados – as ocorrências “muntei” e “munto(u)” – cujas grafias não-convencionais não podem ter sido decorrentes de harmonia vocálica, na medida em que não há vogal alta na sílaba seguinte. Essas ocorrências do verbo “montar” podem estar relacionadas ao fato de, na variedade do noroeste paulista, esse verbo ter duas realizações possíveis: “m[o]ntar” e “m[u]ntar”, dependendo dos significados veiculados. Quando “m[o]ntar” – verbo transitivo direto –, o significado é “juntar as diversas partes de algo”²⁷; quando “m[u]ntar” – verbo transitivo

²⁷ Acepção 11 do verbete “montar”, no dicionário eletrônico Houaiss 3.0, de junho de 2009: **11** *t.d.* juntar (as diversas partes de algo); encaixar, engastar <*m. um quebra-cabeça*>

indireto –, o significado é “subir em alguma coisa, como em um cavalo”.²⁸ No *corpus*, as duas ocorrências do verbo “montar” têm o significado de “montar a cavalo”, ou seja, contexto em que, provavelmente, na variedade falada, a realização seria “m[u]ntar”. Portanto, para além de ser uma escrita baseada no falado, as grafias de “muntei” e “munto(u)” também são motivadas pelo fato de o verbo “montar” ser polissêmico e a cada um dos significados estarem associadas realizações alternativas. Quanto aos dados de *hipercorreção*, no entanto, a maioria não pode ter sua motivação no processo de harmonia vocálica. Sendo assim, consideramos que, também para os verbos, é a redução vocálica que melhor explica as ocorrências encontradas de modo geral.

Ainda sobre a relação entre os dados de fala e de escrita, no que diz respeito às classes gramaticais, observou-se como se dá essa relação quanto à qualidade da vogal: se coronal, na escrita representado por <e> e por <i>; se dorsal, na escrita, <o> e <u>. De acordo com o apresentado por Silveira (2008) e Carmo (2009), há maior recorrência de alçamento da vogal média /e/, que da vogal média /o/. Semelhantes resultados foram encontrados nos dados de escrita, conforme apresentado na tabela 7.

Tabela 7. Distribuição dos dados por tipo de grafia não-convencional, qualidade da vogal e classe gramatical

	Coronais		Dorsais		Total
	<i>Transcrição fonética</i>	<i>Hipercorreção</i>	<i>Transcrição fonética</i>	<i>Hipercorreção</i>	
Verbos	19	23	18	9	69 (41,8%)
Não-verbos	20	47	22	7	96 (58,2%)
Total	39	70	40	16	165 (100%)

Nota-se, portanto, certa aproximação entre o resultado do alçamento das vogais médias na fala e as ocorrências de grafias não-convencionais do *corpus*, de modo que tanto

²⁸ Acepção 3 do verbete “montar”, no dicionário eletrônico Houaiss 3.0 (2009): *3 t.i.bit. e pron. colocar(-se) em cima de (cavalgadura, motocicleta etc.) <só queria m. em animais ariscos> <montou a criança num pônei> <montou-se rapidamente, acelerou a moto e partiu>*

para os verbos – 19 ocorrências de *transcrição fonética* e 23 de *hipercorreção* –, quanto para os não-verbos – 20 ocorrências de *transcrição fonética* e 47 de *hipercorreção* –, há mais recorrência de grafias não-convencionais na escrita das coronais do que das dorsais. Essa relação indica que a variação linguística constatada na realização das vogais pretônicas levaria a dúvidas quanto ao modo convencional de empregar <e, i, o, u>: a maior variação na realização de /e/, em relação a /o/, pode ter resultado em número maior de grafias não-convencionais de <e, i> em relação a <o, u>.

Quanto à distribuição dos tipos de grafias não-convencionais consideradas, verificou-se nos dados que, para as vogais coronais, há, no caso dos verbos, mais grafias não-convencionais por *transcrição fonética* – substituição de <e> por <i>, como em “pidir” –, enquanto há para os não-verbos mais ocorrências de *hipercorreção* – substituição de <i> por <e>, como em “premeiro”. Entre as vogais dorsais, pode-se notar que tanto para os verbos – 18 de 27 ocorrências –, quanto para os não-verbos – 22 de 29 ocorrências – predominam as grafias não-convencionais por *transcrição fonética* – como “pudia” (verbo) e “cumida” (não-verbo). Portanto, quando considerada a relação entre o tipo de grafia não-convencional e a classe gramatical, observa-se que, na grafia das vogais coronais, há a tendência de haver mais casos de *hipercorreção* para os não-verbos, e mais de *transcrição fonética* para os verbos; na grafia das vogais dorsais, por sua vez, há mais casos de *transcrição fonética*, independentemente da classe da palavra grafada. Com base nesses resultados, constata-se diferença quanto às dificuldades com relação à grafia de <e, i>, de um lado, e de <o, u> de outro, sobretudo quando se observam as classes gramaticais.

No que diz respeito à distribuição de grafias não-convencionais por classe gramatical, não foi observada diferença considerável entre verbos e não-verbos, de modo que os dados apresentaram pequeno predomínio dos não-verbos, com 58,2% do total. A expectativa inicial

não confirmada era a de que houvesse maior número de grafias não-convencionais de verbos, devido à metafonia verbal que ocorre na segunda e terceira conjugação – como em “consegui” e “consigo” e em “durmo” e “dorme”. Diante da especificidade dessa classe gramatical, ainda que a hipótese inicial não tivesse sido confirmada, focamos nosso olhar nas formas verbais dessas grafias não previstas pela ortografia, distribuindo os dados pelas três conjugações verbais, conforme apresentado na tabela 8.

Tabela 8. Distribuição dos dados de verbos por conjugação

	Número	Número/total
1ª conjugação	24	34,8%
2ª conjugação	14	20,3%
3ª conjugação	31	44,9%
Total	69	100%

A hipótese de que a metafonia verbal pudesse levar a dúvidas nos escreventes, resultando em grafia não-convencional, como se observa na Tabela 8, foi confirmada, posto que a maior parte dessas grafias em formas verbais diz respeito aos verbos de segunda (20,3%) e terceira (44,9%) conjugações, com 65,2%. Considerando apenas essas ocorrências de grafia não-convencional e observando as possibilidades de grafemas vogais que podem compor o radical desses verbos em outros tempos verbais, chegamos ao seguinte quadro:

	Grafias não-convencionais	Grafemas possíveis no radical	Exemplos
2ª conjugação	desseram	<i>	“disse” (3ª p. s. pres. indic.)
	poder (puder) podessem pudia pudia pudia pudiam	<o>, <u>	“pode” (3ª p. s. pres. indic.) “pude” (1ª p. s. pret. perf. indic.)
	queser quezer quíria quíria	<e>, <i>	“quero” (1ª p. s. pres. indic.) “quis” (1ª e 3ª p. s. pret. perf. indic.)
	vevendo vever veveram	<i>	“vivo” (1ª p. s. pres. indic.)

3ª conjugação	conçiguiram conçiguo conçiguo conçiguir conçiguir conçiguir conçiguirei	<e>, <i>	“conçegue” (3ª p. s. pres. indic.) “conçigo” (1ª p. s. pres. indic.)
	deçedi	<i>	“deçido” (1ª p. s. pres. indic.)
	deçubri deçubri deçubrir deçubrir deçubriu	<o>, <u>	“deçobri” (1ª p. s. pret. perf. indic.) “deçubro” (1ª p. s. pres. indic.)
	deçestiu	<i>	“deçisto” (1ª p. s. pres. indic.)
	deçvertindo deçvertiu	<i>	“deçvertiu” (3ª p. s. pret. perf. Indic.)
	deçidiu deçidiu	<e>	“deçidiu” (3ª p. s. pret. perf. Indic.)
	dumir durmimos durmir durmir	<o>, <u>	“dormia” (1ª e 3ª p. s. pret. imperf. indic.)
	fogindo fogir foghiu	<o>, <u>	“foge” (3ª p. s. pres. indic.) “fujo” (1ª p. s. pres. indic.)
	perçigui-los	<e>, <i>	“perçegue” (3ª p. s. pres. indic.) “perçigo” (1ª p. s. pres. indic.)
	piçdir	<e>	“peço” (1ª p. s. pres. indic.)
	siçgir siçguio	<e>, <i>	“seçgue” (3ª p. s. pres. indic.) “siçgo” (1ª p. s. pres. indic.)
	sobi(subi)	<o>, <u>	“soçe” (3ª p. s. pres. indic.) “subo” (1ª p. s. pres. indic.)
	viçtiu	<e>, <i>	“veçe” (1ª p. s. pres. indic.) “viço” (1ª p. s. pres. indic.)

Quadro 2 - Possibilidades de registros gráficos das vogais nos verbos²⁹

Conforme se observa no quadro 2, dos 17 verbos que tiveram alguma ocorrência de grafia não-convencional, 10 resultaram da escolha do escrevente por uma das vogais variantes do radical do verbo; no entanto, a escolha não foi de acordo com o previsto pela ortografia (considerando-se tempo e modo verbal). É importante ressaltar que essa metafonia vocálica

²⁹ A escolha dos exemplos se deu de modo aleatório e teve como objetivo exemplificar, com, ao menos, uma forma verbal, as possibilidades de ortografia da vogal do radical dos verbos que foram grafados de modo não-convencional no *corpus*.

no radical do verbo pode ser constatada tanto na fala quanto na escrita. Tomando como exemplo o verbo “conseguir”, na variedade rio-pretense, há realização variante em “cons[e]guia” e “cons[i]guia” (1^a/3^a p. sing. pret. imperf. indic.) e realização categórica de “cons[i]guiu” (3^a p. sing. pret. perf. indic.)³⁰. Por outro lado, o mesmo verbo, na ortografia, pode ter a vogal grafada com <i>, como em “consigo” (1^a p. sing. pres. indic.) ou com <e>, como em “conseguimos” (1^a p. pl. pres. indic.). Ou seja, a vogal do radical dos verbos é passível de variação tanto na fala, quanto na escrita. No entanto, na fala, pode haver variação na realização de uma mesma forma verbal, enquanto, na escrita, a variação apresenta-se entre diferentes tempos e pessoas verbais. Essa variação possível tanto na fala, quanto na escrita pode, pois, explicar o maior número de grafias não-convencionais para verbos da segunda e da terceira conjugação.

3.3. As grafias não-convencionais e as tendências da convenção ortográfica

Apresentamos, nesta subseção, a relação que as grafias não-convencionais de vogais mantêm com as características da convenção ortográfica. Discorreremos a partir de resultados apresentados em Reis (2010), acerca da relação entre os dados de grafias não-convencionais em contexto de alçamento praticamente categórico para /e/ e as convenções ortográficas para essa mesma vogal. Restringimo-nos à análise apenas das grafias de <e> e de <i>, pois interessa, para esta análise, a comparação entre a tendência da grafia dos escreventes e a tendência da convenção ortográfica – em <e> ou em <i> –, na representação do mesmo som [i] da fala, em três diferentes contextos em que o alçamento é praticamente categórico para /e/. Os contextos de que tratamos são: (i) <e, i> seguidos de <n, m, s, x> – como “infância” e “engenheiro”; (ii) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis” – como “desligado” e “distante”

³⁰ Cf. Carmo (2009)

e (iii) <e, i> em contexto de hiato – como “teatro” e “viajar”. Excluimos, portanto, os dados de grafia de <o> e de <u> que poderiam ocorrer em contexto de hiato, a fim de viabilizar a comparação entre os dados dos diferentes contextos que envolvem as vogais coronais.

Pelo levantamento quantitativo dos empregos convencionais e não-convencionais dos grafemas <e, i> para cada contexto, pode-se notar a tendência da convenção para as palavras mais frequentes e a tendência da escolha dos escreventes, para a grafia desses contextos, de acordo ou não com a convenção ortográfica. Os resultados obtidos quanto às grafias de <e> e de <i> encontradas no *corpus*, para representar o som [i] (que pode se referir à vogal /i/ ou à vogal /e/ alçada), nos três contextos investigados, indicam que 63,7% do total de ocorrências de grafias convencionais e não-convencionais são grafias de <e>. Verifica-se, assim, uma tendência pela escolha de <e>, nos contextos em que há a realização praticamente categórica de [i], o que indica que, de modo geral, os sujeitos escreventes não se guiam apenas pelo princípio acrofônico do alfabeto – que resultaria em uma tentativa de representar os sons da fala a partir do nome das letras, grafando <i>. Diferentemente, os escreventes reconhecem a diferença entre a realização fonética desses contextos – predominantemente como [i] – e suas ortografias – que podem ser com <e> ou <i>, a depender da palavra –, tendendo à escolha pela grafia de <e>. No que diz respeito à relação entre as grafias dos escreventes e a convenção ortográfica, observamos o seguinte:

Tabela 9. Relação entre grafias convencionais e não-convencionais de <e> e <i>

Grafia	<e>	<i>	Total
Não-convencional	40	46	86
Convencional	2226	1240	3466
Total	2266	1286	3552
Não-convencional/Total	1,7%	3,6%	2,4%

A leitura vertical da tabela 9 indica que são em maior proporção as grafias em <i> escritas em desacordo com a convenção (3,6%) do que grafias não-convencionais em <e> (1,7%). Ou seja, a escolha predominante por <e> leva à grafia convencional, como se notou anteriormente. Essas primeiras constatações permitem concluir que: a) a heterogeneidade da escrita é confirmada pelos dados ora apresentados, que atestam a não-biunivocidade entre letras e sons; b) os escreventes reconhecem essa não-biunivocidade e parecem conhecer as tendências heterogêneas dessa convenção.

À luz dessas considerações, seguiu-se a análise dos três contextos separadamente, a fim de notar se haveria tendências ortográficas diferentes a depender do contexto. Iniciando pelo contexto (i), caracterizado pela grafia de <e> ou <i>, seguidos de <n>, <m>, <s> ou <x>, como em “escola” e “inteira”, foi constatada tendência semelhante à observada de modo geral, isto é, um percentual maior de palavras grafadas com <e>, em relação a <i>, conforme se visualiza na tabela 10.

Tabela 10. Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (i)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não-convencional	26	23	49
Convencional	2082	191	2273
Total	2108	214	2322
Não-convencional/Total	1,2%	10,7%	2,1%

Os resultados encontrados para esse contexto não diferem dos observados na análise dos dados conjuntos, que são: a) frequência maior de palavras com ortografia em <e>, como “esquisito”; b) frequência percentualmente menor de grafias não-convencionais pela escrita de <e>, como “enteira” e c) em consequência de (a) e (b), maior porcentagem de grafias não-convencionais de <i>, como “impresas”. Esses resultados indicam certa recorrência de <e>, em relação a <i>, em palavras escritas conforme a convenção ortográfica, em contextos cuja

realização fonética é predominantemente [i], além de indicarem que os escreventes geralmente optam por <e> – agindo, de certo modo, segundo a tendência da convenção.

O contexto (ii) refere-se à grafia de <e, i> em palavras iniciadas por “des” ou por “dis”, como “desligado” e “distante”, incluem-se, pois, as palavras com o prefixo “des-”³¹ bem como as demais escritas com “des” e “dis”. Os resultados encontrados apresentam-se na tabela 11.

Tabela 11. Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (ii)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não-convencional	6	12	18
Convencional	74	8	82
Total	80	20	100
Não-convencional/Total	7,5%	60%	18%

Assim como para o contexto anterior, os resultados para este contexto confirmam as tendências apresentadas inicialmente. Aqui, porém, se observa um percentual ainda maior de grafias de <i> não-convencionais. Considera-se, neste caso, que o conhecimento da forma do prefixo “des-” pode ter conduzido às grafias de <e> – tanto convencionais, quanto não-convencionais. Conforme apontado na subseção 3.1, há poucas ocorrências desse contexto, sobretudo, em palavras com ortografia em <i>, como “discussão”, por exemplo. Esse dado reforça a tendência de <e>, notada nos três contextos juntos e no contexto (i) separadamente, também na ortografia das palavras mais frequentes que apresentam esse contexto (consideradas a partir da recorrência no *corpus*).

Os resultados dos contextos (i) e (ii) não apresentaram diferenças que justificassem sua separação, devido à semelhança entre os resultados gerais e os obtidos para esses contextos individualmente. Há, no entanto, diferença em relação às tendências apontadas,

³¹ Não consideramos o prefixo “dis-”, devido à sua não-ocorrência no *corpus*.

quando considerado o contexto (iii) separadamente – grafia de <e> ou <i> em contexto de hiato – como se visualiza na tabela 12.

Tabela 12. Relação entre grafias convencionais e não-convencionais para o contexto (iii)

Grafia	<e>	<i>	Total
Não-convencional	8	11	19
Convencional	70	1041	1111
Total	78	1052	1130
Não-convencional/Total	10,2%	1,0%	1,7%

No contexto (iii), diferentemente dos demais contextos, predominam as grafias convencionais pela escrita de <i> – 1041 ocorrências do total de 1111. Esse resultado revela que, diferentemente dos demais contextos, a ortografia tende a grafar o contexto de hiato com o grafema <i>, como em “avião”. Do modo como acontece com os demais contextos, os escreventes parecem seguir a tendência da ortografia, predominando as grafias de <i>, resultando em grande porcentagem de grafias convencionais. Por consequência, um percentual maior de grafias não-convencionais resultantes da escrita de <e>, como em “veajar”.

Miranda (2008) analisou grafias não-convencionais de vogais em contexto de hiato, em produções escritas de crianças da quarta série do Ensino Fundamental (de oito anos). Nesse trabalho, a autora constatou que a tendência das crianças – assim como dos adolescentes – era a de grafar <i>, onde a ortografia prevê <e>. Segundo a autora, essas grafias representariam uma relação que as crianças estabelecem com a fala, de modo que a grafia de <i> representaria a tendência da língua em desfazer o hiato, tornando-o ditongo³². Ilumina-se, assim, a constatação, possível a partir dos dados juvenis, da apropriação dessa tendência da língua não somente nas hipóteses dos escreventes, mas também no

³² A esse respeito, conferir Bisol e Brescancini (2002).

estabelecimento das convenções ortográficas, de modo que há recorrência bem maior, em contexto de hiato, de grafias de <i> do que de <e> – diferentemente do encontrado nos outros dois contextos considerados.

Ainda que esse último contexto tenha apresentado diferença quanto à recorrência de <i>, em relação aos outros dois contextos considerados, as análises realizadas nesta subseção, permitem chegar concluir que as grafias não-convencionais dos escreventes, cujos textos foram produzidos em ambiente escolar, embora estejam em discordância com a convenção ortográfica, apontam para o (re)conhecimento das tendências notadas na convenção – das palavras mais recorrentes.

3.4. Resumo

Nesta seção, foram apresentados os resultados quantitativos e as análises dos aspectos estruturais das grafias de <e, i, o, u> que estabelecem relação com os dados de fala. As informações do sistema linguístico se mostram relevantes na análise das tendências das grafias não-convencionais, quando vistas a partir da consideração da heterogeneidade da ortografia. A descrição do fenômeno de *alçamento* na variedade rio-pretense possibilitou notar a relação dos dados com características da fala – como a explicação para o alçamento na fala por *harmonia vocálica* e por *redução vocálica*, que, também, podem explicar os dados de escrita. Além disso, a análise das classes gramaticais verbos e não-verbos separadamente evidenciou características específicas dos dados de cada uma dessas classes, especialmente para os dados de verbos, na medida em que apresentaram maior número de grafias não-convencionais para os verbos de segunda e terceira conjugação. Quanto às tendências da ortografia, a análise das grafias convencionais e não-convencionais dos contextos de *alçamento praticamente categórico*, particularmente, mostrou que a tendência pela escolha de

<e> ou de <i> das grafias convencionais – que evidenciam a tendência da convenção ortográfica em palavras recorrentes – é a mesma notada nas grafias não-convencionais, dando indícios da percepção desses escreventes de características da convenção ortográfica.

perseguição

4. As grafias não-convencionais como registros da representação do escrevente sobre a escrita

Nesta seção, mostramos como as grafias não-convencionais de vogais pretônicas podem, também, ser tomadas como registros da representação do escrevente sobre a escrita. No que diz respeito a essa representação, notamos como essas grafias podem indicar a circulação dos escreventes pelo primeiro eixo – representação da *gênese da escrita* – (subseção 4.1) e pelo segundo eixo – representação do *código escrito institucionalizado* – (subseção 4.2), conforme Corrêa (2004).

4.1. As grafias não-convencionais como registros da gênese da escrita

Nesta subseção, mostramos como as grafias não-convencionais de vogais pretônicas podem evidenciar a mixagem elaborada pelo escrevente entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. À luz da noção de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), investiga-se a representação do escrevente sobre a *gênese da escrita*. O olhar para este eixo

não se limita a localizar suas marcas em pontos determinados de uma sequência de estágios cronologicamente concebidos, nem tampouco as identifica por meio de uma visão normativa que as tome como desvios. Trata-se, ao contrário, de captar a imagem que o escrevente faz do processo de constituição da (sua) escrita, tomando-se por base a sua escrita atual. (CORRÊA, 2004, p.89, grifos nossos)

No processo de constituição da (sua) escrita, o escrevente transita entre diferentes representações de escrita, circulando, basicamente, em torno de três eixos propostos por Corrêa (2004), que evidenciam o encontro que o escrevente projeta entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito. Como salientado pelo autor, os registros do primeiro eixo, que tendem à identificação falado/escrito, não representam um estágio primário quanto à aquisição da escrita, mas um dos eixos pelo qual circula o escrevente em seu contínuo processo de escrita, retratado em suas produções textuais. Ademais, embora esses registros possam resultar em grafias que não seguem a convenção ortográfica, não é este o aspecto de maior relevância à análise, mas a representação que o escrevente faz da escrita, cuja apreensão é possibilitada por tais grafias. No que concerne a este trabalho, importam as grafias não-convencionais de vogais pretônicas. As escolhas³³ de grafemas referentes às vogais – somadas à escolha lexical e a outros aspectos do texto – podem dar indícios do primeiro eixo de representação da escrita, sobretudo quando há referências às práticas orais/faladas.

Quanto aos tipos das mencionadas grafias não-convencionais, encontramos indícios da *gênese da escrita*, tanto em escolhas que levam à *transcrição fonética*, quanto em escolhas que levam à *hipercorreção*. Definem-se, na seção 1, as *transcrições fonéticas* como caracterizadas pela grafia de <i> quando a ortografia prevê <e> e pela grafia de <u> onde a ortografia prevê <o>. Essas escolhas indiciam o reconhecimento do princípio acrofônico do alfabeto, segundo o qual o nome das letras indicaria o som que representam na escrita. Esse reconhecimento da relação que a escrita estabelece com aspectos fonético-fonológicos da língua revela indícios de uma suposição da escrita como “representação fiel do oral/falado no letrado/escrito, uma vez que, ao projetar um material significante (o fônico) no outro (o

³³ A menção à “escolha” do escrevente se refere estritamente à escolha que opera entre os grafemas da língua, entre <e, i> ou entre <o, u>, e não a uma escolha consciente que teria por finalidade provocar sentidos no texto.

gráfico), ele tende a identificar as duas modalidades” (CORRÊA, 2004, p. 83). Este impulso inicial, a partir dessa representação, identificado nas grafias não-convencionais por *transcrições fonéticas*, é corroborado por outras escolhas dos escreventes, também guiadas pela representação da *gênese da escrita*. Ou seja, genericamente, as grafias de *transcrição fonética*, em si, já dão indícios desse eixo de representação da escrita. Contudo, nota-se em alguns textos que essa representação da escrita, notada a partir dessas grafias não-convencionais, aparece de modo não-aleatório, sendo corroborada por outros aspectos do texto. Como registros do primeiro eixo, somam-se às *transcrições fonéticas*, algumas grafias não-convencionais por *hipercorreção* que parecem sugerir, também, indícios desse eixo de representação da escrita, evidenciados pela escolha lexical em que ocorrem.

Guiados pela metodologia expressa por meio do Paradigma Indiciário (apresentado na seção 2), encontramos indícios dessa não-aleatoriedade em alguns dos textos em que há grafias não-convencionais de vogais pretônicas. Esses indícios mostraram que a escolha de grafemas de vogais poderia servir à construção de diferentes sentidos do texto. Quanto ao modo como esses sentidos são construídos, notamos o papel preponderante de certas escolhas lexicais, que denotam: i) *índice* – quando a significação lexical poderia ser corroborada pela escolha de <i, u> e ii) *ênfase* – quando determinados vocábulos são reforçadamente enfatizados pela escolha da vogal. Em outros casos, porém, é o contexto que parece privilegiar a representação da *gênese da escrita*, é o que se nota em grafias não-convencionais que produzem: i) um *ineditismo*: quando o escrevente se constrói como autônomo na criação do próprio texto, a partir de uma relativa fuga ao proposto; ii) uma *mimese* – quando há tentativa de imitação da voz pela escolha de <i, u>, notadas em trechos de fala de personagem, por discurso direto ou indireto.

Como forma de melhor expor o encontrado, passamos à análise de alguns textos em que há pistas da complexa trama com que se tecem as representações de escrita, demonstrando uma não-aleatoriedade do emprego de algumas grafias não-convencionais de vogais pretônicas.

Iniciamos a análise buscando observar a relação entre a *gênese da escrita* e o índice. Em alguns textos, nota-se que a escolha do grafema de vogal, que resulta em grafia não-convencional por *transcrição fonética*, pode estabelecer uma relação de índice com o “objeto” representado pela palavra. A escolha por nomear de “índice” esse aspecto gerado pela grafia não-convencional de vogais pretônicas foi baseada em Pierce (2005), precursor da Semiótica, para quem

Um signo, ou *representámen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. [...] O signo representa alguma coisa, seu objeto. (p.46)

Sob esta consideração do signo, o mesmo autor tece uma longa discussão a respeito da divisão dos signos, bem como da relação que mantêm com os “objetos” representados. Sobre esta relação, continua dizendo que

Todo signo tem, real ou virtualmente, um *Preceito* de explicação segundo o qual ele deve ser entendido como uma espécie de emanação, por assim dizer, de seu Objeto (p.46).

O autor passa, então, a discutir os modos como se apresenta essa emanação do signo em relação ao seu objeto. Dentre as diferentes categorias e subcategorias apresentadas por ele, está ligado ao modo como as grafias não-convencionais se relacionam com o objeto representado o *índice*, que

É um signo que se refere ao Objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse Objeto. [...] Na medida em que o Índice é afetado pelo Objeto, tem ele necessariamente alguma Qualidade em comum com o

Objeto, e é com respeito a estas qualidades que ele se refere ao Objeto. (p. 52)

A análise de certos empregos não-convencionais dos grafemas <i, u> indicam que essa escolha poderia ser interpretada como uma aproximação entre o signo linguístico e o objeto representado. Conforme aponta Pierce, a relação de índice se dá quando o signo tem alguma qualidade em comum com o objeto representado. No caso da grafia das vogais, essa qualidade comum se dá a partir do aspecto fonético gerado pela escolha de grafema, que pode corroborar o sentido construído no texto, ao estabelecer relação de semelhança com o objeto representado. Como primeiro exemplo de grafia não-convencional como evidência de índice, selecionamos um texto da Atividade 2, que teve como temática a autobiografia, a ser escrita a partir de um cordel.

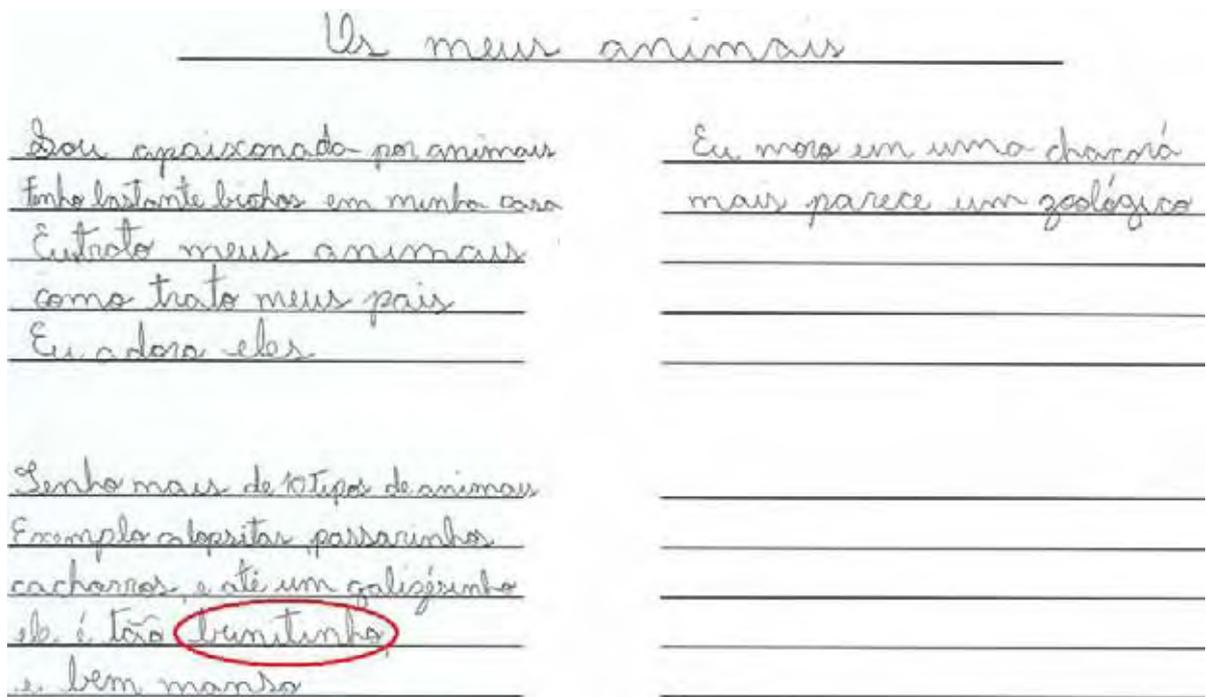


Figura 4. Fonte 5B_21_02

Na figura 4, nota-se uma construção, por parte do escrevente, de sua afetividade com os animais, evidenciada pelo uso do possessivo “meus”. Essa afetividade, indicada pelo título,

é desenvolvida no decorrer do texto, em que define sua relação com os animais como sendo semelhante à que estabelece com seus pais. Feita essa demarcação, a escrevente enumera seus animais – “tenho mais de dez tipos de animais/ Exemplo calopsitas, passarinhos/ cachorros” – e, então, destaca um deles, um galisé³⁴, a quem chama de “galizésinho”. Conforme se observa, o nome do animal aparece no diminutivo, seguido de uma sentença que o adjetiva – “ele é tão bunitinho”. Basílio (1989) já apontava para o fato de o acréscimo de sufixo de grau, tratar-se de um processo morfológico a serviço da função expressiva da linguagem. Emilio (2003) mostrou que o diminutivo em “-inho” pode ser considerado sob três possibilidades de uso: “a) dimensão pura; b) dimensão + expressividade; c) expressividade pura” (p.12). Sendo assim, a escolha pelo diminutivo em “bunitinho” pode fazer referência à dimensão do animal – de porte pequeno – e à expressividade da relação da escrevente com o animal – relação de afetividade. Nesse contexto, o grafema <u> usado fora da convenção ortográfica, concordaria com os efeitos de sentido produzidos pelo sufixo, visto que a realização fonética de [u] sugere pequena abertura labial. Haveria, portanto, uma relação de *índice* estabelecida entre o som produzido em [u] – com abertura labial pequena, menor em relação a [o] – e o objeto representado – um galo de porte pequeno, com quem a escrevente estabelece certa relação de afetividade. Entende-se, pois, que a escolha por <u> poderia corroborar com os sentidos construídos nos níveis morfológico – pelo uso do sufixo –, sintático – pelo advérbio “tão” – e semântico – no sentido construído na oração “ele é tão bunitinho”.

Outro exemplo em que a escolha do grafema poderia estabelecer uma relação de índice com “o objeto representado”, se refere ao emprego não-convencional de <i>, no texto abaixo (figura 6), escrito por ocasião da quinta proposta, cujo exórdio é formado por uma descrição do planeta Terra por um extraterrestre retirada do livro *Este admirável mundo louco*, de Ruth

³⁴ De acordo com o Houaiss (versão monousuário 3.0 – Junho de 2009), “galisé” é uma das variantes de “garnisé”, que se refere a “galináceo de porte muito pequeno, pertencente a diversas raças, cujos primeiros casais trazidos para o Brasil vieram da ilha Guernsey, na Grã-Bretanha” (grifo nosso).

Rocha. Os escreventes receberam uma folha com um trecho desse livro e outra, em que deveriam produzir o texto, com a seguinte proposição:

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do Sistema Solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como que era o planeta e seus habitantes.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.

Figura 5. Proposição da proposta 5

Conforme se observa, a temática era o olhar de um terrestre para outro planeta, e tinha como proposição a narrativa de uma viagem para um planeta desconhecido. No texto da figura 6, há diversas grafias não-convencionais de vogais, como “fuguede” (duas vezes), “piqueeninha” e “interessante”. Com relação ao emprego do grafema como índice, destaca-se a grafia “piqueeninha”. No texto, o escrevente, conforme solicitado pela proposta, descreve o planeta – “o planeta deles era muito estranho as casas era em vorma de bola” – e seus habitantes – “um ete verde azul rosa de todas as cores eles tinha quatro olho doas boca o nariz eu não vi”.

No dia 30 de dezembro de 2000 um Fugete que
 Saiu da terra para saturno depois de dois dias
 quando eu cheguei tinha um ete verde azul
 rosa de todas as cores eles tinha quatro olho
 duas para o nariz eu não vi.
 Comecei a andar pelo a planeta deles era
 muito estranha as casa era em forma de
 bola tinha gordo, magro de todo
 jeito, auto, baixo o mais en tere
Sante era uma ete ela era assim
 o rosto dela era esfere e rosa minha
 or preferida o cabelo dela era longo muito
 longo e roca o olho dela era preto parecia
 uma tabo traba bem grande o nariz era
 bem piqueninha a boca tinha um cantor
 ho perfeito ela estava com o botom que
 eu dei a ela vermelha ela ficou
 muito linda todos o etes viavam
 querendo passar o botom todas ela qui
 saam muito linda e o Fugete estava
 contando para voltar para o planeta terra

Figura 6. Fonte 5C_19_05

Boa parte do texto é dedicada à descrição dos habitantes, conforme se observa. Dentre os habitantes descritos, destaca-se um – “o mais interessante³⁵ era uma ete” –, em cuja descrição há a grafia de “piqueninha”. Semelhantemente ao observado para a grafia de “bunitinho”, a escolha de <i> em “piqueninha” poderia corroborar os sentidos construídos no nível morfossintático, pelo sufixo “-inho” e pelo advérbio “bem”. O sufixo “-inho”, neste caso, faz referência somente à dimensão (e não à expressividade, como no exemplo anterior). O sufixo e o advérbio – que intensifica o sentido do sufixo – contribuem para a projeção de tamanho reduzido do nariz do habitante do planeta imaginado. Como registro da *gênese da escrita*, a escolha pelo grafema <i> poderia ser um índice do gesto

³⁵ Esta grafia é analisada na Seção 4.1.2, em que tratamos do efeito de ênfase, gerado por certas grafias não-convencionais por *hipercorreção*.

articulatório na realização fonética de [i], semelhantemente à escolha de <u> em “bunitinho”. Na realização fonética de [i], há, também, pequena abertura da boca, que é menor em relação à que ocorre em [e]. Sendo assim, a escolha por <i> – que mantém relação com [i] – poderia estabelecer uma relação de índice com o nariz, de tamanho pequeno, potencializando o sentido construído em “o nariz era bem piquenininho”.

Outra característica de algumas grafias em que são evidenciados registros da *gênese da escrita* é quando a escolha do grafema da vogal pretônica parece decorrer de uma tentativa de registro escrito de ênfase. Na fala, a ênfase se manifesta, por exemplo, por meio de contornos entoacionais, enquanto na escrita, costuma ser evidenciada a partir das escolhas lexicais e dos sinais de pontuação, entre outras coisas. Neste trabalho, consideramos a ênfase evidenciada por meio da realização de segmentos das palavras, de modo mais específico, na realização das vogais pretônicas, tomando por base as considerações de Gonçalves (1998) a respeito da ação inibidora da ênfase em processos linguísticos. Segundo o autor, “a atuação da ênfase prosódica é realmente relevante em fenômenos de variação linguística, haja vista o fato de vocábulos enfatizados na fala tenderem a constituir ‘freios’ à ação dos processos, inibindo, portanto, as inovações” (p. 79). A partir dessas afirmações do autor, levantamos a hipótese de que a ênfase poderia ser, também, uma forma de inibir a aplicação do *alçamento*, que pode ocorrer com as vogais pretônicas. Com base nesta consideração, por hipótese, palavras que geralmente sofrem o alçamento, como o verbo “podia”, não o sofreriam se fossem pronunciadas de modo enfático. Na seção 3, mostramos que as grafias de *hipercorreção* mantêm relação com o fenômeno de alçamento, na medida em que podem ser resultado da interpretação de [i] e [u], não como realização de, respectivamente, /i/ e /u/, mas como realização de /e/ e /o/ alçados. Nesse sentido, a grafia de “interessante” pode ser decorrente da interpretação do [i] pretônico, como um /e/ alçado. Sendo assim, a grafia de <e> seria decorrente do reconhecimento de que o alçamento torna a relação entre letras e sons não-

biunívocas entre as vogais em posição pretônica. Assim como a ênfase inibiria o alçamento de /e/ em “engenheiro”, que geralmente é realizado como “[i]ngenheiro”, em “interessante”, a grafia de <e> representaria a ênfase e a inibição do alçamento, a partir da interpretação, por parte do escrevente, do fone [i], como realização da vogal /e/ alçada.

Com relação às formas de manifestação da ênfase, Gonçalves (1998, p.81), com base em Gonçalves e Costa (1996 apud Gonçalves, 1998), apresenta três subtipos:

(a) textual e prosódica, explicitada por meio de um advérbio focal, com marcação prosódica redundante; (b) a prosódica, caracterizada pela elipse do advérbio; e (c) a de vocábulos naturalmente enfáticos, que, por si sós, já exprimem intensificação.

No que diz respeito aos dados de escrita, selecionamos as ênfases dos subtipos (a) e (c), por se tratar de ênfases que se manifestam por meio de vocábulos cujos registros escritos nos interessa verificar.

As grafias não-convencionais chamadas de *hipercorreção*, em princípio, são tratadas como registros do *código escrito institucionalizado*, conforme será exposto no tópico 4.2. A proposta de análise dessas grafias como registro da *gênese da escrita* não pretende excluir sua relação com o *código escrito institucionalizado*, mas focar um aspecto da *gênese da escrita* que pode ser notado por meio dessas grafias – inicialmente tratadas como *hipercorreção* – tomadas como tentativa de registro de ênfase. Nesse sentido, considera-se que essas escolhas de grafema em palavras que veiculam ênfase a pontos do texto, ao mesmo tempo em que registrariam o eixo do imaginário da escrita como código institucionalizado – considerada a percepção da não-biunivocidade entre grafemas e fonemas (cf. seção 4.2) –, registrariam o eixo da *gênese da escrita*, na medida em que a tentativa de registro da entonação enfática seria pista de uma representação da escrita “como instrumento de gravação fiel da memória sonora do falado” (CORRÊA, 2004, p.81).

Considerando as características da ênfase e o modo como pode ser representada pela escolha de grafemas, retomamos o texto da figura 6 (p. 77), em que há a grafia de “interessante”. A grafia de <e> poderia ser tomada como uma tentativa de registro de ênfase, conforme explicitado. Esta escolha reforçaria o destaque feito pelo escrevente, por exemplo, pelo advérbio “mais” – “o mais interessante era uma ete”, caracterizando uma ênfase do subtipo (a), visto que se marca textualmente pelo advérbio e prosodicamente, por hipótese, pela grafia de <e>.

Em textos do *corpus*, encontram-se, também, grafias inicialmente tratadas como *hipercorreção* que poderiam ser tomadas como registros de ênfase do subtipo (c), por envolver “vocábulos naturalmente enfáticos” (Gonçalves e Costa, 1996 apud Gonçalves, 1998, p. 81), como “maravilhosa” no texto da figura 7.

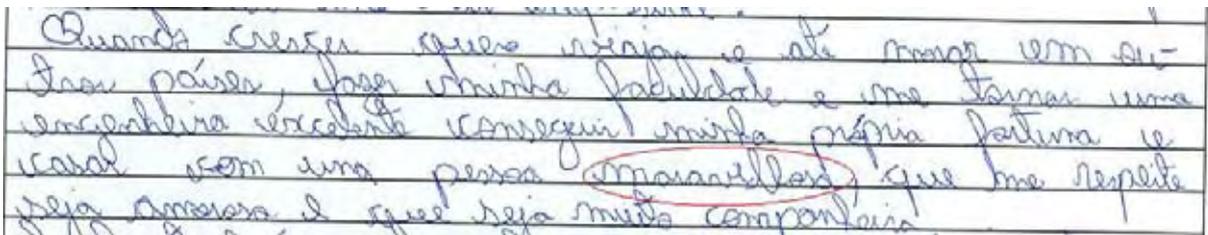


Figura 7. Fonte 5C_23_03

O trecho acima é extraído de um dos textos da Atividade 3, cuja temática era a respeito de pedidos individuais a serem feitos a um poço dos desejos. Como sugerido pelo enunciado da atividade, o escrevente expõe, em seu texto, “quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer”. Quando apresenta seus planos para a vida matrimonial, destaca as características que deseja encontrar em seu companheiro, identificado como “uma pessoa maravilhosa”, definido por orações adjetivas restritivas – “que me respeite seja amorosa e que seja muito companheira”. Entende-se que o adjetivo

“maravilhosa” pode portar entonação enfática, caracterizando, portanto, uma ênfase do tipo (c). Essa ênfase, marcada pela grafia de <e>, parece, pois, ser reforçada textualmente pelas orações que a seguem e que especificam o significado de “maravilhosa”³⁶.

O terceiro viés sob o qual analisamos a *gênese da escrita* está relacionado ao seu aspecto de ineditismo. Corrêa (2004) observou, nos textos dos vestibulandos, que muitas vezes “a escolha lexical denuncia uma retomada de relações sociais tipicamente informais do escrevente, que, no entanto, lhe parecem as mais adequadas ao estabelecimento de relações com o seu interlocutor representado no texto” e que esse seria “um modo de abordá-lo [o tema] que parece ser ‘muito próximo do seu mundo’” (CORRÊA, 2004, p.129). Nos dados investigados, certos usos das grafias não-convencionais parecem ser decorrentes desse modo de aproximar a escrita do mundo dos escreventes, ao mesmo tempo em que revela o modo como estabelecem suas relações com o interlocutor – representado pelas imagens que têm da escola, do professor, do pesquisador, da instituição universitária. Alguns usos das grafias não-convencionais podem servir como forma de projetar a imagem do enunciador-escrevente como autônomo em sua escrita, ao responder o que é pedido na atividade (pela escola, pelo professor, pelo pesquisador, pela universidade) ou, até mesmo, em resposta ao que é prescrito pela convenção ortográfica. Corrêa (2004), ao comentar a respeito desse exercício de *réplica* feito pelos escreventes pré-universitários, pontua o fato de certas escolhas fazerem a mediação entre “o lugar que o escrevente se atribui e o que atribui ao seu interlocutor, bem como entre o lugar que atribui ao institucionalizado para a escrita e o lugar que atribui à sua própria escrita” (p. 83). Considera-se, pois, que as grafias não-convencionais das vogais, quando tomadas como registros da *gênese da escrita*, possibilitam a apreensão deste lugar que o escrevente se

³⁶ Retoma-se, também, o fato de vogais altas /i, u/ serem pronunciadas como média-altas /e, o/ por personagens homossexuais estereotipadas em programas televisivos de humor. Agradecemos pela lembrança deste fato à profa. dra. Fabiana Komesu (UNESP).

atribui, daquele que ele atribui ao seu interlocutor, bem como daquele que ele atribui ao institucionalizado para sua escrita.

No processo de enunciação escrita, o escrevente transita entre diferentes representações do seu interlocutor e do institucionalizado para sua escrita. Essas representações, algumas vezes, são identificadas em diferentes momentos do seu texto – por exemplo, quando se observa maior ou menor preocupação em cumprir a proposta de produção textual. Os dados a que chamamos de *ineditismo* se referem às grafias não-convencionais que se encontram em momentos do texto em que o sujeito se reserva certa autonomia, ao assumir a posição de escrevente, apresentando naquilo que escreve algo que não estava compreendido pela proposição. Conforme comenta Corrêa (2004), “raramente a reprodução do modelo escolar é tão radical a ponto de não se poder vislumbrar um traço de ineditismo nas formas de individuação do escrevente”. Aspectos desse traço de ineditismo podem, pois, ser evidenciados tanto pelo conteúdo semântico – por descumprimento da temática e da proposição –, quanto pelos sinais de pontuação.

Quanto aos indícios desse trânsito deixados pelos sinais de pontuação, recorreremos a Chacon (1996) que afirma que “mais do que propriamente delimitar enunciados, os sinais de pontuação caracterizam o próprio processo no qual se dá a atividade enunciativa” (p. 180). Nos dados investigados, esses sinais, juntamente com as grafias não-convencionais de vogais, dão pistas do deslocamento por que passa o escrevente no decorrer de sua atividade escrita, bem como dos lugares que atribui a seu interlocutor no decorrer dessa atividade. Ao conceber os sinais de pontuação como indicadores desse papel, tomamos, ainda, as afirmações de Chacon (1996):

Enquanto marcas gráficas da conversão da linguagem em discurso, os sinais de pontuação terão papel de destaque na organização rítmica da produção escrita, já que atuam nos vários planos dessa organização, desde aqueles mais restritos à delimitação de unidades linguísticas do produto enunciado até aqueles que contribuem para a constituição do sujeito escrevente relativamente a um outro construído como seu interlocutor-leitor, na medida em que o escrevente, ao sinalizar seu texto para o leitor, constitui-se em função deste último, indicando-lhe, através dos sinais, seus propósitos comunicativos, ou, em termos mais precisos, uma forma preferencial de leitura (p. 174, grifos nossos).

No caso dos dados investigados, ressaltamos as marcas de pontuação que evidenciam a separação de momentos no texto em que o escrevente se submete à proposição e em que se reserva certa autonomia quanto à estruturação de seu texto – seleção de conteúdos, de léxico ou de grafema. Nessas demarcações, o escrevente acaba por estabelecer-se em relação a seu interlocutor-leitor, posição ocupada pela escola ou pela universidade, que legitimariam seu texto. Em certos textos, há coincidência entre esse uso da pontuação e as grafias não-convencionais por *transcrição fonética* que, somados, constituem fortes indícios da representação da *gênese da escrita*. Um exemplo desse tipo de relação construída pelo escrevente é o texto da figura 7, feito a partir da Proposta 3. Nessa proposta, a temática se concentra em pedidos individuais a um poço dos desejos, com exórdio formado por uma tirinha da Turma da Mônica, em que há um desenho de um poço por onde passam as personagens Mônica, Cebolinha e Magali. As duas primeiras personagens fazem um pedido e jogam uma moeda. Magali, no entanto, que aparece no último dos três quadrinhos, pega as moedas do poço para realizar o seu desejo: comprar doces. Na proposição, é solicitado aos escreventes que *produzam um texto*, contando o que pediriam a um poço dos desejos e quais seriam seus desejos para o futuro. No texto abaixo, figura 8, observamos que o escrevente faz exatamente o que foi pedido pela proposta, mas, ao fim do texto, acrescenta algo seu.

do grafema <i>, seria, pois, conforme apontado por Corrêa (2004), um modo de o escrevente abordar o tema da atividade aproximando-o do seu mundo, da (sua) fala, de si mesmo. Nota-se que a pontuação evidencia momentos do texto para o cumprimento da atividade e momentos para marcar o seu ineditismo, na medida em que realiza algo que não estava previsto pelo enunciado da proposta de produção textual. Soma-se a essa evidência deixada pela pontuação, o fato de o sujeito, no cumprimento da atividade proposta, escrever “feliz” e não grafar outras palavras em desacordo com a convenção ortográfica, enquanto que, ao fazer uma reflexão que não havia sido pedida na proposta, utiliza o grafema <i>, de modo não-convencional, em “filizes”.³⁷

Podemos observar essa relação em outro texto do *corpus*, também produzido a partir da Atividade 3. Essa atividade propunha aos escreventes que tratassem de seus sonhos. No enunciado, eles encontravam sugestões quanto aos temas que poderiam abordar: “[...] produza um texto contando os seus maiores sonhos: quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc.” (grifos nossos). Em vários dos textos, os desejos dos escreventes se restringem aos assuntos sugeridos pelo enunciado, sempre relacionados a certa ascensão social, como ter carro importado, casa magnífica, emprego importante etc. No entanto, observamos que, em alguns outros textos, os escreventes não se limitam ao proposto pela atividade, mas acrescentam sonhos de outra natureza, como podemos observar no texto abaixo, figura 9.

³⁷ Esta palavra não teve realização de alçamento nos dados analisados por Silveira (2008).

Meus desejos

Eu gostaria de viajar pra Londres, gostaria também de ter bastante dinheiro para ir pra onde eu quiser.
 Eu queria ter um carro e uma casa nova e morar no Dama, gostaria de ter 2 filhas, Gostaria de estudar na escola São José, Gostaria de ter um namorado bonito e rico de mais, Queria ter um piriquito, Gostaria de falar varias linguas diferentes, Gostaria de ficar em um spa por um mês inteiro, gostaria de ter o meu cabelo liso sem fazer chapinho; gostaria de ter a minha pele igual a de um bebê. E não gostaria de beber e nem de fumar.

Figura 9. Fonte 5C_27_03

No texto da figura 9, o escrevente coloca vários desejos que sugerem ascensão social, conforme o proposto no enunciado da atividade, como “ter um carro e uma casa nova”. Observa-se, pois, que, quanto à pontuação, o escrevente parece enumerar seus desejos, marcando-os pelo ponto final. O uso do ponto sinaliza uma possível demarcação de “tipos” de desejos, de modo que, em determinados períodos, o escrevente apresenta apenas um desejo – “gostaria de falar várias línguas diferentes” –, enquanto em outros, há uma somatória de desejos que poderiam ser considerados do mesmo tipo – “queria ter um carro e uma casa nova e morar no Dama”³⁸. Há ainda um desejo que parece destoar daqueles relativos ao consumo – “Queria ter um piriquito” – e é justamente ao buscar trazer algo seu ao texto, independentemente da proposta de produção textual, que o escrevente produz uma grafia não-convencional de vogal pretônica em “piriquito”.

Textos decorrentes de outras propostas podem, também, dar indícios desses traços de ineditismo do escrevente. Um exemplo é um texto da Atividade 4, que solicitava a escrita de

³⁸ “Damha” (grafado “Dama”) é o nome de um condomínio residencial, em um bairro nobre, da cidade onde o escrevente reside.

uma carta que versasse sobre o uso do MSN³⁹. Muitos escreventes obedeceram à proposta, no entanto, encontramos textos em que eles foram além, como mostra o texto abaixo, figura 10.

Prezados Primos Frederico, não estou escrevendo
esta carta por causa da nossa família, lógico que
vou perguntar da família.
Mas primeiramente eu queria lhe pedir que me
continuasse a usar o MSN, é, que eu queria aprender a
usar melhor agora que ganhei um computador, todos os meus colegas
ficam me perguntando:
— Você tem MSN?
E eu digo que não não sei usar, mas que vou
poder me ensinar a usar, se puder agradecer.
Agora vamos falar da família, como está o tio Alceu e
o tio Bento primo, parece que eu vou estar muito cheio
de esse sei que foi melhor, mas está melhor que ganhou
um violão game, parai! Eu já sei tocar um pouco, mas não sabe
tocar no computador e eu não sei, mas não sei usar o violão
game e vou usar o violão, me te ajuda Vou te ajudar de:
Nós aqui de casa estamos pensando em fazer um
gato para o pai Vou te ajudar, eu não te busamos de lavar
fo que vou a tão longe só 232 km, chegamos e pegamos
nos os irmãos e ig, eu vou em Van ficando para aqui
até mais beijos da família e tchau
Alceu e família

Figura 10. Fonte 5C_01_04

Na introdução da carta, o escrevente já marca o lugar que atribui ao seu interlocutor (a instituição escolar/universitária), bem como o lugar que atribui a si próprio, a partir do trecho “não estou escrevendo essa carta por causa da nossa família [mas] lógico que vou perguntar da família”. Ao se constituir como escrevente, o sujeito entende ter autonomia para

³⁹ “MSN Messenger é um programa de mensagens instantâneas criado pela Microsoft Corporation. O serviço nasceu a 22 de Julho de 1999, anunciando-se como um serviço que permitia falar com uma pessoa através de conversas instantâneas pela Internet. O programa permite que um usuário da Internet se relacione com outro que tenha o mesmo programa em tempo real, podendo ter uma lista de amigos "virtuais" e acompanhar quando eles entram e saem da rede”. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/MSN_Messenger, acesso em 17abr2011.

acrescentar algo “seu” ao texto. No entanto, por se tratar de produção escrita realizada em contexto escolar, que parte de proposta específica e que sugere avaliação, nessa colocação inicial, situa-se em relação ao que foi pedido, como réplica antecipada ao seu interlocutor real. Quando acrescenta algo “seu” ao texto, aproximando a (sua) escrita do (seu) mundo, tratando da família, aproxima, também, a (sua) escrita da (sua) fala, pela grafia de “duente”. No entanto, no momento em que cumpre o pedido da atividade, ao solicitar ao primo que o ensine a usar MSN, o escrevente grafia todas as palavras de acordo com a convenção. Observa-se, portanto, relação entre a realização da atividade (cumprimento ou não do que foi pedido) e as grafias não-convencionais de vogais pretônicas. Mais uma vez a pontuação parece evidenciar esses diferentes momentos do texto, indicados pela divisão em parágrafos: 1º§ introdução; 2º - 4º§ cumprimento da proposta; 5º e 6º§ acréscimo pessoal ao texto. No 5º§, porém, parece haver uma mescla, entre o conteúdo acrescentado e o cumprimento da proposta: “Eu já sei podemos negociar, você sabe mexer no computador e eu não sei, mas eu sei mexer no vídeo game e você não sabe, eu te ajudo você me ajuda, ok.”.

O quarto e último viés por meio do qual analisamos a *gênese da escrita* é relacionado à mimese. Chamamos de *mimese* – imitação da voz – os dados em que a *transcrição fonética* surge em discurso de personagens. Quanto à caracterização desse discurso, optou-se por considerar as grafias não-convencionais no interior de discurso direto e indireto. Conforme se encontra na *Gramática de Usos do Português* (NEVES, 2000), o discurso direto é uma citação direta do que se diz, enquanto o discurso indireto caracteriza-se por uma paráfrase do discurso de outrem. Ambos os tipos de discurso são introduzidos por verbos de elocução, que são: i) os verbos de dizer (ou *dicendi*), “cujo complemento direto é o conteúdo do que se diz” (idem, p. 48), como “dizer” e “falar”; ii) outros verbos introdutórios de discurso, que não se referem, necessariamente, a atos de fala, instrumentalizando – como “acalmar” e “consolar” – ou circunstanciando – como “chorar” e “espantar-se” – o que se diz. Certas grafias não-

convencionais foram encontradas no interior de fala de personagem, por discurso direto ou indireto, podendo ser consideradas como tentativa de registro do ato verbal-oral da personagem, por meio da escolha pelo grafema. Resultados semelhantes foram mostrados por Silva (1991), para dados de escrita de crianças, e por Tenani (2004), para dados de escrita de jovens e adultos, na análise das hipossegmentações de palavras, que ocorriam, diversas vezes, em contexto de discurso direto. Na análise dos dados deste trabalho, algumas das grafias não-convencionais investigadas parecem corroborar o sentido dos discursos direto e indireto, almejando o registro de gestos articulatórios da oralidade, relativos à fala dos personagens, na grafia das vogais. Por se tratar da fala de personagens, as propostas de escrita de narrativa tiveram maior número de grafias desse tipo, como exemplifica o texto abaixo, decorrente da Proposta 1, cuja proposição era dar continuidade à história das personagens apresentadas em uma tirinha.

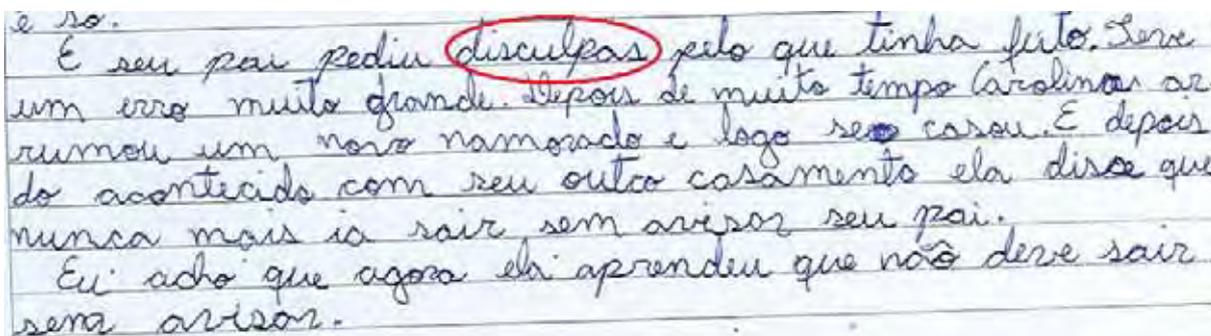


Figura 11. Fonte 5B_21_01

Na figura 11, o escrevente grafia <i>, quando na ortografia é previsto <e> na sílaba pretônica de “disculpas”. Como se observa, a ocorrência trata-se de um discurso indireto, na medida em que há referência a uma fala da personagem “pai”, cuja introdução se dá por um verbo de dizer “pediu”. Dadas essas características, entende-se que essa ocorrência seja, por uma representação da *gênese da escrita*, uma tentativa de registro de realização do ato de fala,

pela escolha do grafema, dada a grande recorrência de alçamento da vogal pretônica nesta palavra.

Outro exemplo de grafia não-convencional encontra-se no texto abaixo, no qual o sentido de discurso direto aparece corroborado pela grafia de <i> em “infrentarei”.

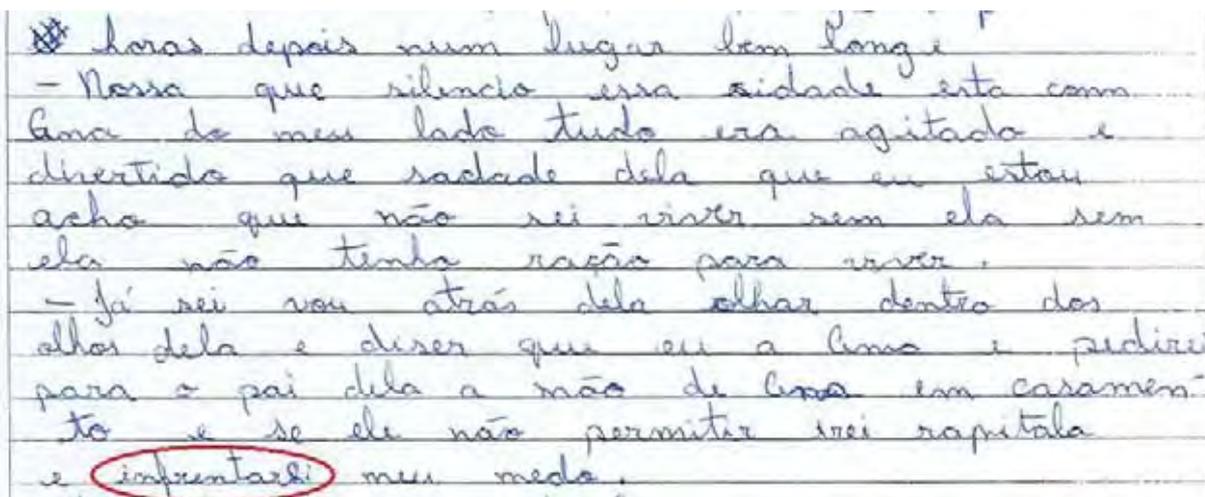


Figura 12. Fonte 5C_14_01

No texto da figura 12, não há a introdução de discurso por verbo de elocução, mas o escrevente se vale do recurso do travessão. Além disso, as referências pronominais – “eu a amo” e “meu medo” – também dão indicação de se tratar de discurso direto, introduzido por um narrador – “horas depois num lugar bem longe”. As características das duas falas introduzidas por travessão parecem indicar uma longa fala de um único personagem, embora o escrevente a divida em duas. Na segunda parte dessa fala, encontra-se a grafia de “infrentarei”, que, ao registrar uma possível realização da vogal pretônica alçada, corroboraria o sentido de discurso direto pretendido, a partir de uma representação da *gênese da escrita*.

Ambos os exemplos apresentados foram extraídos de textos decorrentes da primeira proposta, que se tratava da escrita de uma narrativa. No entanto, há outros dados, encontrados

em outras propostas, que dão indícios dessa característica de discurso direto. A figura 13 refere-se a um texto escrito no âmbito da proposta 4, já apresentada, que se tratava da escrita de uma carta, sugerindo o uso do MSN como meio de comunicação e pedindo ou fornecendo orientação para seu uso. No texto, o escrevente não segue a proposta da atividade inteiramente, pois, apesar de seguir o formato de carta, foge à proposição e à temática – nem mesmo menciona o uso do MSN.

Querido Gustavo como vc vai tudo bem
 Com vc e eu na sua casa hoje e eu vou
 Com o meu primo para nós andarmos de
 bicicleta e nós vamos empinar mais em não
 sei onde ele mora mais ele mora em
 lá e também nós vai numa loja de Bronze
 para comprar um relógio que custa 8 R\$
 depois nós vamos andarmos de bicicleta
 por aí em não sei lá quando nós fala
 muito na escola nós brincamos e ele fala
 algum caderninho lá e aquele muleque para
 o diretor.

fim
 Gustavo
 Miguel
 100% Estudioso

Figura 13. Fonte 5A_15_04

É possível notar uma “quebra” no texto, separando-o em duas partes. Na primeira parte, o escrevente descreve seus planos para o dia, utilizando-se de perífrases verbais

indicativas de futuro, como “vamos empinar pipa”, “vamos andar de bicicleta”. Na segunda parte, o escrevente parece narrar situações recorrentes na escola, utilizando-se de verbos no presente, como “nois fala muinto na escola”. Nessa segunda parte do texto, mudam as formas de construção dos períodos e as escolhas lexicais, além de diminuírem as concordâncias verbais e nominais. Neste momento de mudança do sentido do texto, há a grafia não-convencional que sugere, ao menos, duas interpretações. A primeira, semelhantemente ao apontado nos exemplos anteriores, refere-se à marcação da “fala” do professor – “leva esse muleque pra diretoria” – como forma de registro de características do falado no gráfico. Uma segunda interpretação, que se soma à primeira, refere-se à forma de se marcar na (sua) escrita, reforçando sua imagem construída nessa segunda parte do texto, como alguém que não segue o bom comportamento esperado pela instituição escolar – “nois fala muinto na escola vais [faz] bagunça”. Esta imagem aparece ainda reforçada pela transgressão à atividade proposta, pela escolha lexical não legitimada, na medida em que não é convencional, em textos desta natureza, o uso da palavra “muleque” (“moleque”), e pela despedida, que não segue os espaços das linhas, finalizando o texto com “Gustavo Miguel/ 100% estudioso”.

4.2. As grafias não-convencionais como registros do código escrito institucionalizado

Nesta subseção, mostramos como as grafias não-convencionais de vogais pretônicas podem evidenciar o encontro elaborado pelo escrevente entre as práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito. À luz da noção de heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004), investiga-se a representação do escrevente sobre o *código escrito institucionalizado*, por meio da qual

os encontros entre o oral/falado e o letrado/escrito evidenciam-se sempre que o escrevente leva a extremos uma tal imagem sobre o institucionalizado para a (sua) escrita, ou seja, esses encontros mostram-se pelo excesso, produzindo inconsistências formais (e estilísticas) em relação ao tipo de organização textual proposto. (CORRÊA, 2004, p.166, grifos nossos)

Os extremos aos quais o escrevente leva essa imagem sobre o “institucionalizado para a (sua) escrita”, nos dados de grafias não-convencionais de vogais pretônicas, são privilegiadamente visíveis nas *hipercorreções* que, neste trabalho, caracterizam-se pela grafia de <e> onde a ortografia prevê <i> e pela grafia de <o> onde a ortografia prevê <u>. Essas escolhas não são resultado de simples generalização de uma regra, conforme se costuma considerar, mas indiciam o reconhecimento de certas relações não-biunívocas entre grafemas e fonemas, ou seja, o reconhecimento de que a grafia de certas palavras não deve se pautar apenas pelo princípio acrofônico do alfabeto. As escolhas de grafemas referentes às vogais – somadas à escolha lexical e a outros aspectos do texto – podem dar indícios do segundo eixo de representação da escrita, sobretudo quando há referências às práticas letradas/escritas.

As grafias por *hipercorreção*, no que se refere à escrita das vogais, privilegiam essa relação com o *código escrito institucionalizado*, pois se definem pela tentativa de distanciamento entre letras e sons, como uma tentativa de apagamento do princípio acrofônico do alfabeto. Por essas suas características, dão indícios de uma representação da escrita como capaz de representar “inteiramente o oral/falado a ponto de não mais ser justificável reconhecê-lo nesse novo produto” (CORRÊA, 2004, p. 166). Ou seja, genericamente, as grafias de *hipercorreção*, em si, são um traço da representação da escrita como autônoma em relação à oralidade. No entanto, nota-se, em alguns textos, que essa representação da escrita, notada a partir dessas grafias não-convencionais, aparece de modo não-aleatório, sendo corroborada por outros aspectos do texto – como escolhas lexicais específicas, bem como em momentos específicos do texto. Guiados pela metodologia indiciária mencionada na subseção 2.5, apresentamos indícios dessa não-aleatoriedade de ocorrências de grafias não-

convencionais explicitando em que medida parecem ser orientadas por determinadas escolhas lexicais que denotam *valor*, estabelecido por uma institucionalização de valores sociais para cada palavra. Além disso, encontramos indícios de que algumas grafias não-convencionais são orientadas por uma tentativa de *reprodução* de trechos tidos como modelo de determinados gêneros. Quanto a essa última orientação, embora também se dê em léxico específico, entendemos que é o caráter reprodutor que orientaria tanto a escolha lexical, quanto a ocorrência de *hipercorreção* e não, como acontece na outra orientação considerada, a própria escolha lexical que conduziria a essas grafias não-convencionais.

Como forma de melhor expor o encontrado, passamos à análise de alguns dos textos de cada uma dessas orientações. A primeira delas diz respeito à relação entre o *código escrito institucionalizado* e a atribuição de valor social à escolha lexical. Conforme discutido na seção 1, “a representação da escrita como *código escrito institucionalizado* reproduz a dinâmica social de institucionalização de valores para as diversas formas linguísticas” (CORRÊA, 2004, p.165). Algumas escolhas lexicais em que se dão as *hipercorreções* parecem denunciar que o escrevente, ao tomar a escrita como pura, além de privilegiar os aspectos de não-biunivocidade entre letra e som, identificado na escolha do grafema de vogal, parece selecionar léxico que supostamente valorizariam seu texto, possibilitando, portanto, a ascensão social almejada, por meio das escolhas efetuadas em seu texto escrito.

O exemplo desse tipo de escolha é um texto escrito durante a realização da quarta proposta de produção textual, já explicado na seção 2. Para a realização dessa produção escrita, foram requeridos dos escreventes certos conhecimentos institucionalizados para a escrita de uma carta, como a instrução sobre o cabeçalho e a despedida. No intuito de cumprir com essa escrita institucionalizada, o escrevente do texto abaixo (figura 14), além de cumprir

com esses requisitos, selecionou palavras que parecem ter sido guiadas por uma representação de “boa” escrita, embora sejam relativamente inadequadas para o gênero pretendido.

Olá José da Silva, 14 de outubro de 2008

Querida irmã Gabriela, mais sei que você está de férias e provavelmente não tem internet, mas eu já providenciei um computador com internet.

O seu primeiro passo é fazer um msn para não ter contato além do telefone.

O msn é um programa onde você conversa com as pessoas conhecidas, você pode mandar fotos, links, e muitas outras coisas.

O e-mail é um programa onde você manda os seus e-mails, fotos, mais interessante é se você manda uma carta.

Estou com saudades
Beijos

Figura 14. Fonte 5A_10_04

O formato de texto escolhido pelo escrevente parece decorrer daquilo que representa ser um modelo de carta. Lembramos que esse tipo de texto tem um inegável vínculo com a escola, visto que a carta pessoal, conforme se apresenta na proposta, provavelmente não é o meio de comunicação recorrente ou preferencial no cotidiano desses escreventes, que devem optar pelo telefone ou pela internet, como se depreende do trecho do texto (figura 13) – “para nós termos contato além do telefone”. Quanto à representação do ideal de carta pessoal, notamos seus indícios no cabeçalho, composto por local e data, e a despedida – “Estou com

saudades/ Beijos”–, ambos sugeridos pelo monitor que coordenou a atividade. A inclusão do cabeçalho e a despedida, conforme previamente sugerido é, também, um indício da representação do ideal de carta, visto que segue as sugestões de quem, no momento da produção escrita, representava a instituição que legitimaria seu texto.

Quanto ao dado de grafia não-convencional que interessa à análise, destacamos a ocorrência “provedenciar”. A escolha desse item lexical parece advir de um imaginário da escrita enquanto *código escrito institucionalizado*, gerada por um distanciamento de usos linguísticos coloquiais. Outras escolhas no decorrer do texto parecem indicar uma tentativa de distanciamento de usos coloquiais e de aproximação de uma escrita formal, ainda que se tratasse de uma carta pessoal – como empregar o nome completo do interlocutor, na função de vocativo. Identificam-se excessos decorrentes da busca por uma escrita formalizada – com *valor social de prestígio* –, que estariam em discordância com o que se espera de uma “carta pessoal”. Além de aspectos relacionados ao gênero, chamam a atenção cuidados com uma escrita tida pelo escrevente como culta, como a utilização do pronome relativo “onde” e o paralelismo sintático entre os dois períodos que definem as funcionalidades dos programas da internet – “o X é um programa onde você Y”. Somam-se, ainda, às características apontadas, mais duas grafias não-convencionais por *hipercorreção*, nas palavras “vevendo” e “premeiro”, que, além de se referirem a um apagamento da fala na escrita, parecem ter sido guiadas pelas mesmas preocupações. Sendo assim, a escolha de <e> em “provedenciar” parece corroborar as outras escolhas do escrevente feitas para valorizar seu texto socialmente, ao aproximá-lo de uma escrita imaginada como culta, evidenciando a representação da escrita enquanto *código escrito institucionalizado*.

A segunda orientação analisada trata da relação entre o *código escrito institucionalizado* e seu aspecto de reprodução. Quando nos referimos ao caráter reprodutor

de certas escolhas dos escreventes, reportamo-nos ao fato de a representação da escrita como *código escrito institucionalizado* produzir a projeção de um modelo a ser repetido (CORRÊA, 2004, p. 172) – que também se relaciona, em certa medida, com a primeira orientação analisada. Na construção desse modelo, tem papel central o processo de escolarização, que medeia o contato do escrevente com textos de diversas naturezas. Embora não devam ser desprezados os outros espaços por onde circula o escrevente e que, portanto, o constituem, também, em sua relação com a escrita, o papel central da escola se estabelece na medida em que é a instituição socialmente responsável pela alfabetização e pelo ensino da escrita.

Esse caráter reprodutor de um modelo de escrita foi notado em diversos trechos dos textos, especialmente naqueles em que se encontravam as *hipercorreções*. A representação do *código escrito institucionalizado* enquanto reprodução de uma escrita tida como modelo (legitimado pelas instituições às quais se encontram filiados) é registrada, nos dados obtidos, a partir da representação que se faz desse modelo. Sobre essa representação, Corrêa (2004) destaca o fato de

que o fator condicionante básico do aparecimento dessas representações é sempre o caráter de réplica – em geral, tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar tradicional [...] e não a sua relação com características tidas como absolutas da escrita em geral. (CORRÊA, 2004, p. 168)

Quanto a essa tentativa de adequar o texto ao que recomenda a prática escolar, destacamos os textos produzidos a partir da proposta 1, que se tratam de textos narrativos. Lembramos, pois, que essa é a tipologia textual⁴⁰ principalmente trabalhada na quinta série, de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo. Lembramos que a proposta 1, conforme observado no quadro 1 (p. 37), teve como exórdio uma tirinha que narrava a história de um casal que, ao fugir, é seguido pelo pai da personagem feminina. A temática

⁴⁰ Chamamos de “tipologia textual”, em concordância com a denominação dada pela Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008).

envolveu o assunto do amor, tratado de forma humorística, e a proposição consistiu em narrar o destino das personagens apresentadas. Nos textos produzidos nessa atividade, houve, muitas vezes, os tradicionais finais de narrativas como “e viveram felizes para sempre”. Esse desfecho tradicional indica, por um lado, a inserção desses escreventes em práticas letradas/escritas que envolvem as narrativas infantis e, por outro, a tentativa de ascensão ao lugar estabelecido pela instituição, a partir da representação de uma escrita culta a ser reproduzida. Sejam ou não essas práticas mediadas pela escola, o escrevente parece almejar uma escrita tida como ideal. Essa representação da escrita como um *código escrito institucionalizado*, que leva à reprodução de padrões, coincide, pois, com o imaginário de autonomia do escrito em relação ao falado – identificada nos dados pela grafia não-convencional por *hipercorreção*, conforme exemplifica “veveram”, na figura 15.

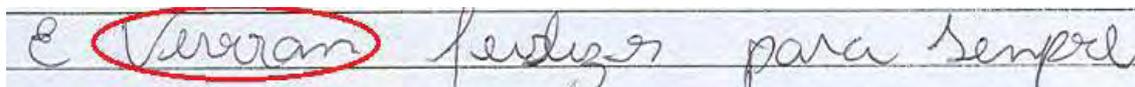


Figura 15. Fonte 5A_10_01

Corrêa (2004), a respeito das segmentações não-convencionais como marcas do imaginário sobre o *código escrito institucionalizado*, comenta que “embora o critério fundamental do escrevente seja seguir o ‘modelo de escrita’, segui-lo significa orientar-se pela representação que se faz desse modelo” (CORRÊA, 2004, p.223). As grafias não-convencionais de vogais por *hipercorreção*, muitas vezes, parecem estar aliadas à representação de modelo de escrita de narrativas, como exemplifica o trecho indicado pela figura 14. Não é de se descartar, porém, a possibilidade de que essa tentativa de reprodução de modelo permita, também, observar a marca de individuação do sujeito que “se dá pelo movimento entre a reprodutibilidade de uma prática [...] e o dado de ineditismo por meio do qual o escrevente se representa nessa prática (momento em que o escrevente assume como

sendo da alçada pessoal a formulação de seu texto)” (CORRÊA, 2004, p. 226). Essa relação entre a reprodutibilidade e o ineditismo pode ser observada na figura 15, particularmente, pelo enunciado “e veveu triste para sempre”. Nesse trecho, ao mesmo tempo em que o escrevente coloca em evidência sua inserção em práticas do letrado/escrito, marca sua autonomia na escrita, na medida em que subverte o enunciado tradicional final de narrativa “e viveram felizes para sempre”, pela escolha do adjetivo “triste” no lugar do adjetivo “feliz”. Quando opta por acrescentar algo seu ao texto, o escrevente se constrói como autônomo em relação ao pedido pela proposta (ou pela instituição).

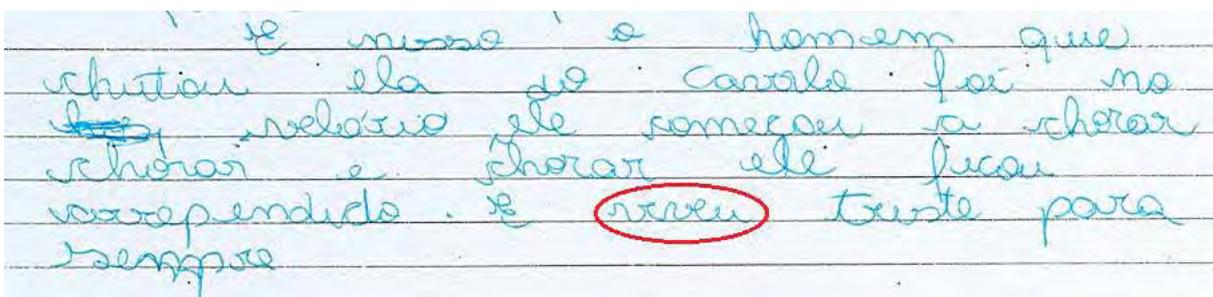


Figura 16. 5A_24_01

Os dados de ineditismo – analisados no tópico 4.1 – indicam, também, uma aproximação entre a escrita dos escreventes e seu mundo. Neste dado, ainda que o escrevente parta de recriação inédita, continua associada à representação do *código escrito institucionalizado*, visto que a mudança, de cunho paródico, se dá pela escolha do adjetivo (“triste”, em vez de “feliz”) e pela “solidão” do personagem (uso do singular “veveu”, em vez de “viveram”), mantendo as demais características estruturais do “modelo” utilizado, como a posição no final do texto, a estrutura sintática e as escolhas lexicais – “e viveu [viveram] triste [felizes] para sempre”. Tal modelo de escrita tomado pelo escrevente aparece novamente associado ao *código escrito institucionalizado* – representado pela grafia não-convencional por *hipercorreção* da vogal pretônica da palavra “veveu” –, por uma imagem de escrita legitimada pelas instituições e, portanto, autônoma em relação à oralidade/fala.

Ainda pôde-se notar nos dados outro tipo de reprodução que parece, também, associado à representação do *código escrito institucionalizado*, como demonstramos por meio da análise de textos coletados a partir da segunda proposta de produção de textos, do *corpus* pesquisado. Essa proposta requereu dos escreventes que contassem a própria história – “escreva um cordel que conte um pouco de sua história”. Embora se trate da escrita de um texto narrativo – tipologia prioritariamente trabalhada no decorrer da quinta série e nos quatro primeiros anos do Ensino Fundamental⁴¹ – não deve ser desconsiderado o fato de os escreventes não terem intimidade com o gênero cordel, que, nessa proposta, é tomado como um formato a ser utilizado. Como modelo, os escreventes tinham, no exórdio, um cordel que contava a história de Bimba, conforme segue abaixo:

- O cordel abaixo conta a história do Mestre Bimba, um capoeirista. Leia-o com atenção.

Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro

Manoel dos Reis Machado
Famoso na capoeira
É nossa árvore do bem
Nosso grande mestre Bimba
Nome que até hoje vem
Por não perder pra ninguém

Engenho Velho de Brotas
Local do seu nascimento
Salvador sua cidade
Onde alegria e tormento
Lhe deram vivacidade
Força, coragem e talento.

Ganhou a vida, com tudo
Fez carvão, cortou madeira
Foi trapicheiro e carpina
Estivador de primeira
Mas o que fez com mais classe
Só foi jogar capoeira.

Luís Gonzaga foi rei
Cantando mulher rendeira
Pelé foi o rei da bola
Com meião e com chuteira
E mestre Bimba sem dúvida
Foi o rei da capoeira.

Figura 17. Exórdio da Proposta 2

Considerando a hipótese de os escreventes, provavelmente, não terem contato com esse gênero, por circular em espaços bastante restritos, o único modelo que tinham às mãos

⁴¹ Agradecemos a lembrança dessa informação pela professora dra. Cristiane Carneiro Capristano (UEM), ao discutir nosso trabalho, ainda em desenvolvimento, no âmbito do II Selin.

era o cordel apresentado pela proposta. Ainda que tivessem tido contato com outros cordéis, é bem possível que este contato tenha sido mediado pela escola. A dificuldade em contar a própria história e ao mesmo tempo formar rimas, parece, pois, ter levado os escreventes a colocar em relevo ou a preocupação em rimar os versos de seu texto, ou a preocupação com a autobiografia. Diante dessa dificuldade, foram várias as estratégias utilizadas pelos escreventes, dentre as quais destacamos aquela do escrevente do texto na figura 18.

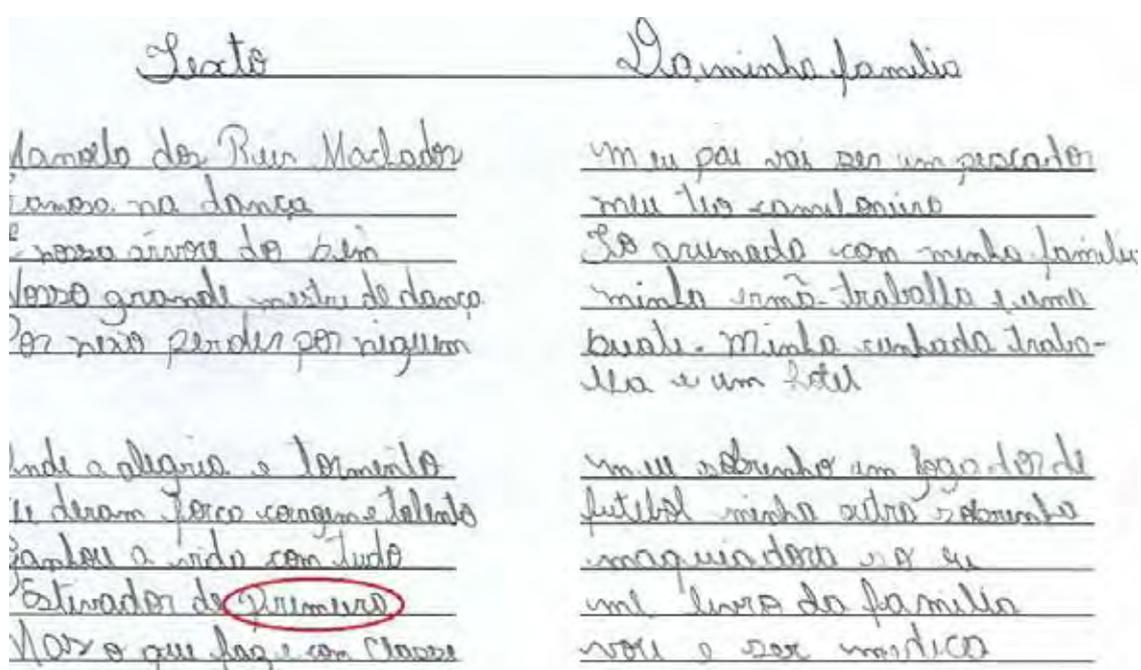


Figura 18. 5C_35_02

O engenho criado pelo escrevente é a cópia ou a paródia de versos do cordel contido no exórdio da atividade. Neste texto, o escrevente plagia vários trechos do cordel, como “nosso grande mestre de dança”, que parodia o original “nosso grande mestre Bimba”, bem como “por não perder por ninguém”, que reescreve “por não perder pra ninguém”. Nesses versos, o escrevente se apropria do cordel constante na proposta, fazendo pequenas alterações. Na segunda estrofe, há a transcrição de um trecho do cordel, que só não é exata devido à grafia não-convencional de “premeira” – “estivador de premeira”. A apresentação de um

modelo de cordel na proposta pode ter levado os escreventes à interpretação de que aquele texto tratava-se de um modelo de escrita de acordo com as instituições escola e universidade (lembrando que o nome da escola e o timbre da Unesp estavam contidos em todas as folhas de apresentação da proposta). A tomada do cordel “Bimba espalhou capoeira pelas praças do mundo inteiro” como modelo pode ter levado os escreventes à reprodução de alguns versos, como exemplificado na figura 18. Destaca-se, novamente, que o caráter reprodutor notado nessa produção escrita, está atrelado à grafia não-convencional por *hipercorreção*, evidenciando a relação que tais grafias mantêm com a representação do *código escrito institucionalizado*.

Outro exemplo, não tão evidente, de reprodução de trechos do cordel apresentado na proposta 2 é o texto abaixo (figura 19), em que a escrevente se apropria da locução “de primeira”.

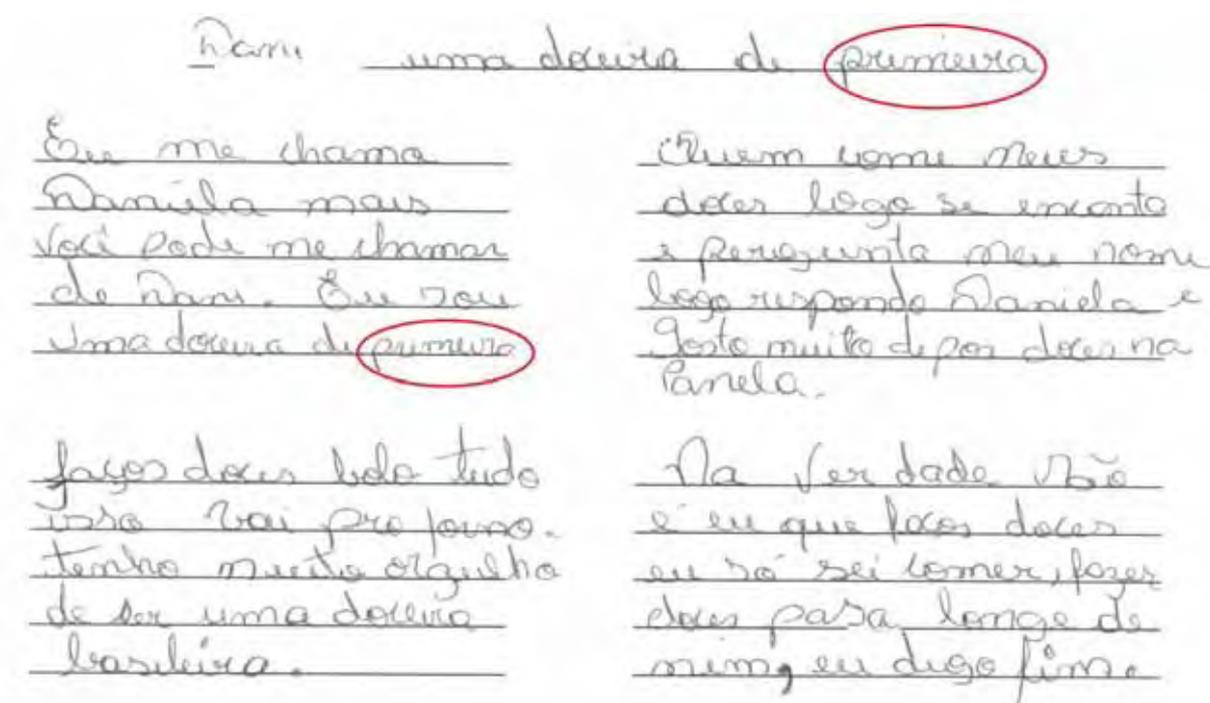


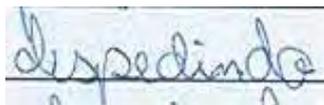
Figura 19. 5E_12_02

No cordel apresentado no exórdio da atividade, a locução “de primeira” valoriza a profissão de estivador exercida pela personagem, antes de se tornar capoeirista. O sentido de valorização é mantido quanto à personagem Daniela, construída no texto da figura 19. Interessante notar que esse sentido de valorização, que ocorre também no título, vai sendo construído no decorrer do texto, mas é desconstruído na conclusão, na qual o enunciador-personagem confessa ser inverdade a imagem construída ao longo do texto. Importa, porém, destacar a reprodução feita pelos dois textos (Figuras 18 e 19), que surge de modo imperfeito, por haver grafia não-convencional de vogal pretônica. Ambas as produções escritas parecem trazer evidências de uma relação entre as grafias não-convencionais por *hipercorreção* e o *código escrito institucionalizado*.

4.3 Resumo

Nesta seção, as grafias não-convencionais de vogais pretônicas são vistas como pistas para observar como se dá a réplica dos escreventes à proposta de produção textual. Essas grafias não-convencionais, portanto, não se restringem a desvios em relação à norma, mas podem ser vistas como evidências de como os escreventes se constituem na relação com sua escrita e com seu interlocutor. Além disso, observamos que a *gênese da escrita* pode ser identificada não apenas quando o escrevente grafia em desacordo com a convenção por *transcrição fonética*, cuja relação com o fonético/fonológico parece indicar a emergência do oral/falado, por índice – quando uma grafia parece fazer referência a um aspecto do “objeto representado” –, por mimese – quando há a tentativa de “imitar a voz” – e por ineditismo – quando o escrevente se marca em sua escrita, por uma relativa fuga à proposta. Outros registros da *gênese da escrita* podem ser notados nas grafias não-convencionais por

hipercorreção, quando esse uso dos grafemas pode levar à interpretação de uma possível entonação de ênfase associada à palavra. Quanto aos registros do *código escrito institucionalizado*, são privilegiadamente notáveis nas grafias não-convencionais de vogais pretônicas por *hipercorreção*, nas quais as representações que se faz da escrita e do interlocutor podem ser notadas pelo *valor* social projetado em certas escolhas lexicais, bem como pela *reprodução* de um modelo de texto em determinados gêneros.



Considerações finais

No decorrer desta dissertação, procuramos mostrar algumas tendências linguísticas das grafias não-convencionais de vogais pretônicas, bem como algumas pistas, deixadas pelo sujeito, de sua representação da escrita. Tal análise partiu da recusa de um posicionamento que opusesse, de forma dicotômica, fala e escrita – ou seja, de um lado a escrita, sistema puro e invariável, de outro a fala, heterogênea e variável. Assumiu-se, pois, a escrita como uma prática social, heterogeneamente constituída pelo trânsito do sujeito entre práticas sociais do oral/falado e do letrado/escrito (CORRÊA, 2004). A consideração da *heterogeneidade da escrita* levou-nos, também, a assumir a heterogeneidade da ortografia, que se dá a partir das relações (não-biunívocas) que as letras da escrita alfabética mantêm com os sons da fala.

Quanto às grafias não-convencionais, concluímos que são resultado da percepção, por parte dos escreventes, dessas relações que as letras estabelecem com os sons. As grafias não-convencionais por *transcrição fonética*, por exemplo, são resultado da percepção da relação que o alfabeto mantém com o fonético/fonológico da língua. As grafias por *hipercorreção*, por outro lado, são resultado da percepção da não-biunivocidade entre letras e sons. Ainda que reconheçamos que essas percepções de aspectos da ortografia, na maioria das vezes, conduzem os escreventes a grafarem segundo a convenção ortográfica, importou-nos, de modo particular, os casos em que essas mesmas percepções os levaram a grafar de modo não-convencional, na medida em que foi, a partir dos indícios deixados por essas grafias, que encontramos algumas pistas das representações dos sujeitos-escreventes sobre a escrita.

Quanto à primeira pergunta formulada no início desta dissertação, a respeito da relação entre as grafias não-convencionais de <e, i, o, u> e o fenômeno *alçamento* na fala, a análise mostrou que os dados revelam indícios de que os escreventes levam em conta diferentes informações ao grafarem as palavras, relativas aos conhecimentos construídos em suas práticas de oralidade/fala e de letramento/escrita. De modo mais específico, destacamos o fato de as explicações para o alçamento na fala – *harmonização vocálica* e *redução da vocálica* –, poderem explicar todos os dados de escrita em contextos de alçamento variável, isto é, tanto as *transcrições fonéticas* – como “pidido” – quanto as *hipercorreções* – como “cedades” – foram em contextos em que havia a possibilidade de realização de uma vogal alta. Em “pidido”, por exemplo, há a possibilidade de explicação por *harmonização vocálica* – devido à presença de uma vogal alta /i/ na sílaba subsequente – e por *redução vocálica* – devido ao traço de altura na consoante /d/. Já em “cedades”, por exemplo, embora não seja um contexto de alçamento na fala, a realização de [i] poderia ser interpretada como alçamento de /e/, resultado de *redução vocálica*, por influência das duas consoantes adjacentes: a sibilante /s/, devido à sua anterioridade, e a consoante /d/, devido à sua altura. Esse resultado levou-nos a concluir que, esses contextos propícios ao alçamento – incluindo os dados em contexto de alçamento categórico – podem ter levado os escreventes a interpretar [i] e [u] de suas falas de dois modos: i) como vogal alta /i/ ou /u/, grafando, respectivamente, <i> ou <u>; ii) como vogal média /e/ ou /o/ alçada, grafando, respectivamente, com <e> ou <o>.

A análise particularizada dos dados em contexto de alçamento categórico mostrou que as grafias não-convencionais dos escreventes investigados, embora estejam em discordância com a convenção ortográfica, apontam para o (re)conhecimento de suas tendências, de modo que no contexto (i) <e, i> seguidos de <n, m, s, x>, como “enfância”, e no contexto (ii) <e, i> nas sílabas pretônicas “des” ou “dis”, como “desculsão”, a tendência notada na ortografia é a de grafar preferencialmente com <e>. Similarmente, essa foi a tendência observada nas

grafias dos escreventes. Já no contexto (iii) <e, i> em hiato, como “baliado”, a tendência da ortografia é a de grafar com <i>, da mesma maneira como grafaram os escreventes estudados.

As relações observadas entre as grafias não-convencionais de vogais e o fenômeno alçamento na fala revelaram alguns indícios da relação que os escreventes estabelecem entre as práticas do oral/falado e do letrado/escrito, constituindo indícios de suas representações sobre a escrita. Tomando dois dos eixos de circulação do escrevente sobre a escrita, sugeridos por Corrêa (2004), apontamos o modo como algumas características das grafias não-convencionais podem dar indícios da representação da *gênese da escrita* e do *código escrito institucionalizado*.

Os registros da representação da *gênese da escrita* são notados, em princípio, nas grafias por *transcrição fonética*, por evidenciarem a percepção dos escreventes de critérios fonético-fonológicos do alfabeto, fazendo referência aos momentos em que “o escrevente tende a tomá-la [a escrita] como representação termo a termo da oralidade” (CORRÊA, 2004, p. 10). Essa representação materializou-se, em alguns textos do *corpus*, como *índice* – quando a significação lexical poderia ser corroborada pela escolha de <i, u>; como um *ineditismo* – quando o escrevente se constrói como autônomo na criação do próprio texto, a partir de uma relativa fuga ao proposto – e como *mimese* – quando há uma tentativa de imitação da voz pela escolha de <i, u>, notadas em trechos de fala de personagem, por discurso direto ou indireto. Além disso, notamos que alguns dos dados inicialmente tratados como *hipercorreção* podem dar indícios da *gênese da escrita*, quando parecem decorrer de uma tentativa de marcação de *ênfase*, pela grafia de <e>.

Os registros da representação do *código escrito institucionalizado* foram notados, por outro lado, somente pelas *hipercorreções*, que revelam a percepção da determinação institucional dos grafemas, que não dependem exclusivamente do critério fonético-

fonológico: “essas representações do escrevente tomam, nesse caso, como ponto de partida, o que ele imagina ser um modo já autônomo de representar a oralidade” (CORRÊA, 2004,p.11). Algumas grafias não-convencionais parecem ter sido orientadas por determinadas escolhas lexicais que denotam *valor* – determinado por uma institucionalização de valores sociais para cada palavra – ou por tentativa de *reprodução* de trechos tidos como modelo de determinados gêneros.

Os resultados alcançados com esta dissertação mostraram, inclusive, que as expectativas dos PCNs, de que os estudantes, ao saírem da quarta série, escrevessem ortograficamente as palavras mais frequentes, não foram correspondidas. Sendo assim, poder-se-ia concluir que as metodologias utilizadas na escola não atingem os objetivos expressos no documento, na medida em que não impedem a ocorrência de grafias não-convencionais, sobretudo de vogais pretônicas. Todavia, ressaltamos o fato de as grafias não-convencionais estudadas não indicarem uma deficiência nesse ensino simplesmente pelo fato de não estarem grafadas de acordo com a convenção – induzindo à suposição de que esses escreventes não conhecem a ortografia das palavras mais recorrentes. Contrariamente a conclusões desse tipo, todos os resultados apontaram para a percepção, por parte dos escreventes, das características heterogêneas da ortografia, que podem se tornar mais ou menos proeminentes nos diferentes momentos de seu processo de escrita – é o que revelam as flutuações de escolha de grafemas ocorridas em um mesmo texto. Portanto, ainda que se considere a necessidade de revisão dessas metodologias, que devem considerar o processo de produção escrita – notando as diferentes percepções do escrevente – e não o seu produto – notado apenas pelo resultado (como acertos ou como erros) –, ressaltamos o fato de que são essas mesmas metodologias que, ao desenvolverem as percepções das características da ortografia, os conduzem tanto às grafias escritas de acordo com essa convenção, quanto às grafias não-convencionais.

Anexos

Anexo A – Transcrição das propostas de produção textual

Proposta 1

- Observe a tirinha e discuta com seus colegas e professor(a) como o tema amoroso é tratado.



- A partir da discussão, escreva um texto em que dê continuidade à história, contando o que aconteceu com cada uma das personagens após a cena do último quadrinho. Para escrever seu texto, assuma a visão de uma das personagens.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura.
- Dê um título a seu texto.

Proposta 2

- O cordel abaixo conta a história do Mestre Bimba, um capoeirista. Leia-o com atenção.

Bimba espalhou capoeira nas praças do mundo inteiro

Manoel dos Reis Machado
Famoso na capoeira
É nossa árvore do bem
Nosso grande mestre Bimba
Nome que até hoje vem
Por não perder pra ninguém

Ganhou a vida, com tudo
Fez carvão, cortou madeira
Foi trapicheiro e carpina
Estivador de primeira
Mas o que fez com mais classe
Só foi jogar capoeira.

Engenho Velho de Brotas
Local do seu nascimento
Salvador sua cidade
Onde alegria e tormento
Lhe deram vivacidade
Força, coragem e talento.

Luís Gonzaga foi rei
Cantando mulher rendeira
Pelé foi o rei da bola
Com meião e com chuteira
E mestre Bimba sem dúvida
Foi o rei da capoeira.

- Como visto, o cordel é um tipo de texto em que se pode identificar tanto elementos da narração (personagens e ações) quanto elementos da poesia (rima).
- Levando em conta esses aspectos, escreva também um cordel que conte um pouco de sua história.
- Você deve escrevê-lo em primeira pessoa, no espaço de quatro estrofes, abaixo delimitado.
- Dê um título a seu texto.

Proposta 3

- A tirinha abaixo foi criada por Maurício de Sousa, um dos mais conhecidos cartunistas infanto-juvenis brasileiros. Suas principais personagens (Mônica, Cascão, Cebolinha e Magali) foram inspiradas na vida real. Observe-a com atenção e, em seguida, discuta com seus colegas as características de cada uma das personagens, tendo em vista os desejos de cada um.



Copyright © 1999 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

- Imagine que agora é a sua vez de depositar uma moedinha no poço dos desejos e produza um texto contando os seus maiores sonhos; quais objetos gostaria de comprar, que lugares gostaria de conhecer, que profissão você pretende exercer, etc.
- Seu texto deve conter de 15 a 20 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita.

Proposta 4

- Observe os quadinhos abaixo do Chico Bento e seu primo da cidade.



- Chico Bento e seu primo fazem coisas parecidas ao longo do dia, mas cada um não sabe o que o outro faz. Suponha que você, como Chico Bento, tenha ouvido falar sobre a possibilidade de contar sobre as coisas que faz por meio da internet.

- Escreva uma carta para seu primo da cidade, pedindo para ele contar o que é a internet e como se faz para mandar mensagem por meio do MSN.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e

deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título a seu texto.

Proposta 5

- Leia o trecho abaixo, retirado do livro "Admirável mundo louco", de Ruth Rocha.

Sou estudante de fláritis, na Universidade de Flutergues. Por acaso, passeando no disco voador Firula 3 fui parar no conjunto estelar Fléquites. Como estivesse sem combustível, tentei descer em algum planeta a fim de poder me reabastecer.

O 3º planeta deste sistema me pareceu jeitoso, pois nele há grandes massas de água. Como todos sabemos, este planeta é habitado por seres estranhíssimos, uns diferentes dos outros. Vamos chamar estes espécimes de freguetes, que são a coisa mais parecida com os terráqueos de que eu me lembro.

Como é que eles são? Vou tentar descrevê-los.

Em cima eles têm uma esfera, só que não é bem redonda. De um lado da esfera tem uns fios muito finos, que são de muitas cores. Do outro lado tem o que eu acho que é a cara deles.

Na cara, bem em cima, eles têm umas bolas que eles chamam de olhos. É por aí que sai, às vezes uma aguinhaaguinha. Mas só às vezes. Um pouco mais em baixo tem uma coisa que salta pra fora, com dois buraquinhos bem em baixo. Isso eles chamam de nariz. Mais abaixo ainda tem um buraco grande, cheio de grãos brancos e tem uma coisa vermelha que mexe muito.

[...]

Eu poderia ainda contar muitas coisas sobre este planeta. Mas como eu não entendi quase nada, acho que não adianta muito. Recomendo, por isso uma nova visita ao planeta, mas com muito cuidado, por um grupo especializado em planetas de alto risco. Pois este planeta, que é chamado por seus freguetes de Terra - é incrivelmente semelhante ao planeta Flórides do sistema Flíbito, que se desintegrou, na era Flatônica, não se sabe por que, mas, que nessa ocasião despreendeu grandes nuvens de fumaça em forma de cogumelos...

- Imagine que você é um astronauta que foi mandado a algum planeta do Sistema Solar. Quando você chegou lá, encontrou alguns habitantes daquele planeta estranho.
- Da mesma maneira que o extraterrestre descreveu o planeta Terra, escreva uma narrativa, em que você seja o personagem principal, contando como era o planeta e seus habitantes.

Proposta 6



- Com a chegada das Festas do Final do Ano, acontecem várias promoções de prêmios e sorteios de viagens. Suponha que, neste ano, ocorra um sorteio de quatro pacotes turísticos para os alunos de sua escola e que você ganhe uma viagem de avião, com direito à acompanhante, por 8 dias, para a Disneylândia, nos EUA, com tudo pago!
- Com base em seus conhecimentos, conte como espera que sejam esses oito dias da viagem.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título ao seu texto.

Anexo B – Tabelas com os resultados de grafias convencionais

Tabela 13. Grafias convencionais em contexto de alçamento categórico

	(i)		(ii)			(iii)		
	<e>	<i>	<e>	<i>	<e>	<i>	<o>	<u>
P1	332	21	32	5	2	28	11	31
P2	269	59	5	1	6	30	8	3
P3	137	40	5	0	51	75	49	11
P4	516	35	6	0	4	53	5	7
P5	441	9	21	0	7	115	9	16
P6	387	27	5	2	0	740	5	5
Total	2082	191	74	8	70	1041	87	73

Tabela 14. Grafias convencionais em contexto de alçamento variável

	<e>	<i>	<o>	<u>
P1	937	490	764	345
P2	423	284	288	82
P3	1092	499	733	192
P4	763	434	521	150
P5	714	393	544	158
P6	967	692	806	143
Total	4896	2792	3656	1070

Anexo C – Quadros com as grafias não-convencionais encontradas

<i>Transcrição fonética</i>			<i>Hipercorreção</i>		
(a)	(b)	(c)	(a)	(b)	(c)
23	12	21	26	6	10
imbora imprego impresas impresas incinou incontrar indendeou(entendeu) indereso infrentarei insina insinar insinar insine intalado intendi intendia interrado intreter isperiência isquisito istadia istadia istoria	discansa(r) discobri discobriu disculpas discupa disfile disfile dismaiar dispedindo dispertar diperdador dispidir	<i> baliado paciando paciár passiando pentiado sortiado sortiado sortiado sortiados sortiaram tiatro <u> amuntuados capuera capuerita duença duende duente juelho mueda muetinhas vuava	hestória(?) emploro emportantes emporte(importe) encrivel encrivel encrivel encriveu enfelizmente enfernizar enferno enformatica engles engrivel enteira enteiro enteiro entereçada enterecei enteressante enterior enternete enterrogação envadia enventando envisíveis	desculsão desfarçadas desfarçado desfarçados desparado desparar	<e> anceoso anceoso aveao aveão cureosidade veagem veagem veajar <o> gratoito soado

Quadro 3 - Grafias não-convencionais em contextos de alçamento categórico

<i>Transcrição fonética</i>			
79			
Nomes		Verbos	
42		37	
coronais	dorsais	coronais	dorsais
20	22	19	18
<u>atindida</u>	<u>acustumado</u>	<u>cigurando</u>	<u>acustuma</u>
<u>desesperado</u>	<u>amuntados</u> ⁴²	<u>conquistaram</u>	<u>acustuma</u>
<u>desespero</u>	<u>bunitão</u>	<u>consequio</u>	<u>cusinhar</u>
<u>desespero</u>	<u>bunitinho</u>	<u>consequio</u>	<u>descubri</u>
<u>esquicido</u>	<u>cumida</u>	<u>consequir</u>	<u>descubri</u>
<u>esquicido</u>	<u>cumprido</u>	<u>consequir</u>	<u>descubrir</u>
<u>filizes</u>	<u>cumprido</u>	<u>consequirei</u>	<u>descubriu</u>
<u>filizes</u>	<u>cumpridos</u>	<u>diciuiu</u>	<u>dumir</u>
<u>ligal</u>	<u>curuja</u>	<u>dirubava</u>	<u>durmimos</u>
<u>mininas</u>	<u>cusinheiro</u>	<u>disidiu</u>	<u>durmir</u>
<u>obediencia</u>	<u>cutuvelo</u> ¹	<u>perseguir-los</u>	<u>durmir</u>
<u>perseguicão</u>	<u>fuguete</u>	<u>pidir</u>	<u>muntei</u>
<u>piquenas</u>	<u>fuguete</u>	<u>prissisa</u>	<u>munto(u)</u>
<u>piqueninha</u>	<u>fuguete</u>	<u>quiria</u>	<u>podia</u>
<u>piquinha</u>	<u>fuguete</u>	<u>quiria</u>	<u>podia</u>
<u>piquininha</u>	<u>fuguete</u>	<u>sigir</u>	<u>podia</u>
<u>piriquito</u>	<u>muleque</u>	<u>siguiu</u>	<u>podiam</u>
<u>siguansa</u>	<u>oportunidade</u>	<u>vistiu</u>	
<u>siguansa</u>	<u>subrinho</u>		
<u>sivicos</u>	<u>suçegado</u>		

Quadro 4 - As grafias não-convencionais por *transcrição fonética* em contextos de alçamento

variável⁴³

⁴² Foram contabilizadas as duas grafias de <u> não-convencionais da palavra.

⁴³ Legenda para os quadros 4 e 5: **negrito**, contexto de *harmonização vocálica*; sublinhado, contexto de *redução vocálica*

<i>Hipercorreção</i>			
86			
Nomes		Verbos	
54		32	
Coronais	dorsais	coronais	dorsais
47	7	23	9
<u>anemalzinho</u> <u>cedades</u> <u>cotédiano</u> <u>deferente</u> <u>deferente</u> <u>deferentes</u> <u>deferentes</u> <u>degitação</u> <u>denheiro</u> <u>dereito</u> <u>deretora</u> <u>disciplinada</u> <u>deversas</u> <u>devertido</u> <u>devertido</u> <u>digetal</u> <u>esquesitas</u> <u>esquesitas</u> <u>esquesito</u> <u>esquesito</u> <u>esquesito</u> <u>esquesitos</u> <u>esquesitos</u> <u>esquesitos</u> <u>esquesitos</u> <u>mesteriosos</u> <u>novidade</u> <u>obregado</u> <u>obregado</u> <u>pescina</u> <u>pesina</u> <u>pesina</u> <u>pesina</u> <u>pesinas</u> <u>premeira</u> <u>premeira</u> <u>premeiramente</u> <u>premeiro</u> <u>premeiro</u> <u>premeiro</u> <u>premeiro</u> <u>requeza</u> <u>senceros</u> <u>tereto</u> <u>vertuais</u> <u>vetoria</u>	<u>compotador</u> <u>conhado</u> <u>golozeimas</u> <u>logar</u> <u>mulher</u> <u>Molher</u> <u>popila</u>	<u>adesiona(adicionar)</u> <u>adesona(adiciona)</u> <u>avestou</u> <u>conquistar</u> <u>contenua</u> <u>contenuou</u> <u>decedi</u> <u>desestiu</u> <u>desseram</u> <u>devertindo</u> <u>devertiu</u> <u>fecando</u> <u>fecaram</u> <u>fecou</u> <u>fecou</u> <u>fequei</u> <u>fequei</u> <u>provedencieei</u> <u>queser</u> <u>quezer</u> <u>vevendo</u> <u>vever</u> <u>veveram</u>	<u>comprimentar</u> <u>comprimentou</u> <u>fogindo</u> <u>fogir</u> <u>fogiu</u> <u>poder(puder)</u> <u>podessem</u> <u>polando</u> <u>sobi(subi)</u>

Quadro 5 - As grafias não-convencionais por hipercorreção em contextos de alçamento variável

Referências Bibliográficas

ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. & MAYRINK-SABINSON, M.L. *Cenas de aquisição da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1997.

ABAURRE-GNERRE, M. B. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões diversos nos estilos formal e casual do português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.2, p. 23-45, 1981.

ADAMOLI, Marco Antônio. *Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

BAKHTIN, M. Gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1989.

BISOL, L. *Harmonização vocálica: uma regra variável*. 1981. 280f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

BISOL, L.; BRESCANCINI, C. (Orgs.) *Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 22 abr 2011.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetizando sem o BA-BE-BI-BO-BU*. São Paulo: Scipione, 1998.

CAGLIARI, L. C. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, M. (org.). *Ortografia da língua portuguesa: história, discurso e representações*. São Paulo: Contexto, 2009. CAMARA, J. M. Jr. *Problemas de linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

CAMPOS, L. B. B. As vogais pretônicas no noroeste paulista: estudo das sílabas VC em início de palavra. In: SEMINÁRIO DO GEL, n. 58, 2010. São Carlos. *Programação...* São Carlos: GEL, 2010. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/?resumo=6332-10>>. Acesso em: 11abr.2011.

CAPRISTANO, C. C. ; CHACON, L. Aquisição da escrita infantil: considerações sobre a relação oral/escrito. In: SIMPÓSIO EM FILOSOFIA E CIÊNCIA, n. 5, 2003, Marília. *Anais do V Simpósio em Filosofia e Ciência*. Marília: UNESP Marília Publicações, 2003.

CAPRISTANO, C. C. *Aspectos de segmentação na escrita infantil*. 2003. 213 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

CARMO, M. C. *As vogais pretônicas dos verbos na fala culta do interior paulista*. 2009. 117 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

CELIA, G. F. *Variação das vogais médias pretônicas no português de Nova Venécia – ES*. 114 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. 1996. 389 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CORRÊA, M. L. G. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas (SP): Mercado de Letras, 2001. (p. 135 – 166)

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

CORRÊA, M. L. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. 1997. 435 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997.

EMILIO, A. Diminutivo X grau normal: um enfoque estilístico no enfoque da abordagem variacionista. *Revista da ABRALIN*, v. II, n. 1, p. 9-49, jul de 2003

GINZBURG, C. “Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”. In: ECO, U.; SEBEOK, T. A. (orgs.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p.89-129.

GONÇALVES, C. A. V. Ênfase prosódica e variação (socio)linguística. *Signum: Estudos da linguagem*, n. 1, p. 73-84, 1998.

Instituto Antônio Houaiss. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0*. [s.l.]: Objetiva, 2009.

LEMLE, M. Analogia na morfologia: estudo de um caso. *Revista Brasileira de Linguística*, Petrópolis, n. 1, p. 16-21, 1974.

LEMO, F. A. P. *Interferência da oralidade na escrita: o caso do registro ortográfico do “e, i, o, u” átonos*. 2001. 184 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

MARCATO, F. *A realização das vogais mediais de prefixos na variedade do Noroeste Paulista*. São Paulo: Fapesp, 2010. 101p. Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica relativo ao Proc. 2009/10684-9.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: _____. *Gêneros textuais & ensino*. 5. ed. São Paulo: Lucerna, 2002.

MARQUES, S. M. O. *As vogais médias pretônicas em situação de contato dialetal*. 2006. 159 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. *Diante das Letras: a escrita na alfabetização*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil – ALB; São Paulo: Fapesp, 1999.

MIRANDA, A. R. M. A grafia das vogais pretônicas em textos da escrita inicial. In: Congresso Internacional da ALFAL, XV, 2008, Montevideu. *Livro de Resúmenes*. Montevideu: Imprensa Gega, 2008. V. 1, p. 271-271.

MIRANDA, A. R. M. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais no português. In: ANPED Sul, n. 7, 2006, Santa Maria.

MIRANDA, A. R. M.; SILVA, M. R.; MEDINA, Sabrina Zitzke . O sistema ortográfico do português brasileiro e sua aquisição. *Linguagens & Cidadania*, v. 14, p. 1-15, 2005.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

OLSON, D. R.; TORRANCE, N. *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995.

PAULA, I. F. V. *Movimentos na escrita inicial de crianças: um estudo longitudinal de hipersegmentações*. 2007. 152 f. Dissertação (mestrado) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

REIS, M. C. Sempre [i], às vezes <e>, às vezes <i>: heterogeneidade na escrita de vogais. In: II Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2010, Évora. *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2010. p. 128-149.

RODRIGUES, M. C. *O hiato no português: a tese da conspiração* . 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical*. São Paulo: DELTA, 2001. v.17, n.2, p.175-207.

SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do sistema alfabético do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2003.

SEE/SP. Secretaria de Estado da Educação de São Paulo. *Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa*. São Paulo: SEE. 2008.

SELKIRK, E. O. The syllable. In: HULST, H.; SMITH, N. *The Structure of Phonological Representations*. Dordrecht: Foris, 1982. p. p.337-383.

SILVA, A. *Alfabetização: a escrita espontânea*. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVEIRA, A. A. M. *As vogais pretônicas na fala culta do noroeste paulista*. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2008.

TENANI, L. E. ; SONCIN, G. C. N. . O emprego de vírgulas: evidências de relação entre enunciados falados e escritos. In: Simpósio Mundial de Língua Portuguesa, II, 2010, Évora. *Língua Portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Évora: Universidade de Évora, 2009. v. 01. p. 44-65.

TENANI, L. E. Notas sobre a relação entre constituintes prosódicos e a ortografia. *Revista Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 231-245, jan./jun. 2008.

TENANI, L. E. Segmentações não-convencionais e teorias fonológicas. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 233-244, 2004.

TENANI, L. E.; REIS, M. C. A grafia das vogais pretônicas de nomes e verbos: análise de textos de alunos de quinta série do Ensino Fundamental. In: SIS-Vogais, II, 2009, Belo Horizonte. *Programação*. Belo Horizonte, 2009.

VIANA, V. F. *As vogais médias pretônicas em Pará de Minas: um caso de variação linguística* – Belo Horizonte, 2008. 146 f. Dissertação (mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VIEGAS, M do C. *Alçamento das vogais médias pretônicas: uma abordagem sociolinguística*. 231f. 1987. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

Autorizo a reprodução xerográfica para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 10/06/2011

Assinatura